

DIÁLOGO

Volume 20 No. 2 2010



HAITI

**Um compromisso
em comum**

**Nesta edição:
Manual de prevenção contra desastres, Entrevistas exclusivas**



SENIOR CHIEF PETTY OFFICER FRANKLIN CALL/U.S. NAVY

Índice

CONTENTS

9

NO EPICENTRO DA CRISE

Entrevista exclusiva com o General Ken Keen, Comandante da Força Tarefa Conjunta dos Estados Unidos no Haiti.

AT THE EPICENTER OF THE CRISIS

Exclusive interview with Lt. Gen. Ken Keen, United States Joint Task Force commander in Haiti.

16

PERSPECTIVAS SOBRE O HAITI

Olhando o passado para compreender o presente.

PERSPECTIVES ON HAITI

Looking at the past to understand the present.

20

DA SEGURANÇA AO HUMANITARISMO

Entrevista exclusiva com o General Floriano Peixoto, Comandante das Forças da MINUSTAH.

FROM SECURITY TO HUMANITARIAN ASSISTANCE

Exclusive interview with MINUSTAH Force Commander Maj. Gen. Floriano Peixoto.

24

REGIÃO AJUDA NAÇÃO NECESSITADA A REGION RESPONDS TO A NATION IN NEED

25

CARIBE CARIBBEAN

30

AMÉRICA CENTRAL CENTRAL AMERICA

34

REGIÃO ANDINA ANDEAN RIDGE

40

CONE SUL SOUTHERN CONE

46

BRASIL BRAZIL

50

ESTADOS UNIDOS UNITED STATES

54

HAITIANOS AJUDAM SEUS COMPATRIOTAS HAITIANS HELP THEIR OWN

56

SOCORRISTAS CORREM EM BUSCA DE SOBREVIVENTES DO TERREMOTO RESCUERS RUSH FOR QUAKE SURVIVORS

62

A FÚRIA DA NATUREZA EXPÕE DEBILIDADES NATURE'S WRATH EXPOSES FRAILTY



MARCOS OMMATI/DIÁLOGO



66

GERENCIANDO E REDUZINDO RISCOS DE DESASTRES
MANAGING AND REDUCING DISASTER RISK

72

FORÇAS ALIADAS TREINAM PARA ENFRENTAR DESASTRES
ALLIED FORCES TRAIN FOR DISASTER

74

AYUDA APÓS TERREMOTO NO CHILE
POST-EARTHQUAKE RELIEF IN CHILE

80

PERDENDO UM COMPANHEIRO E UM AMIGO

O Tenente-coronel Fernando de Galvão e Albuquerque Montenegro recorda o Coronel Emílio Carlos Torres dos Santos, que morreu no Haiti no terremoto de 12 de janeiro.

LOSING A COMRADE AND FRIEND

Lt. Col. Fernando de Galvão e Albuquerque Montenegro remembers his friend Col. Emilio Carlos Torres dos Santos, who died in Haiti's January 12 quake.

82

IN MEMORIAM

ONU de luto por funcionários mortos no Haiti

IN MEMORIAM

U.N. mourns staff members killed in Haiti.



MARCOS OMMATI/DIÁLOGO

NA CAPA: O Capitão Rodrigo Ferreira do Nascimento ensina as crianças em Cité Soleil, Haiti, como empinar um papagaio. O oficial do exército faz parte do contingente brasileiro de 1.300 efetivos junto à Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti.

ON THE COVER: Captain Rodrigo Ferreira do Nascimento shows children how to fly a kite in Cité Soleil, Haiti. The Army officer is part of the Brazilian contingent of 1,300 troops with the United Nations Stabilization Mission in Haiti.

Créditos fotográficos da contracapa:

Back cover photo credits:
SENIOR CHIEF PETTY OFFICER
SPIKE CALL/U.S. NAVY
MARCOS OMMATI/DIÁLOGO

Termo de Responsabilidade: Os títulos e patentes das pessoas entrevistadas para esta edição correspondem à época em que as entrevistas foram conduzidas.

Disclaimer: The titles and ranks of the people interviewed for this edition were current at the time the interviews were conducted.



DIÁLOGO

Fórum das Américas
Forum of the Americas

Diálogo: O Fórum das Américas é uma revista militar profissional publicada trimestralmente pelo Comando do Sul dos Estados Unidos na forma de um fórum internacional para o contingente militar na América Latina. As opiniões expressas nesta revista não refletem necessariamente as políticas ou pontos de vista deste comando nem de qualquer outra agência governamental dos Estados Unidos. Os artigos são escritos pela equipe de funcionários de Diálogo, salvo indicação em contrário. O Secretário de Defesa determinou que a publicação desta revista é necessária para a condução de negócios públicos, conforme requerimento judicial do Departamento de Defesa.

Diálogo: The Forum of the Americas is a professional military magazine published quarterly by the United States Southern Command as an international forum for military personnel in Latin America. The opinions expressed in this magazine do not necessarily represent the policies or points of view of this command nor of any other agency of the United States Government. All articles are written by Diálogo's staff, unless otherwise noted. The Secretary of Defense has determined that publication of this magazine is necessary for conducting public business as required of the Department of Defense by law.

Contate-nos
Contact Us

dialogo@dialogo-americas.com

DIÁLOGO

3511 NW 91st Avenue
Miami, FL 33172-1216
USA

www.dialogo-americas.com



Essa criança perdida em Porto Príncipe é uma das milhares de crianças vivendo em extrema pobreza na cidade devastada pelo terremoto.

A displaced toddler in Port-au-Prince is one of the thousands of children living in extreme poverty in the earthquake-ravaged city.



A Catedral de Nossa Senhora da Assunção em Porto Príncipe — construída entre 1884 e 1914 — continua em pé, mas teve sua estrutura abalada pelo terremoto do Haiti.

The Cathedral of Our Lady of the Assumption in Port-au-Prince — built between 1884 and 1914 — is still standing, but Haiti's earthquake left it structurally ruined.



MARCOS OMMATI/DÁLOGO





SOPHIA PARIS/AGENCE FRANCE PRESSE/UN



As associações não-governamentais e as forças militares americanas montaram mais de 700 assentamentos de tendas todo Porto Príncipe após o terremoto.

Nongovernmental associations and the U.S. military put together as many as 700 tent-city camps throughout Port-au-Prince after the earthquake.



Os haitianos seguem em frente com otimismo renovado.

Haitian citizens move forward with renewed optimism.

(3) MASTER CHIEF PETTY OFFICER FRANKLIN CALL/U.S. NAVY

UNIDOS pelo Haiti

Tenho o prazer de apresentar essa edição especial da revista *Diálogo* sobre a ajuda internacional ao Haiti após o terremoto devastador que sacudiu essa nação caribenha no dia 12 de janeiro de 2010.

Eu admiro a coragem e a força do povo haitiano que tanto luta para superar um dos piores desastres naturais a atingir o Hemisfério ocidental. Os haitianos são os verdadeiros heróis dessa tragédia, e o exemplo de fé e fortaleza por eles demonstrado representa uma lição para todos nós.

Nós que tivemos a oportunidade de ajudar o povo haitiano nos sentimos honrados de havermos contribuído em uma missão tão importante como essa — uma missão que nos recorda a nossa humanidade em comum e o papel vital que a cooperação internacional desempenha quando oferece assistência a outros países em tempos de crise, unidos pelo mesmo objetivo.

Eu estava presente quando o terremoto atingiu o país e tenho orgulho de ser parte da comunidade internacional que respondeu ao chamado de ajuda do governo haitiano. O nosso presidente declarou que o governo americano continua comprometido em apoiar o Haiti durante a difícil

tarefa de reconstrução e na sua luta por um futuro próspero. As nossas forças militares, que fazem parte desse compromisso, proporcionaram apoio logístico, médico e de segurança vitais para o governo e o povo haitiano. Essa ajuda de emergência criou um ambiente mais favorável para que as agências civis e a Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti (MINUSTAH) continuem avançando com o esforço de reconstrução.

Eu admiro os meus colegas do MINUSTAH que, apesar das muitas perdas que essa missão sofreu durante o terremoto, superaram todos os obstáculos e direcionaram imediatamente seus esforços para oferecer ajuda de emergência. Também quero expressar meu agradecimento pela liderança do General Floriano Peixoto, comandante brasileiro das forças do MINUSTAH. Sem a sua dedicação, amizade e colaboração constante, não teríamos conseguido êxito.

Eu quero aqui homenagear todos aqueles que têm trabalhado arduamente, e continuam trabalhando, para ajudar o povo haitiano.



General Ken Keen

Comandante das tropas americanas no Haiti, Operação Resposta Unificada

UNITED for Haiti

It is my privilege to present this special edition of *Diálogo* magazine on international relief efforts to Haiti following the devastating earthquake that rocked the Caribbean nation on January 12, 2010.

I admire the courage and resilience of the Haitian people as they struggle to overcome one of the worst natural disasters to have affected the Western Hemisphere. The Haitian people are the true heroes of this story, and their example of faith and fortitude is a lesson to us all.

Those of us who were able to provide aid to the people of Haiti are honored to have served in such an important mission — one that reminds us of our common humanity and of the vital role that international cooperation plays when we assist other nations in times of crisis, united in a common goal.

I was there at the moment the earthquake struck and was honored to be a part of the international community's response to the call from the government of Haiti. Our president has stated the U.S. government remains committed to supporting

Haiti as it takes on the difficult task of reconstruction and strives for a more prosperous future. Our military forces, as a part of this commitment, provided vital logistical, medical, and security support to the Haitian government and the Haitian people. This emergency assistance set the stage for a more favorable environment for civilian agencies and the United Nations Stabilization Mission in Haiti, or MINUSTAH, to move forward in the rebuilding effort.

I recognize that my colleagues in MINUSTAH, which, despite the many losses this mission suffered in the quake, overcame all obstacles and instantly directed its efforts to providing urgent disaster relief. I also want to express my appreciation for the leadership of Maj. Gen. Floriano Peixoto, the Brazilian commander of MINUSTAH forces. Without his dedication, friendship and close collaboration, we could not achieve success.

I salute all those who have worked so hard, and continue to work, to provide aid to the Haitian people.

Lt. Gen. Ken Keen

Joint Task Force Haiti commander, Operation Unified Response

No epicentro da crise

Entrevista exclusiva com o General Ken Keen,
Comandante da Força Tarefa Conjunta dos Estados Unidos no Haiti

DIÁLOGO
FOTOS POR CONTRA-MESTRE **SPIKE CALL**/MARINHA DOS EUA

Imagine estar em um país onde acaba de ocorrer uma catástrofe natural de grandes proporções. Agora, imagine ser uma das pessoas neste mesmo país a quem todos acodem procurando respostas e orientação. Foi exatamente isso que aconteceu com o General Ken Keen, Subcomandante do Comando Sul dos Estados Unidos, que estava no Haiti na hora do terremoto. O General Keen foi, então, nomeado Comandante da Força Tarefa Conjunta, encarregada dos esforços de ajuda ao povo haitiano. Nesta entrevista exclusiva revista *Diálogo*, concedida em Porto Príncipe, o General Keen nos oferece uma impressionante visão pessoal do momento da tragédia e avalia as decisões estratégicas que foram tomadas nos dias seguintes.

At the Epicenter of the Crisis

Exclusive interview with Lt. Gen. Ken Keen,
commander of U.S. Joint Task Force Haiti

DIÁLOGO
PHOTOS BY U.S. NAVY SENIOR CHIEF PETTY OFFICER **SPIKE CALL**

Imagine being in a country when a major natural disaster hits. Now imagine being one of the people in this same country to whom everyone else will turn for answers and guidance. That's exactly what happened to Lt. Gen. Ken Keen, military deputy commander of U.S. Southern Command, who was in Haiti at the time the earthquake struck. Lt. Gen. Keen became the Joint Task Force commander in charge of the U.S. military relief effort in Haiti and spoke to *Diálogo* in Port-au-Prince. In this interview, Lt. Gen. Keen provides his personal insight into the moment the tragedy occurred and an assessment of the strategic decisions taken in the days that followed.



DIÁLOGO: O senhor estava no Haiti quando aconteceu o terremoto. Qual foi sua reação e avaliação imediata naquele momento?

General Keen: Ficou logo evidente que era um terremoto significativo e que haveria consequências devastadoras. Eu e o embaixador estávamos sentados na varanda de sua casa nos preparando para uma recepção naquela noite. Quando aconteceu, houve um tremor violento e uma enorme explosão. Mas não era nenhuma explosão. Refletindo mais tarde, acho que o que ouvimos pode ter sido um dos grandes hotéis nas redondezas que estava desmoronando. Parecia que não terminaria nunca, mas me disseram que durou cerca de 40 segundos. Imediatamente telefonamos para o SOUTHCOM para informá-los onde estávamos e que entraríamos em contato com eles tão logo tivéssemos mais informações. Isto foi às 16h53, cerca de uma hora antes do pôr-do-sol. Havia uma nuvem de poeira cobrindo toda a cidade. Não podíamos ver nada no vale porque as estruturas que caíram geraram uma nuvem de poeira. Quando começou a anoitecer, era possível ouvir os clamores e os gritos do que estava acontecendo lá embaixo.

As primeiras horas foram de tentativas para entrar em contato com o pessoal da embaixada, para contabilizarmos seus funcionários. Onde estão todos? Estão todos bem? Começamos a perceber, então, que a situação era realmente dramática. Conseguimos informações de que o Hotel Montana, onde tínhamos pessoas hospedadas, havia desmoronado. Conseguimos informações de que as casas dos funcionários da embaixada haviam desmoronado. Um oficial meu subordinado, que se hospedava no Hotel Montana, apareceu com sérios ferimentos. Ele havia caído do quinto andar ...mas conseguiu se arrastar para fora. Tinha uma perna fraturada, ferimentos graves no braço e lacerações. Ele foi levado para a residência do embaixador porque era próxima ao Hotel Montana.

A princípio, não estávamos seguros sobre os estragos no aeroporto, porque poucos minutos após o terremoto um voo da American Airlines de fato decolou. Falamos mais tarde com o gerente da American Airlines e ele nos disse que estavam carregando o avião quando o terremoto aconteceu. O piloto, após falar com a equipe em terra, precisou decidir se partiria ou não. Verificaram que a pista estava em boas condições e ainda estava claro. Então perguntaram aos passageiros se queriam partir ou ficar. Alguns resolveram partir, a maioria permaneceu. Assim, o avião decolou. Dessa forma ficamos sabendo que a pista estava boa, mas que a torre havia caído.

O presidente do Haiti enviou três de seus ministros de motocicletas para falarem com o embaixador na sua residência; o embaixador conversou então com o presidente pelo telefone para saber sua avaliação. A única coisa que ele perguntou naquele momento foi se conseguiríamos reabrir o aeroporto, pois sabia que isso seria essencial para receber assistência médica de emergência.

DIÁLOGO: You were in Haiti when the earthquake hit. What was your immediate reaction and assessment at that moment?

Lt. Gen. Keen: It was evident immediately that it was a significant earthquake that was going to have devastating consequences. I was with the ambassador, sitting on the veranda of his house preparing for a reception that evening. When it hit, there was a violent shake and it sounded like a large explosion. Clearly, that wasn't it. On later reflection, I think what we heard may have been one of the major hotels nearby that was collapsing. It seemed it would go on forever, but it lasted about 40 seconds I'm told. We immediately called SOUTHCOM to let them know where we were and that we would get in touch with them as soon as we had more information. This was at 4:53 [p.m.], about an hour before the sun goes down. There was a cloud of dust that covered the entire city. You couldn't see down into the valley because all the falling structures had created this layer of dust. As it started getting dark, you could hear the screaming and yelling from what was happening below.

The first hours following that were about trying to get in contact with folks at the embassy, about accountability of your people. Where's everybody at? Is everyone OK? Then we started understanding that this was really dramatic. We got reports that the Hotel Montana collapsed, which is where we had people staying. We got reports that the homes of embassy staff had collapsed. One of the officers assigned with me and who was staying at the Hotel Montana showed up with severe injuries. He had fallen from the fifth floor ... but was able to crawl out. He had a broken leg, a badly injured arm and lacerations. He was brought up to the ambassador's residence because the Hotel Montana is nearby. It soon became evident that the earthquake had created significant damage.

We were unsure of the damage to the airport at first, because a few minutes after the earthquake, an American Airlines flight actually took off. We spoke later with the manager of American Airlines, and [he said] they were loading that plane when the earthquake struck. The pilot, after talking with the ground crew, had to make a decision whether to stay or leave. They checked the runway and it was OK, and it was still light outside. So they gave passengers the choice to decide whether they wanted to stay or leave. A few decided to fly out, but most stayed back. So they flew out. So we knew that the runway was OK, but the tower had collapsed.

The Haitian president sent three of his ministers to the ambassador's residence on motorcycles to talk to the ambassador, and the ambassador talked to the president by phone to get his assessment. The only thing he asked at that time was to make sure we could reopen the airport because he understood that would be critical for getting in emergency medical assistance. We alerted SOUTHCOM and they immediately sent special operations aviation air force teams and they arrived at 9 [a.m.] on the first day and were able to immediately reopen the airfield to operate 24 hours a day, seven days a week. So getting the airfield open was critical from the very beginning.

The next day at daylight, I went to the headquarters of the U.N. forces. It had collapsed. I linked up with the chief of staff of the MINUSTAH [United Nations Stabilization Mission in

Avisamos ao SOUTHCOM, e eles imediatamente enviaram equipes de operações especiais da força aérea que chegaram às 9h do dia seguinte e conseguiram reabrir imediatamente o campo de pouso para operar 24 horas, sete dias por semana. Abrir o aeroporto foi essencial desde o início.

No dia seguinte, com a luz do dia, fui à sede das forças da ONU. Estava arrasada. Entrei em contato com o chefe da equipe das forças da MINUSTAH [Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti], que iniciou os esforços de ajuda. Naquela noite já sabíamos que teríamos que evacuar alguns corpos. O SOUTHCOM enviou barcos da guarda costeira que estavam por perto para ajudar, e começamos a evacuar para a Baía de Guantánamo os americanos que haviam sido trazidos para a embaixada aos primeiros raios de luz do dia 13 de janeiro.

Todos no Haiti estavam no mesmo barco, fossem da ONU, funcionários do governo ou cidadãos civis haitianos, todos nós fomos atingidos pelo terremoto. A ONU perdeu 101 funcionários e colocou nas ruas as tropas que não tinham sido afetadas para garantir a lei e a ordem. Um destacamento brasileiro perdeu mais de 15 soldados apenas em uma unidade. Quer dizer, eles foram afetados pessoalmente e tragicamente pelo terremoto. Apesar de tudo, precisavam cuidar das necessidades das pessoas nas ruas e garantir a lei e a ordem.

Demorei duas horas e meia de carro da residência do embaixador até o aeroporto, o que normalmente é uma viagem de 30 minutos. Isso porque chegávamos em uma esquina e tudo estava bloqueado, tentávamos outra e estava fechada também. Havia pessoas deitadas nas ruas, sangrando, e prédios sendo vasculhados em busca de sobreviventes. Era a expressão do caos. Todos tentavam ajudar uns aos outros da melhor forma possível. Hospitais e unidades médicas também haviam desabado. Assim, naquela primeira manhã, ninguém sabia quais unidades médicas ainda funcionavam. Soubemos mais tarde que algumas, como o Hospital Argentino, estavam funcionando, e as pessoas eram enviadas para lá. Foi muito, muito caótico e não se sabia ao certo total dos estragos.

DIÁLOGO: O senhor ficou frustrado por querer ajudar mais naquele momento, sem ter as condições necessárias?

General Keen: Não sei se frustração é a palavra correta. Trata-se mais de reconhecer a realidade. Um terremoto ataca sem avisar, e estávamos num país que não tinha muita infraestrutura e capacidade para lidar com isso. Era o caso de determinar rapidamente os meios que estavam disponíveis para oferecer alívio. Um aspecto que provavelmente não foi considerado suficientemente foi que a perda de vidas teria sido muito pior se não fosse a presença das forças da ONU no local. Mesmo tendo

Haiti] forces there. That started the relief effort. That night we already knew we had some casualties that had to be evacuated. SOUTHCOM sent Coast Guard cutters that were nearby to assist, and we started evacuating those Americans who had been brought to the embassy at first light on January 13th to Guantanamo Bay.

Everyone in Haiti was in the same boat, whether you were U.N., government personnel or Haitian civilians; we were all affected by the earthquake. The U.N. lost 101 people and they were putting their troops that were not affected on the streets to make sure law and order was maintained. A Brazilian company lost over 15 Soldiers, in just one company. So they were personally and tragically affected by the earthquake. At the same time they had to address the needs of the people on the street and ensure law and order.

It took me 2 1/2 hours to drive from the ambassador's residence to the airport, which normally is a 30-minute drive, because we would go down one corner and it would be blocked, we'd try another corner and that was blocked also. There were people lying in the street who were bleeding and buildings being searched for survivors. It was utter chaos. Everybody was trying to help everybody as best they could. The hospitals and medical facilities had also collapsed. So that first morning no one knew what medical facilities were still operational or not. We later learned that some, like the Argentine hospital, were working and people were directed to go there. It was very, very chaotic and unclear in terms of the total damage.

DIÁLOGO: Did you feel frustrated that you wanted to help more at that moment and didn't have the assets at hand?

Lt. Gen. Keen: I don't know if frustration is the right word. It's more a recognition of reality. An earthquake strikes without warning and we were in a country that did not have a lot of infrastructure and capacity to deal with this. It was a matter of determining quickly what capabilities were available to provide relief. One aspect that probably has not been recognized sufficiently is that the loss of life would have been a lot worse had there not been U.N. forces here. Even though the U.N. forces were heavily impacted, they had the most forces on the ground to maintain law and order. The U.N. had troops and they were out trying to do the best they could, even though they were seriously affected. We clearly saw that our job was to immediately inform Southern Command and our leadership in Washington, D.C., what we could see on the ground so that decisions could be made on what resources would be made available to support the people of Haiti.

It was clear that we were going to need as much as they could possibly send this way, and in fact they had already done that. Decisions had already been made the night before to move the aircraft carrier USS Carl Vinson this way, as well as the USS Bataan, other ships and the 26th Marine Expeditionary Unit. We were also talking about how much support we would get from the 82nd Airborne Division. The first day we sent Coast Guard helicopters and Airmen to open the airfield. On the second day we saw the lead elements of the 82nd, and on the third day we saw the lead elements of the maritime component coming

sido gravemente atingidas, as forças da ONU foram as mais presentes nas ruas, mantendo a lei e a ordem. As tropas da ONU estavam tentando fazer o melhor possível, mesmo tendo sido gravemente afetadas. Logo percebemos que deveríamos informar ao Comando Sul e nossa liderança em Washington D.C. sobre o que estávamos presenciando, para que as decisões sobre quais recursos estariam disponíveis pudessem ser tomadas, a fim de auxiliar as pessoas no Haiti.

Estava claro que precisaríamos do máximo que eles pudessem nos enviar, e eles na verdade já tinham feito isso. Já haviam tomado decisões na noite anterior de enviar o porta-aviões USS Carl Vinson, bem como o USS Bataan, alguns outros navios e a 26ª Unidade Expedicionária da Marinha. Também conversamos sobre o tipo de apoio que teríamos da 82ª Divisão de Transporte Aéreo. No primeiro dia, enviamos helicópteros da guarda costeira e pilotos para abrir o campo de pouso. No segundo dia, vimos chegar elementos líderes da 82ª Divisão e no terceiro chegaram os elementos líderes do contingente marítimo, incluindo os helicópteros do Carl Vinson. Era evidente que tínhamos que fazer o máximo possível para ajudar o povo do Haiti, reconhecendo que a prioridade era salvar vidas e organizar equipes de busca e resgate.

Do trajeto da residência do embaixador até o aeroporto, pude informar ao comandante que um em cada três prédios havia desmoronado. Assim, havia muita gente precisando ser resgatada debaixo dos escombros, e que não seriam centenas – e sim milhares. O Departamento de Estado e a USAID [Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional] têm equipes de busca e resgate que fazem isso profissionalmente em todo o mundo. As duas mais conhecidas dos Estados Unidos são a de Fairfax, na Virgínia, e a de Los Angeles. Essas equipes foram imediatamente alertadas. São 72 homens, entre os melhores bombeiros, que atendem a esse tipo de crise. No final, havia cerca de 30 dessas equipes do mundo todo aqui. Só no Hotel Montana havia seis equipes ao mesmo tempo, devido ao número de pessoas ali presas e o número de vidas que precisavam ser salvas. Acredito que foram mais de 120 vidas resgatadas nesse período, o que sem dúvida não tem precedentes devido à magnitude do desastre.

O mais importante é ter equipes de busca e resgate para salvar vidas e dar assistência médica. No melhor das hipóteses, se nenhum hospital tivesse sido atingido, já teria sido muito difícil. O fato de que a maioria dos hospitais foi atingida ou completamente destruída, criou um obstáculo praticamente impossível de se enfrentar. Ficou logo claro que seria preciso conseguir assistência médica de emergência o mais rápido possível, sejam hospitais de campanha de organizações não-governamentais ou navios-hospital enviados pelos EUA, como foi o caso do USNS Comfort que estava na doca quando ocorreu o terremoto. Eles precisaram ligar os motores e tripular

in to include helicopters from the Carl Vinson. It was evident we needed to push as much as we could to support the people of Haiti, recognizing that the need was to save lives and set up search and rescue teams.

I could tell the commander just by driving from the ambassador's residence to the airport that every third building had collapsed. So there were lots of people that needed to be rescued under this rubble, and it's not going to be hundreds — but thousands. The Department of State and USAID [U.S. Agency for International Development] have search and rescue teams that do this all over the world professionally, the two most well-known from the U.S. being the one out of Fairfax, Va., and the one out of Los Angeles. Those teams were alerted immediately. It's a 72-man element of the best firefighters who respond to this type of crisis. There ended up being about 30 of those teams from around the world here. The Hotel Montana at one time had six teams alone because of the number of people trapped there and the number of lives that needed to be saved. I think there were over 120 lives rescued over the course of this, which by all accounts, is unprecedented in a disaster like this.

So first, you need search and rescue teams to save lives and then medical assistance. Under the best of circumstances, if no hospitals would have been affected, it would have been overwhelming. The fact that almost every hospital was either affected or completely destroyed made it almost an insurmountable obstacle to overcome. It became clear early on that they needed to push in as much emergency medical assistance as possible, whether it's field hospitals from nongovernmental organizations or hospital ships that the U.S. set up, getting the USNS Comfort here, which was in dock when the quake hit. They had to start the engines and man it with all the doctors from all different places and get it going in record time.

The accomplishments of the hospital ship Comfort had never been done before to this magnitude. They performed over 850 surgeries. They saw more patients in a short period of time than they had ever seen and treated the most desperate trauma cases that could not be treated by other medical facilities in Haiti. They only sent them the very worst cases and those needing major surgery. The amount of medical assistance provided by NGOs here was also incredible.

We also knew that providing food and water was going to be critical as well. Prior to the earthquake, over 1 million Haitians were getting food aid to survive, so obviously, this was going to be even worse. We have 3 million Haitians who were affected in the earthquake-hit areas who are going to need some type of food aid. So getting food and water in became a big role to facilitate from a military standpoint. We needed to open the airfield and then we needed to assess the port, which we did during the first 24 hours, and determine how to get the port back into operation. Before the earthquake, the airfield was taking 13 flights a day. It was running between 6 in the morning to 10 at night. Once we started operating it after the earthquake, within 24 hours, it was averaging over 150 flights a day and it was running 24 hours a day. That was all it could take. It's an airfield with only one runway and one taxiway. It has a limited capability to put airplanes

o navio com médicos de diferentes países, trabalhando em tempo recorde.

O navio-hospital Comfort nunca antes ajudou tanto. Eles fizeram mais de 850 cirurgias. Atenderam mais pacientes em um curto período de tempo como nunca haviam feito antes, e trataram os casos de traumatismos mais desesperadores que não poderiam ser realizados em nenhuma outra unidade médica no Haiti. Só recebiam os piores casos e os que precisavam de cirurgias mais complicadas. A assistência médica proporcionada pelas ONGs também foi essencial.

Nós sabíamos que fornecer alimentos e água seria primordial. Antes do terremoto, mais de 1 milhão de haitianos já recebiam comida e alimentos para sua sobrevivência e, obviamente, agora a situação seria ainda pior. Temos 3 milhões de haitianos afetados nas áreas atingidas pelo terremoto, os quais precisarão de algum tipo de auxílio com alimentos. Por isso, conseguir comida e água se tornou uma tarefa importante nos postos militares. Precisávamos abrir o campo de pouso e a seguir avaliar a condição do porto, o que fizemos durante as primeiras 24 horas, além de determinar como fazer para tornar o porto novamente operável. Antes do terremoto, o aeroporto realizava 13 decolagens por dia. Ele funcionava entre 6h00 e 22h00. Quando começamos a operá-lo após o terremoto, em 24 horas, já havia uma média de 150 voos diários, e o aeroporto funcionava 24 horas. Era o máximo que ele podia suportar, pois é um aeroporto com uma única pista de decolagem e outra para taxiamento. Sua capacidade de receber pousos é limitada. Mas essa era a única forma de recebermos suprimentos no país, porque o porto estava avariado.

Sessões inteiras do porto caíram na água e as 220 torres de alta tensão foram todas danificadas em algum grau. Embora não tenha sido totalmente destruído, o porto não poderia ser usado até que fosse consertado. Levou duas semanas para trazer as barcas, colocar mergulhadores na água e determinar o que poderíamos usar para receber suprimentos pelo porto. Já havíamos devolvido o aeroporto para os haitianos. Quanto ao porto, antes do terremoto, 100 contêineres chegavam diariamente, hoje ele tem capacidade para mais de 500, porque instalamos deques e barcas que trouxemos dos EUA.

DIÁLOGO: Quais foram os maiores desafios nos primeiros dias após o terremoto?

General Keen: O elemento mais desafiador foi garantir uma linha aberta de suprimentos para o país. Inicialmente, havia o aeroporto para toda ajuda de alívio que entrava no país. Essa era a única opção disponível, a não ser que você pousasse na República Dominicana e dirigisse até a fronteira. O outro desafio ainda maior, no meu entender, era ter que coordenar todas as operações junto ao governo do Haiti, porque estávamos aqui

on the ground. But it was the only way to get supplies into the country, because the port was damaged.

Whole sections of the pier dropped into the water and the pylons, all 220 of them, were damaged to some degree. Although it wasn't completely destroyed, it couldn't be used until repair work was done. It took two weeks to bring in barges, get divers into the water and determine what we could use to bring supplies in through the port. We have turned the airfield back to the Haitians. Before the earthquake, there were 100 containers coming into the port every day; today that capacity is over 500, because we put in artificial piers and barges in place that we brought in from the U.S.

DIÁLOGO: What was the most challenging requirement in the first days after the quake?

Lt. Gen. Keen: The most challenging element was to ensure we maintained an open line of supplies into the country. Initially, that was the airport for all relief aid coming into this country. Unless you were going to land in the Dominican Republic and drive across, you had to fly in through there. The other most challenging perspective from my standpoint was how to coordinate everything that was going on with the government of Haiti, because we were here to respond to their needs, and the United Nations, which was clearly responsible for the security of the country, whether it was working with the Haitian National Police or their own forces. That was their responsibility before the earthquake and that has continued after the earthquake. We had to coordinate with them and all the nongovernmental organizations — there are almost 1,000 here now — and then all the countries that wanted to help.

You need to coordinate to know what everyone is doing and what the priority is. The U.S. military was here in support of USAID, and they were the lead federal agency. We were working with them to determine what they wanted us to do. It was a collaborative effort. It wasn't as if the U.S. military was in charge of this operation. We were just one of several organizations that were helping.

As we addressed those needs in the first week or two, it allowed all the other civilian organizations, like the NGOs, USAID and U.N. organizations, to establish their capability. As they have extended their capability, there has been less of a need for the U.S. military. In disaster relief operations, whether they are in the United States or abroad, after you get through the initial emergency relief and response period, the civilian organizations that do this for a living and do the more robust relief and recovery, stay on — this allows the military to redeploy its assets.

DIÁLOGO: Can you summarize the task force involvement from the first days until the present?

Lt. Gen. Keen: This is about as much no-notice as you can get for a military operation, because there is no warning. Unlike a hurricane, you don't see it coming. Unlike a military operation, there are no indicators that a situation is developing that lets you prepare. The immediate response was to push everything you can this way and we will sort it out.

What we need to do is save lives and we need to relieve the suffering of the Haitian people. That's as simple as it gets. That's

para responder as suas necessidades, e junto as Nações Unidas que eram claramente responsáveis pela segurança do país, quer estivessem trabalhando com a Polícia Nacional Haitiana ou com suas próprias tropas. Essa já era responsabilidade da ONU antes do terremoto, e continuou a ser depois dele. Precisávamos coordenar os trabalhos com eles e com todas as organizações não-governamentais - existem quase mil aqui no momento - além de todos os países que gostariam de ajudar.

Tudo deve ser bem coordenado para se saber o que cada um está fazendo, e quais são as prioridades. Os militares dos EUA estavam aqui apoiados pela USAID, e constituíam a mais importante agência federal. Estávamos trabalhando com eles para determinar o que eles queriam que fizessemos. Era um esforço de colaboração. Não era como se os militares dos EUA estivessem encarregados da operação. Éramos apenas uma das várias organizações tentando ajudar.

Quando identificamos todas as necessidades nas primeiras duas semanas, as demais organizações civis, como as ONGs, a USAID e as organizações da ONU, puderam estabelecer suas capacidades. Em operações de ajuda para desastres, sejam elas nos Estados Unidos ou no exterior, após o período inicial de ajuda de emergência e resposta, as organizações civis que se dedicam a isso e são as maiores responsáveis no processo de ajuda e recuperação, permanecem - o que permite aos militares se deslocarem para outro lugar.

DIÁLOGO: O senhor pode resumir o envolvimento da Força Tarefa desde os primeiros dias até agora?

General Keen: Esse tipo de situação não permite à operação militar nenhuma preparação, pois não há aviso do que está para acontecer. Não é como um furacão, pois você não vê um terremoto chegar. Diferentemente de uma operação militar, não há sinais que mostrem como uma situação está se desenvolvendo, o que permite que você se prepare.

A reação imediata é levar tudo que você puder, e resolver depois o que fazer. O principal é salvar vidas, e aliviar o sofrimento do povo haitiano. É simples assim. Isso significa contar com equipes de busca e resgate, entregar alimentos e água, trabalhar juntamente com as forças da ONU, que já estão aqui proporcionando assistência humanitária e segurança. Ficou óbvio para mim que precisávamos de uma Força Tarefa Conjunta, e que ela precisaria ser suficientemente forte para controlar um contingente tão grande.

A primeira coisa na qual nos concentramos foi reabrir o aeroporto, pois eu sabia que não poderíamos ajudar os que estavam sob os escombros na cidade se o aeroporto não estivesse aberto, permitindo que as equipes de busca e resgate chegassem, que as organizações de ajuda chegassem. Ele teria que estar operando, e

“O principal é salvar vidas, e aliviar o sofrimento do povo haitiano. É simples assim.”



PETTY OFFICER 2ND CLASS JOAN E. KRETSCHMER/U.S. NAVY

O General Ken Keen visita crianças abrigadas em tendas em Porto Príncipe em 3 de março de 2010. “A prioridade agora é abrigar mais de 700.000 pessoas” disse ele.

Lt. Gen. Ken Keen visits children housed in tents in Port-au-Prince on March 3, 2010. “The priorities now are for shelter for about 700,000 people,” he said.

“What we need to do is save lives and we need to relieve the suffering of the Haitian people. That’s as simple as it gets.”


permanecer aberto. Para isso, precisávamos dos melhores pilotos do mundo, o mais depressa possível.

A prioridade agora é obter abrigo para cerca de 700 mil pessoas. Os acampamentos estão sobrecarregados, com 40 mil pessoas onde não deveria haver mais de 10 mil. Cerca de um quarto ou um terço da cidade está reduzida a escombros e você precisa remover os escombros para que as pessoas possam voltar para suas casas e suas vidas. Em frente ao Palácio Presidencial há 29 mil pessoas vivendo em cabanas e tendas. Além disso, precisamos de terrenos para onde as pessoas possam se mudar e se estabelecer. O governo tem cinco lotes de terra para assentamentos, onde se poderemos unidades de tratamento médico e segurança, para que as pessoas não se sintam sujeitas a gangs e criminosos nas ruas.

DIÁLOGO: Que lições o senhor aprendeu com essa experiência?

General Keen: Existem muitas lições que se destacam. Um benefício é o bom relacionamento que temos com nossos companheiros na América Latina, que se concretizaram numa situação como esta, bem como meu relacionamento pessoal com o General Floriano Peixoto [Comandante da MINUSTAH]. Foi importante tê-lo conhecido antes e confiar plenamente nas suas habilidades como profissional, como oficial e como líder. Eu não tive dúvidas de que as forças da ONU sob sua liderança desempenhariam seu dever de uma forma verdadeiramente profissional. Coordenamos absolutamente tudo. Concordamos de imediato que tudo que faríamos no local seria conjuntamente. Se as tropas dos EUA estavam realizando alguma tarefa, era juntamente com as tropas da ONU. Ao mesmo tempo, o papel e a orientação da ONU foram respeitados, e quando aparecia uma situação em matéria de segurança, nós chamávamos suas forças para resolverem.

Uma outra coisa é que, independentemente do que fazemos, nós nos concentramos no mesmo objetivo: salvar vidas haitianas. Ninguém aqui se preocupa com quem ficará com os créditos. Apenas queremos fazer o que for direito. Minha maior recompensa foram os fortes laços que construímos com os militares da região, como, por exemplo, com os colombianos. Nós o ajudamos a construir um hospital de campanha e coordenamos com a ONU para que eles pudessem trabalhar e salvar vidas. Todos estão fazendo o possível para ajudar os demais.

Quanto a os venezuelanos, eles nos pediram ajudar para descarregar um navio no porto. Eles estão aqui para apoiar, e faremos tudo que pudermos para colaborar com qualquer país que queira ajudar o povo do Haiti. Estamos todos trabalhando para o bem do governo haitiano. 

going to mean search and rescue teams, delivering food and water, working with the U.N. forces already here in terms of providing humanitarian assistance and security. It was obvious to me that we needed a Joint Task Force, and it needed to be robust enough to control a fairly large contingent.


The first thing we focused on was getting the airport open, because I knew that I could not help those that are under the rubble in the city if I didn't get the airport opened to allow the search and rescue teams to come in and the aid organizations to come in. It had to be functional and it had to stay open. So we needed to get the best Airmen in the world in there as fast as we could.

The priorities now are for shelter for about 700,000 people. The camps are overcrowded, with 40,000 people where there shouldn't be more than 10,000. A fourth or even a third of the city is in rubble, and you need to remove rubble so that people can go back to their homes and live. In front of the presidential palace, there are 29,000 people living in tarps and tents. In addition to that, you have to have land so that people can move and create a settlement. The government has five plots of land to set up settlements where they can have facilities for medical treatment and security, so that folks feel they are not subjected to the gangs and criminals on the street.

DIÁLOGO: What lessons have you learned from this experience?

Lt. Gen. Keen: There are a lot of lessons to be taken away. One benefit is the relationships that we have with our fellow comrades in Latin America, which have come to fruition in situations like this, as well as my personal relationship with [MINUSTAH Commander Maj.] Gen. Floriano Peixoto. It was important to have known him before, to have complete confidence in his professional abilities as an officer and a leader. I had no doubt that the U.N. forces under his leadership would carry out their duties in a truly professional manner. We fully coordinated everything. We immediately agreed that everything we did on the ground would be joint in nature. If there were U.S. troops doing something, it would be alongside the U.N. troops. At the same time, their role and mandate from the U.N. was respected, and if a situation arose from a security standpoint, we would call his forces to deal with it.

Another thing is that regardless of what we do, we all focus on the same thing: saving Haitian lives. No one here is concerned about who gets credit. We just want to do what's right. My biggest take-away is the great relations we have with the militaries in the region, such as the Colombians. We were able to assist them in setting up a field hospital and coordinate with the U.N. so that they can get to work saving lives. People are just doing what it takes to make sure that people get help.

With the Venezuelans, we had a request for aid at the port to help them unload a ship. They are here to support and we will do whatever we can to help any country that wants to help the Haitian people. We are all working on behalf of the government of Haiti. 

PERSPECTIVAS SOBRE O HAITI: OLHANDO O PASSADO PARA COMPREENDER O PRESENTE

Uma visão histórica do que foi outrora a mais rica colônia europeia do Novo Mundo e é agora a nação mais pobre das Américas



A paisagem marrom do Haiti contrasta fortemente com o verde luxuriante das florestas do seu vizinho, a República Dominicana.

Haiti's brown landscape contrasts sharply with the lush green forests of its neighbor, the Dominican Republic.

DIÁLOGO

A ilha de Hispaniola — ocupada pelo Haiti no terço ocidental e pela República Dominicana nos outros dois terços — era uma das muitas ilhas do Caribe habitada pelos índios taínos quando os europeus chegaram em 1492. Ayiti (“terra de montanhas altas”) foi o nome indígena taíno dado à região montanhosa do lado oeste da ilha e que serviu de inspiração para o nome atual do país, Haiti. O nome taíno para toda a ilha era Kiskeya. Cristóvão Colombo batizou a ilha de Hispaniola em homenagem a Espanha, quando lá desembarcou pela primeira vez.

Após a chegada dos colonizadores espanhóis, doenças e massacres dizimaram a população nativa, que em menos de 15 anos passou de 500.000 para apenas 60.000 habitantes. Em poucas décadas, a população nativa estava praticamente extinta, o que levou os governantes espanhóis que haviam estabelecido colônias na ilha a importar escravos africanos como mão-de-obra para substituir a limitada força de trabalho local.

ESPANHA VERSUS FRANÇA


Servindo de porta para o Caribe, Hispaniola tornou-se rapidamente um refúgio para piratas. A parte ocidental da ilha foi colonizada por corsários franceses que tiveram sucesso com a plantação de tabaco, um empreendimento promissor que levou muitos a se tornarem colonos. A população não se submeteu à autoridade real espanhola até o ano de 1660, instigando uma série de conflitos entre a Espanha e a França. Em 1697, o Tratado de Ryswick apaziguou as hostilidades entre os poderes coloniais rivais, dividindo a ilha entre duas nações ao longo das mesmas demarcações fronteiriças encontradas hoje. A França rebatizou então a sua porção da ilha de Saint-Domingue.

Na época, metade da produção mundial de café e açúcar era procedente de Saint-Domingue juntamente com o tabaco, algodão, anil e outros produtos processados na França e re-exportados para o resto da Europa, fazendo de Saint-Domingue a colônia mais rica do Novo Mundo. Muitos colonos franceses logo chegaram e aí estabeleceram plantações, atraídos pela possibilidade de altos lucros. De

PERSPECTIVES ON HAITI:

LOOKING AT THE PAST TO UNDERSTAND THE PRESENT

A historical overview of what was once the New World's richest European colony and is now the poorest nation in the Americas



1713 a 1787, cerca de 30.000 colonos franceses emigraram para a parte ocidental da ilha, com as exportações da área logo respondendo por dois terços do comércio externo da França.

O próspero mercado de matérias-primas precisava desesperadamente de uma ampla força de trabalho; com isso, Saint-Domingue estabeleceu-se rapidamente como o maior mercado para o comércio de escravos europeus. Sob o manto do sistema escravista, e tirando proveito de uma colônia altamente produtiva, a França explorou tudo o que podia.

DUAS LÍNGUAS OFICIAIS

Durante o governo francês, os filhos de raças distintas, geralmente frutos de uniões entre mulheres africanas e homens europeus, eram chamados *mulâtres*; enquanto crioulo era o termo usado para descrever a mistura de descendentes europeus, ameríndios e africanos, independente da cor da pele. Essa miscigenação de raças também produziu o idioma conhecido hoje como crioulo, que representa uma mistura de várias línguas e dialetos.

Apesar dos laços culturais em comum com os seus vizinhos hispano-caribenhos, o Haiti permaneceu predominantemente francófono. Hoje ele é o único país independente de língua francesa no Caribe, tendo adotado o francês e o crioulo como línguas oficiais.

Dois anos após a Revolução Francesa de 1789, todas as colônias francesas emanciparam seus escravos. A notícia espalhou-se rapidamente em Saint-Domingue provocando uma rebelião. Os engenhos de açúcar foram destruídos e centenas de proprietários foram mortos. Cerca de 80 por cento da população escrava foi libertada. Saint-Domingue conquistou sua independência definitiva em 1 de janeiro de 1804, adotando o nome Haiti em homenagem à população nativa de taínos e tornando-se assim a segunda república independente das Américas, depois dos Estados Unidos.

UM NOVO COMEÇO

A independência parecia ser um novo e brilhante recomeço; contudo, o sonho de um futuro próspero durou pouco. As potências coloniais ficaram horrorizadas com os acontecimentos no Haiti, temendo que o exemplo da independên-

DIÁLOGO

The island of Hispaniola — occupied by Haiti on the western third and by the Dominican Republic on the other two-thirds — was one of many Caribbean islands inhabited by the Taíno Indians at the time of European arrival in 1492.

Ayiti (“land of high mountains”) was the indigenous Taíno name for the mountainous western side of the island and the inspiration for the present day name for the country, Haiti. The Taíno name for the entire island was Kiskeya. Christopher Columbus called the island Hispaniola, in honor of Spain, when he first landed there.

After the arrival of Spanish settlers, diseases and massacres decimated the native population, which fell from 500,000 to only 60,000 inhabitants in less than 15 years. Within a few decades, the native population had become practically extinct, prompting the Spanish governors who had established settlements on the island to begin importing enslaved Africans as laborers to replace the diminished work force.

SPAIN VS. FRANCE

As a gateway to the Caribbean, Hispaniola quickly became a haven for pirates. The western part of the island was settled by French buccaneers who succeeded in growing tobacco, a promising venture that led many to become settlers. This population did not submit to Spanish royal authority until the year 1660 and instigated a series of conflicts between Spain and France. In 1697, the Treaty of Ryswick settled hostilities between the competing colonial powers, dividing the island among the two nations along the same border demarcations that remain until the present day, with France renaming its portion of the island Saint-Domingue.

At the time, half the world's production of coffee and sugar came from Saint-Domingue, along with tobacco, cotton, indigo and other products processed in France and re-exported to the rest of Europe, making it the richest colony in the New World. Many French colonists soon arrived and established plantations in Saint-Domingue, lured by the hopes of high profits. From 1713 to 1787, approximately 30,000 French colonists emigrated to the western part of the island, with exports from the area soon accounting for two-thirds of France's external trade.

The thriving commodity market desperately needed a large work force, rapidly establishing Saint-Domingue as the largest single market for the European slave trade. Under the mantle of the slave system, and taking advantage of a highly productive colony, France extracted all it could.

TWO OFFICIAL LANGUAGES

During French rule, children of mixed race, usually born of unions between African women and European men, were called *mulâtres*, whereas the term *creole* was used to describe a mixture of European, Amerindian and African ancestry, regardless of

NATIONAL GEOGRAPHIC

cia haitiana pudesse se espalhar e representar uma perigosa ameaça para os seus territórios na região. Boicotado por quase todas as nações do mundo e impossibilitado de exportar ou importar, o Haiti caiu em extrema dificuldade econômica. A França começou a cobrar pagamentos referentes a uma dívida polêmica e extremamente alta imposta como forma de compensação pela perda de escravos e dos bens dos ex-proprietários franceses.

A árdua disputa só acabou em 1838, quando o governo haitiano concordou em pagar a França 150 milhões de francos. Durante mais de 80 anos essa dívida foi paga inúmeras vezes através de infundáveis taxas de juros, o que acabou drenando a economia haitiana. A dívida só foi considerada quitada pela França em 1922.

DESTRUIÇÃO AMBIENTAL

A essa altura, após centenas de anos de dominação e má administração colonial, grande parte da vegetação original do Haiti e dos seus abundantes recursos naturais estavam esgotados.

A destruição ambiental aumentou principalmente durante o século 20, quando o Haiti se esforçava para alcançar o mundo em desenvolvimento e, muitas vezes, acabou sacrificando o desenvolvi-

skin color. This blending of races also produced the language known today as Creole, which is a mixture of various languages and dialects.

Despite having common cultural links with its Hispano-Caribbean neighbors, Haiti remained predominantly francophone. Today it is the only independent French-speaking nation in the Caribbean employing both French and Creole as official languages.

The French Revolution of 1789 led to the emancipation of slaves in all French colonies two years later. The news spread quickly in Saint-Domingue, sparking a rebellion. Sugar mills were destroyed and hundreds of owners were killed. About 80 percent of the slave population was freed. Saint-Domingue won its definitive independence on January 1, 1804, with the newly founded country adopting the name Haiti in honor of the native Taíno population. It was the second independent republic in the Americas, after the United States.

A NEW BEGINNING

Independence looked like a brilliant new beginning, but the dream of a brighter future was short-lived. Colonial powers were appalled by the events in Haiti, fearing the example of Haitian independence could spread to become a dangerous threat to their own possessions in the region. Boycotted by almost every nation in the world, Haiti fell into extreme economic difficulties, unable to export or import. France began to collect payments from Haiti for a controversial and extremely high debt it placed on the country to compensate the loss of slaves and property by former French land owners.

mento sustentável a longo-prazo a fim de satisfazer as necessidades econômicas a curto-prazo.

O desmatamento é um processo complexo que tem origens distintas em diferentes partes do mundo. Na América Latina em geral, uma das principais causas é a roçagem da terra para produção agrícola e pastagens, visando atender à crescente demanda mundial por ração animal. No Haiti, a força motriz responsável pelos danos ambientais generalizados tem sido a pobreza, que obriga os haitianos a dependerem da madeira. Suas lascas são usadas para cozinhar e como principal fonte de combustível, já que grande parte do país, com exceção das grandes cidades, não tem acesso à eletricidade.

De acordo com a Divisão de Pesquisa da Biblioteca do Congresso Federal, estima-se que 98 por cento da cobertura florestal original do Haiti foi derrubada, um processo que além de destruir terras outrora férteis está contribuindo para a desertificação. Além da erosão do solo, o desmatamento tem causado inundações periódicas uma vez que a água da chuva escorre ao invés de ser absorvida pelas raízes das árvores.

Entretanto, esses não são os únicos motivos que tornam o Haiti particularmente

The bitter dispute only ended in 1838, when the Haitian government agreed to pay France 150 million francs. For more than 80 years, this debt, paid numerous times over through unending interest fees, drained the Haitian economy. The debt was only considered paid off by France in 1922.



Uma ilustração mostra Toussaint L'Ouverture, líder da revolta contra o domínio francês no Haiti.

An illustration depicts Toussaint L'Ouverture, who led the revolt against French rule in Haiti.

ENVIRONMENTAL DESTRUCTION

By then, a large part of Haiti's original vegetation and abundant natural resources had been depleted due to hundreds of years of colonial rule and mismanagement.

The environmental destruction increased exponentially during the 20th century, as Haiti struggled to catch up with the developing world and often sacrificed long-term sustainable development in order to meet short-term economic needs.

Deforestation is a complex process that has different origins in different parts of the world. In much of Latin America, a major cause is the clearance of land for agricultural production and grazing, particularly to meet the growing global demand for animal food. In Haiti, the driving force responsible for widespread environmental damage has been poverty, forcing Haitians to rely on wood as chips used for cooking and as their prime source of fuel, since much of the country, outside the major cities, does not have access to electricity.

According to the Library of Congress Federal Research Division, an estimated 98 percent of Haiti's original forest cover has been chopped down, a process that also ruined once fertile farmland and is contributing to desertification. In addition to soil erosion, deforestation has caused periodic flooding, since rainwater runs off rather

RESUMO DO HAITI

- População: 9.876.000 (2008)
- Língua nacional: francês, crioulo
- Renda per capita: US\$660/ano (2008)
- Expectativa de vida: 61 (2008)
- Porcentagem da população que utiliza fontes de água potável: 58 por cento (2006)
- Porcentagem da população que utiliza instalações sanitárias adequadas: 19 por cento (2006)
- Taxa de mortalidade de crianças menores de 5 anos: 72/1.000 nascidos vivos (2008)

UNICEF: Relatório de 2009, O Estado das Crianças do Mundo

CONSEQUÊNCIAS DO TERREMOTO PARA O POVO HAITIANO

- 230.000: Número estimado de mortos do terremoto
- 3 milhões: Número estimado de pessoas afetadas pelo terremoto
- 1 milhão: Número estimado de pessoas deslocadas
- Pelo menos 50: Abalos sísmicos secundários de 4,5 graus ou mais que atingiram o Haiti desde o terremoto de 12 de janeiro
- 300.000: Crianças menores de dois anos que necessitam ajuda nutricional
- 90: Porcentagem de escolas de Porto Príncipe que foram destruídas

Escritório das Nações Unidas para a Coordenação de Assuntos Humanitários, a Cruz Vermelha, a Agência dos E.U.A. para o Desenvolvimento Internacional, o Departamento de Estado dos E.U.A., o Programa Alimentar Mundial

HAITI SNAPSHOT

- Population: 9,876,000 (2008)
- National language: French, Creole
- Per capita income: \$660/year (2008)
- Life expectancy: 61 (2008)
- Percent of population using improved drinking water sources: 58 percent (2006)
- Percent of population using adequate sanitation facilities: 19 percent (2006)
- Mortality rate for children younger than 5: 72/1,000 live births (2008)

UNICEF: The State of the World's Children Report 2009

EARTHQUAKE'S EFFECT ON THE HAITIAN PEOPLE

- 230,000: Estimated death toll from the quake
- 3 million: Estimated number of people affected by the quake
- 1 million: Estimated number of displaced people
- At least 50: Aftershocks of magnitude 4.5 or higher that have hit Haiti since the January 12 quake
- 300,000: Children younger than 2 in need of nutritional support
- 90: Percentage of schools in Port-au-Prince that have been destroyed

The United Nations Office for the Coordination of Humanitarian Affairs, the Red Cross, the U.S. Agency for International Development, the U.S. State Department, the World Food Program

vulnerável a desastres naturais. Métodos precários de construção devido à prolongada falta de desenvolvimento econômico já cobraram muitas vidas que poderiam ter sido poupadas. Uma população marcada por séculos de escravidão e com poucas oportunidades de educação nunca teve meios que lhe permitissem desenvolver projetos de construção e um padrão de qualidade capaz de resistir a terremotos.

Conforme o arquiteto Robin Cross explicou à CNN em uma entrevista recente: “Geralmente não são os terremotos que matam as pessoas, são os edifícios.” Cross é diretor de projetos do Artigo 25, um grupo de arquitetura sem fins lucrativos localizado em Londres que ajudou a região de Caxemira, no Paquistão, após um terremoto devastar a região em 2005, matando mais de 70.000 pessoas. Essas são questões que devem ser abordadas enquanto a comunidade internacional e o governo do Haiti estudam as melhores opções para o futuro do país. “Os amigos do Haiti sabem que o verdadeiro desenvolvimento do Haiti não pode ser construído com subsídios, mas deve se basear em investimentos”, afirmou o Presidente haitiano, René Préval, durante uma recente reunião de cúpula entre o México e a Comunidade do Caribe, acrescentando que o país “não precisa ser reconstruído, mas re-descoberto”.

O líder do movimento de independência dos escravos contra a dominação francesa no Haiti, Toussaint L'Ouverture — preso pelo imperador francês Napoleão Bonaparte e mantido em um calabouço até sua morte de fome e sede em 1803 — disse antes de morrer: “Ao me derrubar, você nada mais faz do que cortar o tronco da árvore da liberdade negra em Saint-Domingue. Ela rebrotará a partir das raízes, pois elas são numerosas e profundas.” Esse espírito de resistência e independência ainda vive no seio do povo haitiano. ①

than being soaked up by the roots of trees.

But these are not the only reasons that make Haiti particularly vulnerable to natural disasters. Poor construction methods, due to the prolonged lack of economic development, have claimed many lives that would have otherwise been spared. A population plagued by centuries of slavery and with few educational opportunities, never had the means to fully develop a construction design and standard that could withstand earthquakes.

As architect Robin Cross told CNN in a recent interview: “It isn't generally earthquakes that kill people, it's generally buildings that kill people.” Cross is the director of projects for Article 25, a nonprofit architectural group based in London that helped the region of Kashmir in Pakistan after a severe earthquake hit the area in 2005, killing more than 70,000 people.

These concerns need to be addressed as the international community and the government of Haiti study the best options for the future of the country. “Haiti's friends realize that Haiti's true development cannot be built on aid, but must be based on investment,” Haitian President René Préval said during a recent summit meeting between Mexico and the Caribbean Community, adding that the nation needs “not rebuilding but refounding.”

The leader of the slave-led independence movement against French rule in Haiti, Toussaint L'Ouverture — whom French Emperor Napoleon Bonaparte held prisoner in a dungeon until he died from hunger and thirst in 1803 — said before he died: “In overthrowing me, you have done no more than cut down the trunk of the tree of black liberty in Saint-Domingue. It will spring back from the roots, for they are numerous and deep.” That spirit of resilience and independence still lives within the Haitian people. ①



MARCO DORMINO/ONU

Da Segurança ao Humanitarismo

Entrevista exclusiva com o General Floriano Peixoto, Comandante das forças da MINUSTAH

MARCOS OMMATI/DIÁLOGO

Imediatamente após o terremoto que sacudiu o Haiti dia 12 de janeiro de 2010, milhares de pessoas de diferentes partes do mundo viajaram para o país para oferecer ajuda humanitária. O maior desafio nas primeiras horas e dias que se seguiram à tragédia foi tentar organizar toda a ajuda recebida. Muito do planejamento desta enorme tarefa ficou a cargo do General Floriano Peixoto, Comandante das forças da MINUSTAH, que falou à revista *Diálogo* sobre a coordenação de todos esses esforços de auxílio, as lições aprendidas com esta experiência e da tristeza de perder amigos e funcionários para um devastador desastre natural.

DIÁLOGO: O que mudou na rotina da MINUSTAH depois do terremoto?

Gen. Floriano Peixoto: Nós estamos aqui cumprindo uma missão de estabilização, trabalhando sob a égide das Nações Unidas. Este é o perfil da MINUSTAH quando ela foi constituída em 2004. O contingente militar presente no Haiti vem trabalhando esses anos para garantir a segurança no país, para que as instituições locais possam funcionar normalmente. O terremoto mudou radicalmente nosso modus operandi e as nossas prioridades.

O General Floriano Peixoto, Comandante da Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti, distribui água e comida em Porto Príncipe, Haiti.

Brazilian Maj. Gen. Floriano Peixoto, U.N. Stabilization Mission in Haiti force commander, distributes water and food in Port-au-Prince, Haiti.

From Security to Humanitarian Assistance

Exclusive interview with MINUSTAH Force Commander Maj. Gen. Floriano Peixoto

Immediately after the earthquake that rocked Haiti on January 12, 2010, thousands of people from different parts of the world flocked to the country to offer humanitarian aid. The biggest challenge in the first hours and days that followed was trying to organize all this help. Much of the planning for this huge task fell under Maj. Gen. Floriano Peixoto's responsibilities. The U.N. Stabilization Mission in Haiti, or MINUSTAH, force commander talked to *Diálogo* magazine about coordinating the relief efforts, the lessons learned from this experience and the sorrow of losing friends and staff members to a devastating natural disaster.

Além do componente de segurança, passamos a dedicar tempo e recursos substanciais à ajuda humanitária. Então meus comandados, que eram 7.000 e hoje são 8.500, podendo chegar até 9.000 de acordo com a autorização do Conselho de Segurança da ONU, passaram a ter missão dupla: ajuda humanitária e segurança, ações que são interrelacionadas.

DIÁLOGO: Os militares que participavam da MINUSTAH já tinham esse perfil de ajuda humanitária?

Gen. Peixoto: Sim. Mas vou ser sincero: nós jamais pensamos num terremoto. Nós estamos preparados e temos planos contingenciais para enfrentar furacões, chuvas tropicais torrenciais, como enfrentamos aqui em 2004 e em 2008, ou seja, temos planejamento nesse sentido, mas para terremoto, não tínhamos. Todas as tropas que chegam ao Haiti para trabalhar sob meu comando — estamos falando de 18 países, incluindo Estados Unidos e Canadá — têm um preparo anterior de amplo espectro, inclusive direcionando atenção à ajuda humanitária.

DIÁLOGO: O senhor mencionou 18 países. Como é fazer essa integração entre as tropas, ainda mais depois do terremoto, quando houve um aumento do número de militares, inclusive até de outros países, no Haiti?

Gen. Peixoto: Todos os militares que aqui chegaram depois do terremoto, incluindo tropas dos Estados Unidos, Itália, República Dominicana, Canadá, Jamaica e outros países, vieram com o intuito de fortalecer a ajuda humanitária no país. Nós estamos tendo um relacionamento muito estreito com essas tropas, mais especificamente com as do Canadá e dos Estados Unidos que, de uma maneira importantíssima, aumentaram de forma substancial seu efetivo militar no Haiti. Essa coordenação foi e está sendo feita por um órgão da missão da ONU chamado JOTC [Centro de Tarefa Conjunta Operacional] que coordena a participação de todos os organismos de ajuda humanitária no país.

Na parte estratégica, esse contato com as outras tropas, principalmente com americanos e canadenses que estão aqui em um número muito maior que os demais países, é feito por mim pessoalmente, com o General [Ken] Keen e o General [de Brigada Guy] La Roche respondendo pelos Estados Unidos e Canadá, respectivamente. Em nível operacional, essa interação é feita de maneira excepcional. Todas as tropas com representação no Haiti sejam do Brasil, Chile, Bolívia, Argentina, Uruguai, Guatemala, Jordânia ou Nepal, só para citar algumas, trabalham de forma muito harmoniosa entre elas.



General Floriano Peixoto, Comandante da Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti.

Brazilian Maj. Gen. Floriano Peixoto, U.N. Stabilization Mission in Haiti force commander.

DIÁLOGO: What changed in MINUSTAH's routine after the earthquake?

Maj. Gen. Peixoto: We are here to carry out a stabilization mission, working under the umbrella of the United Nations. That was MINUSTAH's profile when it was created in 2004. The military contingent present in Haiti has been working all these years to guarantee security in the country, so that local institutions can function normally. The earthquake radically changed our modus operandi and our priorities.

Besides the security component, we shifted to dedicating substantial time and resources to humanitarian aid. So my subordinates — of whom there were 7,000 and are now 8,500, and could reach 9,000, according to the U.N. Security Council's authorization — now have a double mission: humanitarian aid and security, activities that are interrelated.

DIÁLOGO: Did the military personnel participating in MINUSTAH already have this humanitarian aid profile?

Maj. Gen. Peixoto: Yes. However, I'll be honest: We never thought about an earthquake. We were prepared and had contingency plans to face hurricanes, torrential tropical rains, like those we faced here in 2004 and in 2008. That is, we'd done planning along those lines, but not for an earthquake. All the troops who came to Haiti to serve under my command — we're talking about 18 countries, including the United States and Canada — have extensive previous training, including a focus on humanitarian aid.

DIÁLOGO: You mentioned 18 countries. What was it like to integrate these troops, especially after the earthquake, when there was an increase in the number of military personnel in Haiti?

Maj. Gen. Peixoto: All the military personnel who arrived here after the earthquake, including troops from the United States, Italy, the Dominican Republic, Canada, Jamaica, and other countries, came with the intention of strengthening the humanitarian aid in the country. We have a very close relationship with these troops, more specifically with those from Canada and the U.S., which substantially increased their troops in Haiti in a very important way. This coordination has been and is still being provided by a part of the U.N. mission called the JOTC [Joint Operational Task Center], which coordinates the activities of all humanitarian aid organizations in the country.



STAFF SGT. JOHN LAUGHTER/U.S. ARMY

O General Ken Keen, Comandante da Força Tarefa Conjunta do Haiti (esquerda), se encontra com o General Floriano Peixoto, Comandante da Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti, em 13 de março de 2010.

Lt. Gen. Ken Keen, commander of Joint Task Force Haiti, left, meets with Brazilian Maj. Gen. Floriano Peixoto, U.N. Stabilization Mission in Haiti force commander, on March 13, 2010.

DIÁLOGO: Qual será o maior desafio daqui para adiante?

Gen. Peixoto: Sem dúvida, a remoção das pessoas dos acampamentos para outros lugares. O maior desafio é convencer essas pessoas a sair de onde estão agora para acampamentos mais organizados, com melhor estrutura de apoio de saúde, de abrigos, para que numa fase futura elas possam retornar a seus lugares de origem, numa condição melhor e mais digna, com os escombros já totalmente removidos e a cidade mais limpa.

A ONU estabeleceu três fases principais. A primeira é a da remoção dos escombros, depois a normalização do país com, possivelmente, a realização de eleições em novembro e a terceira fase que seria a de reconstrução, que iria até dezembro de 2011 quando

When it comes to strategy, I am personally in contact with the other troops, especially with the Americans and Canadians, who are here in much larger numbers than other countries, with [Lt.] Gen. [Ken] Keen and with [Brig.] Gen. [Guy] Laroche for the United States and Canada, respectively. On the operational level, this interaction has worked exceptionally well. All the armed forces represented in Haiti, whether from Brazil, Chile, Bolivia, Argentina, Uruguay, Guatemala, Jordan or Nepal, just to mention some of them, work together very harmoniously.

DIÁLOGO: What will be the biggest challenge from now on?

Maj. Gen. Peixoto: Undoubtedly, moving people from the camps to other locations. The biggest challenge is to convince these people to leave the places where they are now for more organized camps, with better structures for support, health and shelter, so that in the future they will be able to return to their places of origin in better and more dignified conditions, in a cleaner city completely free of debris.

The U.N. has established three main phases. The first is to remove the debris, then to restore normality in the country, possibly with elections happening in November. The third phase will be reconstruction, which will continue until December 2011 when the U.N., along with the Haitian government, will re-evaluate what will come next for the country.

DIÁLOGO: When it comes to security, do you think there will be an increase in the crime rate if the gangs are able to reorganize?

Maj. Gen. Peixoto: What I can guarantee to you is that the situation is absolutely under control. It's very important to emphasize the difference between criminality and security. Robbery, rape, kidnapping — this is criminality. This is a problem for the Haitian police. If cases like these increase sharply, then yes, this can have repercussions on security. However, I repeat, criminality is different than security.

Criminality is the examples I mentioned. Security is something that often is not even visible. For example, it's the fact that institutions are functioning; it's ensuring that people have freedom of movement; guaranteeing normality throughout the country; guaranteeing the functioning of the institutions; of the ports and airports; of the land and sea borders: this is security, which is absolutely under control.

as Nações Unidas juntamente com o governo haitiano irão reavaliar o que virá a seguir para o país.

DIÁLOGO: Com relação à segurança, o senhor acha que vai haver um aumento na criminalidade se as gangues conseguirem se reorganizar?

Gen. Peixoto: O que eu posso lhe garantir é que a situação está absolutamente sob controle. É muito importante destacar a diferença entre criminalidade e segurança. Roubo, estupro, sequestro, isso é criminalidade. Isso é um problema da polícia do Haiti. Se casos deste tipo têm uma escalada acentuada, aí sim, isso pode repercutir na segurança. Mas, repito, criminalidade é diferente de segurança.

Criminalidade são os exemplos que citei. Segurança é algo que, muitas vezes, nem é visível. É, por exemplo, a condição das instituições estarem funcionando, de assegurar o direito de ir e vir às pessoas, garantir a normalidade em todo o país, garantir o funcionamento das instituições, das instalações portuárias e aeroportuárias, das fronteiras, terrestres e marítimas, isso é segurança, que está absolutamente sob controle.


DIÁLOGO: Que lições o senhor aprendeu com o terremoto e que podem ser compartilhadas com outros militares em posições semelhantes à sua em outros lugares?

Gen. Peixoto: Há uma gama muito grande de lições aprendidas em vários campos e níveis. Eu não conseguiria aqui listar todas. Vou me concentrar em três. A primeira é a necessidade da coordenação de esforços. Essa coordenação de esforços é de extrema importância para evitar que algum tipo de ajuda humanitária internacional ou doméstica seja perdida por falta de coordenação.

A segunda lição é a capacidade de movimentar as tropas de maneira rápida e ágil, principalmente das áreas que não foram afetadas para aquelas que sofreram maior impacto. Nós fizemos isso e tivemos um sucesso muito grande. A terceira lição aprendida, e aí já entramos no campo tático-operacional, é saber executar com muita disciplina e cautela a distribuição de alimentos, em termos de horário, de locais e de estrutura de segurança. Mas a grande lição eu diria é manter a calma e a capacidade de coordenação e de decisão por meio de um sistema de comando e controle eficiente que permite o acionamento de qualquer seguimento de maneira instantânea, e também a capacidade de se relacionar e de interagir com outras forças para estimular a interoperabilidade entre as diversas tropas de vários países.

DIÁLOGO: Todos nós compartilhamos a dor do povo haitiano, mas o senhor teve perdas pessoais muito importantes, de pessoas muito próximas. Poderia nos dizer o que sentiu e ainda sente com relação a essas perdas?

Gen. Peixoto: É de fato muito doloroso. Morreram 101 integrantes da missão da ONU, entre elas 24 militares, sendo 18 do contingente brasileiro. Desses 18, perdi dois coronéis que trabalhavam comigo nas funções do dia a dia, além de todos os demais integrantes do meu escritório, como minha assistente pessoal; todos faleceram. Isso me deixa e deixará para sempre uma lembrança muito triste por ter perdido amigos do componente militar e fora dele. Eram pessoas que trabalhavam comigo diariamente aqui no QG das Nações Unidas. Isso é muito difícil. Estar em Miami no momento do terremoto e sem a possibilidade imediata de regressar ao país dói muito.

Eu só consegui vir para cá com a ajuda do Comando Sul dos Estados Unidos, do General [Douglas] Fraser, que disponibilizou o deslocamento aéreo de Miami para o Haiti e lhe sou extremamente grato por isso. Foi o que me possibilitou 12 horas depois do terremoto estar aqui no comando do componente militar e da missão. Nós militares somos formados para enfrentar situações de caos, de elevado nível de tensão, de muita pressão, de muito estresse, mas esse momento, essa experiência, marcou profundamente minha vida pessoal e profissional. 


DIÁLOGO: What lessons have you learned from the earthquake that you can share with other military personnel elsewhere in positions similar to yours?

Maj. Gen. Peixoto: There's a wide range of lessons learned in various fields and levels. I wouldn't be able to list them all here, but I'll focus on three. The first is the need to coordinate efforts. This coordination of efforts is extremely important to avoid the loss of any kind of international or domestic humanitarian aid due to a lack of coordination.

The second lesson is the capacity to move troops rapidly and with agility, especially from areas that weren't affected to those that suffered a greater impact. We did this and had great success. The third lesson learned, and now we're getting into the tactical-operational field, is to know how to carry out food distributions with a great deal of discretion and caution when it comes to the times, locations and security structure. But the main lesson, I would say, is to remain calm, coordinated and capable of making decisions via an efficient command-and-control system that allows the instant activation of any unit, as well as the capability to relate to and interact with other forces in order to stimulate interoperability among a variety of troops from different countries.

DIÁLOGO: We all share the pain of the Haitian people, but you suffered very significant personal losses of people very close to you. Could you tell us what you felt and still feel with regard to these losses?

Maj. Gen. Peixoto: It is indeed very painful. One hundred and one people from the U.N. mission died, including 24 military personnel, 18 of them from the Brazilian contingent. Out of those 18, I lost two colonels who worked with me in our day-to-day functions, besides all the other members of my office, such as my personal assistant; they all died. This is and will always be a very sad memory for me, as I've lost military and nonmilitary friends. These were people who worked with me every day here at the U.N. headquarters. This is very hard. To be in Miami at the time of the earthquake and without a way to immediately return to the country hurt very much.

I was only able to come here with the help of the U.S. Southern Command, of Gen. [Douglas] Fraser, who made air transportation available from Miami to Haiti, and I am extremely grateful to him for that. That's what made it possible for me to be here in command of the military contingent and of the mission 12 hours after the earthquake. We as military personnel are trained to face chaotic situations, with high levels of tension, a lot of pressure, a lot of stress, but this time, this experience profoundly marked my personal and professional life. 

Região ajuda NAÇÃO NECESSITADA

DIÁLOGO

A América Latina e o Caribe reagiram imediatamente à crise no Haiti enviando prontamente ajuda aos haitianos e às vítimas estrangeiras do terremoto, muitas das quais eram originárias do continente americano. Essa região infelizmente já está acostumada a lidar com as consequências devastadoras de terremotos, furacões e enchentes. A cada ano, esses desastres naturais atravessam fronteiras e devastam países vizinhos, matando e destruindo o sustento de milhares de pessoas, o que dificulta o desenvolvimento futuro de toda a região.

O compromisso compartilhado de salvar vidas e socorrer o país mais pobre do continente americano uniu as nações do Caribe, América Central, América do Sul e os EUA. Enviar ajuda às vítimas do terremoto no Haiti se converteu em uma causa em comum, uma missão de unificação que engajou os continentes em uma gigantesca operação de assistência humanitária de proporções nunca antes vistas.

Além dos esforços atuais em socorrer os haitianos, vários países do Hemisfério ocidental se comprometeram a ajudar a devastada nação caribenha a longo prazo. Os EUA já eram um parceiro ativo antes do trágico terremoto, contribuindo para as necessidades do país através da Agência dos Estados Unidos para Desenvolvimento Internacional. Em 2008, suas

forças militares apoiaram missões de ajuda para desastres após uma série de tempestades terem assolado o Haiti, e agora as forças americanas estão mais uma vez prestando assistência humanitária através da Operação Resposta Unificada.

Vários países latino-americanos também estão participando no desenvolvimento e segurança do Haiti, trabalhando juntamente com o governo haitiano e a missão das Nações Unidas no Haiti (MINUSTAH). Estabelecida em 2004, o MINUSTAH conta com 47 nações, entre elas Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, El Salvador, Guatemala, Paraguai, Peru e Uruguai.

O Brasil lidera o comando militar da missão com um contingente de mais de 1.900 tropas. A Venezuela e Cuba também enviaram contribuições aos esforços de ajuda ao terremoto no Haiti.

A seguir está um resumo das contribuições realizadas pelo Caribe, América Central, América do Sul e dos Estados Unidos, com relatos pessoais de perdas sofridas, ajuda oferecida e medidas tomadas para restaurar a esperança do povo haitiano.

Nenhum relato poderá incluir por completo a diversidade e extensão da ajuda oferecida ou incluir todos os programas em andamento ou futuros. A informação aqui contida representa um resumo das contribuições regionais de ajuda com base nos dados disponíveis na época da publicação.

A Region Responds to a NATION in NEED

DIÁLOGO

Latin America and the Caribbean reacted immediately to the crisis in Haiti with an outpouring of aid to Haitian and foreign victims of the quake, many of whom were from the Americas. The region is sadly too familiar with the devastating effects of earthquakes, hurricanes and floods. These natural disasters, which span national boundaries to affect neighboring countries, destroy the lives and the livelihoods of thousands of people each year and hamper the future development of an entire region.

The shared commitment to save lives and provide disaster relief to the poorest country in the Americas brought together the nations of the Caribbean, Central America, South America and the United States. Sending aid to the earthquake victims in Haiti became a common cause, a mission of unity that spanned continents in a large-scale humanitarian assistance operation of unprecedented proportions.

In addition to the current disaster relief efforts to assist Haiti, several countries in the Western Hemisphere have made longstanding commitments to the beleaguered Caribbean nation. The United States had been an active partner with Haiti long before the tragic quake, contributing to the country's needs through the U.S. Agency for

International Development. The U.S. military supported disaster relief missions in 2008 after a series of storms hit Haiti, and U.S. forces are once again providing humanitarian assistance to Haiti through Operation Unified Response.

Several Latin American countries are also involved in the development and security of Haiti, working alongside the Haitian government and the United Nations mission in the country, MINUSTAH, established in 2004 and with staff from 47 nations. MINUSTAH includes forces from Argentina, Bolivia, Brazil, Chile, Colombia, Ecuador, El Salvador, Guatemala, Paraguay, Peru and Uruguay.

Brazil leads the military command of the mission with a contingent of more than 1,900 troops. Venezuela and Cuba have also made contributions to the Haitian earthquake relief effort.

The following is a summary of relief contributions to Haiti from the Caribbean, Central America, South America and the United States, with personal accounts of losses suffered, aid provided and efforts undertaken to restore hope for the Haitian people.

No account may ever fully encompass the scope and diversity of the aid offered or include all ongoing and future programs. The information contained herein summarizes regional relief contributions with data available at the time of publication.

O CARIBE se une pelo HAITI

Países vizinhos garantem contribuições a longo prazo

DIÁLOGO

CARICOM

Os países da Comunidade do Caribe (CARICOM) se empenharam em apoiar um estado-membro amigo após o terremoto, através do destacamento de missões de busca e resgate, assistência militar e equipes médicas. A Agência Caribenha de Gestão a Desastres, o mecanismo de resposta regional a catástrofes naturais, com base na Jamaica, coordenou os esforços.

Mais de 300 pessoas de 11 estados-membros e membros associados participaram do contingente da CARICOM no Haiti, em uma resposta conjunta às necessidades urgentes das vítimas do terremoto.

Belize ofereceu roupas, alimentos e mão-de-obra militar; Barbados enviou soldados militares; Granada e Guiana enviaram doações em dinheiro; Santa Lúcia e Trinidad e Tobago prestaram ajuda na forma de serviços; as Ilhas Virgens Britânicas enviaram uma equipe de busca e resgate; Bermuda colocou uma aeronave à disposição da comunidade, e a Jamaica enviou pessoal de segurança, equipes de busca e resgate, médicos e suprimentos de emergência 48 horas após o terremoto.

Em uma entrevista ao jornal *The Sunday Gleaner*, o Comandante das Forças de Defesa no Haiti, Major Jaimie Stuart Ogilvie, explicou que as suas tropas estão se certificando de “contar com as pessoas certas para dar continuidade ao processo de ajuda a longo prazo, o máximo que nos for possível”. O contingente jamaicano incluiu também equipes médicas para a entrega de medicamentos a algumas das áreas mais atingidas. “Estamos impactando positivamente a vida das pessoas”, declarou ao *The Sunday Gleaner*, o Dr. Derrick McDowell, chefe da delegação médica. “Nenhuma vida foi perdida sob nossos cuidados. Tudo o que estamos fazendo está sendo bem feito e está sendo feito com cuidado. Se não fosse por nós, mais vidas teriam sido perdidas”, acrescentou.

O processo de continuar a ajudar o Haiti inclui a coordenação de resposta a emergências, assistência médica e avaliações de engenharia, ampliando as medidas de socorro para áreas fora da

capital. Com a reconstrução em andamento, a CARICOM está redirecionando seu foco para contribuições a longo prazo visando dar apoio ao setor de saúde e assistência técnica aos sistemas de distribuição de ajuda.

Durante a cúpula México-CARICOM, em fevereiro, Roosevelt Skerrit, Primeiro-ministro da República Dominicana e líder da CARICOM até julho de 2010, reiterou o empenho da comunidade na reconstrução do Haiti. “Em primeiro lugar na nossa agenda está o Haiti. Queremos garantir que a reconstrução continuará além dos esforços iniciais. Nós temos a oportunidade de ajudar o renascimento do Haiti, e não apenas voltar ao ponto que estava antes do desastre”, declarou Skerrit.

Cuba

Cuba já contava com uma ampla equipe médica com mais de 300 profissionais que trabalhavam no Haiti antes do terremoto e rapidamente enviou pessoal extra para o país devastado, incluindo médicos haitianos que estudam em Cuba, além de equipes cirúrgicas e material para instalar hospitais de campanha. Seus médicos trataram mais de 13.000 pacientes e realizaram centenas de cirurgias, trabalhando incansavelmente as 24 horas do dia durante os primeiros dias e semanas seguintes ao terremoto.

Em reconhecimento às valiosas contribuições de Cuba, o Departamento de Estado americano ofereceu material médico aos profissionais cubanos que trabalham no Haiti. “Os Estados Unidos comunicaram a sua disposição imediata em proporcionar suprimentos aos médicos cubanos no Haiti, como parte dos esforços de ajuda internacional”, disse o porta-voz do Departamento de Estado dos EUA, Darby Holladay.

Durante uma conferência de cúpula da Secretaria Geral Ibero-Americana, em fevereiro de 2010, o Secretário de Estado Adjunto para Assuntos do Hemisfério Ocidental dos EUA, Arturo Valenzuela, elogiou Cuba por trabalhar conjuntamente com os Estados Unidos prestando ajuda ao Haiti. Em um raro gesto de cooperação entre Washington e Havana motivado pela

urgência de salvar vidas, Cuba permitiu que aviões americanos, incluindo aviões militares, sobrevoassem o espaço aéreo cubano para a evacuação de voos médicos da base americana de Guantánamo no sudeste de Cuba, reduzindo o tempo de cada voo em 90 minutos.

República Dominicana

Vizinha do Haiti, a República Dominicana desempenhou um papel fundamental nos esforços de socorro imediato. O pequeno país, que divide a ilha Hispaniola com o Haiti, não poupou esforços e logo enviou comida, água, suprimentos de emergência e equipes de assistência médica às vítimas do terremoto. Centros de ajuda a refugiados buscando assistência nas cidades e vilarejos fronteiriços também foram rapidamente estabelecidos para atender a milhares de pessoas.

Além da ajuda direta ao Haiti, a República Dominicana também auxiliou muitos países e organizações que não conseguiam acesso direto ao Haiti devido a danos no aeroporto, estradas e instalações portuárias perto das áreas afetadas. A capital dominicana de Santo Domingo e as cidades perto da fronteira com o Haiti tornaram-se palcos de operações e bases logísticas para centenas de missões de emergência, bem como para a imprensa internacional que cobria a tragédia.

Mais de 150 soldados foram mobilizados ao longo da fronteira para trabalhar com um contingente de soldados peruanos das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (MINUSTAH), garantindo assim que os esforços de ajuda humanitária do governo dominicano chegassem ao seu destino.

Em fevereiro de 2010, durante um encontro com o presidente dominicano Leonel Fernández, John Holmes, diretor do Escritório da ONU para a Coordenação dos Assuntos Humanitários, elogiou as significativas contribuições feitas pela República Dominicana ao garantir que a ajuda humanitária chegasse às vítimas.

Estados-membros da CARICOM:

Antígua e Barbuda, Bahamas, Barbados, Belize, República Dominicana, Granada, Guiana, Haiti, Jamaica, Montserrat, Santa Lúcia, São Cristóvão e Nevis, São Vicente e Granadinas, Suriname, Trinidad e Tobago.

Membros associados da CARICOM:

Anguilla, Bermudas, Ilhas Virgens Britânicas, Ilhas Caimã, Ilhas Turks e Caicos

www.caricom.org

The CARIBBEAN bands together for HAITI

Neighboring countries commit to long-term contributions

DIÁLOGO

CARICOM

The Caribbean Community, or CARICOM, moved into high gear following Haiti's earthquake to support a member state through the deployment of search-and-rescue missions, military assistance and medical personnel. The Caribbean Disaster Emergency Management Agency, a regional response mechanism for natural disasters, based in Jamaica, coordinated the effort.

More than 300 personnel from 11 CARICOM member states and associate members composed the contingent in Haiti, in a united response to the urgent needs of the earthquake victims.

Belize offered clothing, food, and military manpower; Barbados sent military personnel; Grenada and Guyana sent monetary donations; Saint Lucia and Trinidad and Tobago sent aid in the form of services; the British Virgin Islands sent a search-and-rescue team; Bermuda placed aircraft at the Community's disposal; and Jamaica deployed security personnel, search-and-rescue teams, doctors and relief supplies within 48 hours of the earthquake.

In an interview with Jamaica's *The Sunday Gleaner* newspaper, Jamaica Defence Force commander in Haiti, Maj. Jaimie Stuart Ogilvie, said his troops were making "sure that we have the right persons here for the long haul to continue the relief as long as we can." Jamaica's contingent also included medical teams delivering supplies to some of the hardest-hit areas. "We have been able to impact positively on people's lives," Dr. Derrick McDowell, head of the medical delegation, told *The Sunday Gleaner*. "No life has been lost in our care. Whatever we have been doing is being well done and is being done carefully. Were it not for us, more lives would have been lost," he added.

Continuing aid to Haiti includes emergency response coordination, medical assistance, and engineering assessments with relief efforts extended to locations outside the capital. As reconstruction gets under way, CARICOM is shifting its focus to longer-term contributions to assist the health sector and technical assistance for relief distribution systems.

During a Mexico-CARICOM summit in February, Roosevelt Skerrit, prime minister of Dominica and CARICOM leader until July 2010, reiterated the community's commitment to rebuilding Haiti. "First on our agenda is Haiti. We want to ensure reconstruction goes beyond immediate efforts. We have an opportunity to bring about the renaissance of Haiti, not just to return to where we were before the disaster struck," Skerrit said.

Cuba

Cuba had a large medical team of more than 300 doctors working in Haiti



MINISTÉRIO DA DEFESA DA REPÚBLICA DOMINICANA

Marinheiros da República Dominicana descarregam água, alimentos e ferramentas como parte da ajuda humanitária enviada para o vizinho Haiti.

Sailors from the Dominican Republic unload water, food and tools as part of humanitarian aid sent to neighboring Haiti.

prior to the earthquake and quickly sent extra personnel to the devastated nation, including Haitian doctors studying in Cuba, in addition to surgical staff and supplies to set up field hospitals. The doctors treated more than 13,000 patients and performed hundreds of surgeries, working tirelessly around the clock during the first days and weeks following the quake.

Recognizing the valuable contributions of Cuba, the U.S. State Department offered to provide medical supplies to Cuban doctors working in Haiti. “The United States has communicated its readiness to make medical relief supplies available to Cuban doctors working on the ground in Haiti as part of the international relief effort,” U.S. State Department spokesman Darby Holladay said.

During a conference of the Ibero-American General Secretariat in February 2010, U.S. Assistant Secretary of State of Western Hemisphere Affairs, Arturo Valenzuela, praised Cuba for working with the United States in providing relief to Haiti. In a rare gesture of cooperation between Washington and Havana motivated by the urgency to save lives, Cuba allowed U.S. planes, including military aircraft, to fly over Cuban air space for medical evacuation flights from the U.S. base in Guantanamo in southeastern Cuba, thus shortening each flight by 90 minutes.

Dominican Republic

Haiti’s neighbor, the Dominican Republic, played a key role in providing immediate disaster relief. The small country, which shares the island of Hispaniola with Haiti, spared no efforts and urgently rushed food, water, supplies, rescue teams and medical assistance to the earthquake victims. Relief centers for refugees seeking aid in cities and towns across the border were also quickly established to tend to thousands of people in need.

In addition to direct aid to Haiti, the Dominican Republic also helped many countries and organizations that could not gain direct access to Haiti due to the heavily damaged airport, roads and port facilities near the quake-affected areas. The Dominican capital of Santo Domingo and towns near the border with Haiti became the staging grounds and logistical bases for hundreds of relief missions, as well as for the international press corps covering the tragedy. More than 150 troops were deployed along the border to work with a contingent of Peruvian peacekeepers from the United Nations Stabilization Mission in Haiti, or MINUSTAH, to help ensure the humanitarian relief effort from the Dominican government was sent over.

John Holmes, director of the U.N. Office for the Coordination of Humanitarian Affairs, praised the vital contributions made by the Dominican Republic in ensuring that humanitarian aid reached victims, during a meeting with Dominican President Leonel Fernández in February 2010.

CARICOM Member States:

Antigua and Barbuda, the Bahamas, Barbados, Belize, Dominica, Grenada, Guyana, Haiti, Jamaica, Montserrat, Saint Lucia, St. Kitts and Nevis, St. Vincent and the Grenadines, Suriname, Trinidad and Tobago

CARICOM Associate Members:

Anguilla, Bermuda, British Virgin Islands, Cayman Islands, Turks and Caicos Islands

www.caricom.org

‘WE ALSO SUFFER’

Interview with Dominican Republic Minister of Defense, Lt. Gen. Pedro Rafael Peña

DIÁLOGO: How did the earthquake in Haiti affect the Dominican Republic and how did the Dominican Republic respond to this crisis? What specific measures were taken?

Lt. Gen. Pedro Rafael Peña: The crisis impacted us strongly because the Dominican Republic and Haiti are two independent peoples who share the same island, and any kind of suffering that befalls Haiti is something we also suffer. When this earthquake happened, which caused nearly 270,000 casualties and affected more than a million people, we were overwhelmed by a deep feeling of sorrow

for the suffering caused by the January 12 earthquake. Our people have demonstrated great solidarity in all their actions, both the government and the people themselves.

Immediately, President Leonel Fernández called a meeting of all his ministers on that same night to see what immediate help the Dominican people could give to Haiti. The next day, we were already in Port-au-Prince. We were the first authorities to arrive from other countries and we found great destruction, great suffering, and we immediately tried to make contact with the Haitian authorities but realized many of them had perished.

Continued on page 29

“TAMBÉM NÓS SOFREMOS”

Entrevista exclusiva com o ministro da Defesa da República Dominicana, General Pedro Rafael Peña



MARCOS QUINTA/DIÁLOGO

“Qualquer tipo de sofrimento que tenha o Haiti, também nós sofremos”, diz o General Pedro Rafael Peña, ministro da Defesa da República Dominicana.

“Any kind of suffering that befalls Haiti is something we also suffer,” says Lt. Gen. Pedro Rafael Peña, Dominican Republic minister of defense.

DIÁLOGO: Como o terremoto no Haiti afetou a República Dominicana, e como a República Dominicana respondeu a esta crise? Quais foram as medidas específicas que vocês tomaram?

General Pedro Rafael Peña: A crise nos causou um profundo impacto porque a República Dominicana e o Haiti são dois povos independentes que dividem uma mesma ilha, e qualquer tipo de sofrimento que tenha o Haiti, também nós sofremos. Imediatamente após esse terremoto de 12 de janeiro, que provocou a morte de cerca de 270 mil pessoas e afetou mais de um milhão de pessoas, sentimos uma grande dor. O nosso povo demonstrou enorme solidariedade em todas as suas manifestações, tanto o governo central como a população em si.

Nesta mesma noite, o presidente Leonel Fernández convocou uma reunião com todos os seus ministros para avaliar a ajuda imediata que o povo dominicano poderia oferecer ao Haiti. No dia seguinte, já nos encontrávamos em Porto Príncipe. Entre todos os países, fomos as primeiras autoridades a chegar e encontramos uma grande destruição, um grande sofrimento. Assim que tentamos

entrar em contato com as autoridades haitianas, nos demos conta de que muitas delas haviam morrido.

Temíamos pela vida do Presidente [René] Préval e uma das solicitações do nosso presidente era que entrássemos em contato com o Presidente Préval para ver como a República Dominicana poderia agir de imediato. Nesse mesmo dia nos comunicamos com o General [Ricardo] Toro, do Chile, que faz parte da MINUSTAH, Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti, e ele nos informou qual era o panorama. A República Dominicana começou a agir rapidamente e nesse mesmo dia chegaram dez cozinhas móveis para o Haiti, que puderam alimentar 120 mil pessoas por duas ou três semanas, e também ajuda médica, porque quando acontece esse tipo de catástrofe, há muito sofrimento. Os ministros da saúde pública, das obras públicas e as agências de telecomunicações começaram a trabalhar para tentar recuperar as comunicações com o Haiti, pois sem comunicação, não há coordenação.

Nós nos estabelecemos em um centro de comando na fronteira, nos arredores de um povoado que se chama Jimaní, a 60 quilômetros do Haiti, aonde chegava toda a ajuda que vinha da República Dominicana e que já estava se acumulando desde o primeiro e o segundo dia. Enfim, essa plataforma da República Dominicana foi o que possibilitou a outros países trazerem ajuda.

DIÁLOGO: Que medidas específicas tomaram as Forças Armadas da República Dominicana para apoiar o esforço humanitário?

General Peña: O presidente imediatamente nos deu instruções para começarmos nosso esforço como nação. As Forças Armadas foram o eixo central para levar toda a ajuda através da fronteira. Muitos países começaram a chegar e, como o aeroporto do Haiti estava fechado devido aos grandes danos sofridos pela torre de controle, foi nos aeroportos e portos dominicanos que foi possível receber a ajuda, e com isso as nossas Forças Armadas ficaram encarregadas de proporcionar segurança, tanto às pessoas como à ajuda que começava a chegar ao país.


DIÁLOGO: Que medidas a República Dominicana deveria adotar para seguir com essa ajuda humanitária, sobretudo nas regiões fronteiriças onde também há refugiados, já que vocês também receberam pessoas do Haiti procurando refúgio e auxílio nos postos fronteiriços?

General Peña: Na realidade, não se detectou uma grande imigração para a República Dominicana; a população se manteve praticamente dentro de seus limites. Entretanto, deu-se o efeito contrário: os

haitianos vivendo na República Dominicana indo ao Haiti ver o que se passava com suas famílias. Não esperávamos esse efeito; esperávamos algo na outra direção. Mas a população se manteve dentro de seus limites. O que as Forças Armadas fizeram foi reforçar a segurança na fronteira e facilitar o processo para as pessoas que queriam ajudar o Haiti. Todo o trabalho de segurança, tanto do Corpo Especializado de Segurança Fronteiriça Terrestre encarregado das medidas de controle na fronteira, quanto do Exército Nacional, procura facilitar o fluxo de ajuda até o Haiti.

DIÁLOGO: Como o senhor equilibra o desejo de prover ajuda humanitária e ao mesmo tempo proteger a fronteira?

General Peña: Constitucionalmente, nós temos a missão de salvaguardar os espaços fronteiriços, tanto aéreos, terrestres, quanto marítimos. Continuamos cumprindo nossa missão de garantir a segurança territorial da República Dominicana. Entretanto, nosso trabalho também é o de facilitar a chegada de ajuda para aliviar o sofrimento no Haiti. Não vimos um grande deslocamento em massa para a República Dominicana. Estamos mantendo abertos os mercados binacionais, porque em toda a linha fronteira se concentram uma série de mercados que ajudam a restabelecer o intercâmbio comercial. É uma forma de apoio, para que o país vá se restabelecendo com base no comércio e nos intercâmbios entre ambas as partes.

É importante mencionar as reuniões na República Dominicana, nas quais o Presidente Fernández chamou para um diálogo em prol do Haiti. Na República Dominicana acontecerá uma reunião dos países doadores para o Haiti na qual serão discutidas as medidas a curto, médio e longo prazo que serão levadas a cabo. 



Um soldado dominicano ajuda a proporcionar segurança em um posto de distribuição de alimentos no Haiti.

A Dominican Soldier helps provide security for a food distribution effort in Haiti.

MINISTERIO DA DEFESA DA REPUBLICA DOMINICANA

We were afraid for President [René] Prével's life, and one of the tasks assigned by our president was to get in touch with President Prével to see how the Dominican Republic could act immediately. We communicated that day with Gen. [Ricardo] Toro, from Chile, who is with MINUSTAH, the United Nations Stabilization Mission in Haiti, who told us what the situation was. The Dominican Republic began working immediately, and that same day 10 mobile kitchens arrived in Haiti, able to feed 120,000 people for two or three weeks, and also medical aid, because when these types of catastrophes and calamities happen, there's a lot of suffering. The ministers of public health and public works, as well as the telecommunications offices, immediately went to work to try to restore communications in Haiti, because without communications, there's no coordination.

Then, we established ourselves in a command center on the border, in a town called Jimaní 60 kilometers from Haiti, where all the aid that was coming from the Dominican Republic — since a great deal of aid was already piling up from the first and second day — started coming through Haiti. This platform the Dominican Republic set up was what helped other countries provide aid.

DIÁLOGO: What specific measures did the armed forces from the Dominican Republic take to assist in the humanitarian relief efforts?


Lt. Gen. Peña: The president immediately gave us instructions to put forth our effort as a nation. The armed forces were the central axis for moving all the aid across the border, because many countries started to come together, and since the Haitian airport was closed because the control tower suffered severe damage, then the Dominican airports and the Dominican ports were where the aid really started to arrive. Our armed forces were assigned to provide security, both for the people and for the aid arriving in our country.

DIÁLOGO: What are the measures the Dominican Republic should adopt to continue with this humanitarian aid, especially in border regions where there are also refugees, since you have also received people from Haiti seeking refuge and assistance at border posts?

Lt. Gen. Peña: In reality, we haven't seen large-scale immigration into the Dominican Republic; the population has practically stayed within its borders. But instead, the opposite effect occurred, that is, Haitians living in the Dominican Republic going to Haiti to see what was happening with their families. So we weren't expecting this effect; we were expecting something in the other direction. But the population has stayed within its borders. What the Dominican armed forces have done is to reinforce the border and make it easier for the people who want to go help Haiti. So all the security work, such as that of the Specialized Border Security Corps, which is in charge of border control measures, and the national army, is for facilitating the flow of aid to or for Haiti.

DIÁLOGO: How do you balance the desire to provide humanitarian aid with safeguarding the border?

Lt. Gen. Peña: We have the constitutional mission of safeguarding the air, land and sea borders. But our job is also to ease the arrival of aid to alleviate Haiti's suffering. We haven't seen a massive displacement of people headed for the Dominican Republic. We are keeping the binational markets open, because all along the border there is a series of markets helping to re-establish commercial exchange. It's a way for us to support Haiti on the basis of trade and exchange between both sides as the country regroups.

It's important to mention the meetings the Dominican Republic has held where President Fernández has called for talks to help Haiti. A meeting of donor countries for Haiti will take place in the Dominican Republic to discuss what short, medium and long-term measures will take place. 

Um esforço humanitário com coração e coragem

Nações centro-americanas oferecem equipes de resgate, mantimentos e especialistas DIÁLOGO



COSTA RICA

Imediatamente após o terremoto, a Costa Rica enviou ao Haiti equipes de busca e resgate, engenheiros, médicos e especialistas em assistência humanitária de emergência. A Cruz Vermelha da Costa Rica lançou uma campanha nacional para arrecadar doativos em dinheiro, alimentos e suprimentos. As doações destinadas a mais de 300.000 haitianos durante os próximos três anos ajudarão na construção de abrigos temporários, reparação das instalações de água e saneamento e na prestação de atendimento médico para as vítimas do terremoto.

EL SALVADOR

Angeline Darthlemy, de três anos, se encontrava no orfanato Fontamara quando o terremoto aconteceu. Ela ficou presa sob concreto e metal, sem comida ou água por mais de três dias. Após estar soterrada por 84 horas, os bombeiros de El Salvador finalmente conseguiram retirá-la. No dia seguinte, esses mesmos bombeiros salvaram mais uma vida quando retiraram Jean Deni Voltaire, de 55 anos, do edifício da Missão de Estabilização das Nações Unidas no Haiti (MINUSTAH). Ele ficou soterrado por 115 horas.

Quando os bombeiros finalmente retornaram ao seu país, foram recebidos como heróis. “Esta é uma homenagem aos nossos heróis que honraram o país, o governo central e o povo de El Salvador com seus atos de coragem”, disse Humberto Centeno, ministro do Interior e chefe da agência de proteção civil de El Salvador.

O governo de El Salvador já tinha um contingente de policiais trabalhando junto à MINUSTAH), e após o terremoto enviou reforço policial para apoiar a missão. O país também forneceu provisões básicas, incluindo alimentos, água e cobertores.

HONDURAS

Honduras enviou alimentos, material de construção e equipes de busca e resgate.

Sua equipe de resgate utilizou equipamentos eletrônicos especializados em localizar sobreviventes, e trabalhou juntamente com socorristas de emergência de El Salvador e da Guatemala. Os suprimentos eram enviados para a República Dominicana, base central de recolhimento para a operação de socorro, antes de serem distribuídos às vítimas do terremoto no país vizinho.

O governo hondurenho também fez doações para o Haiti através da Cruz Vermelha, além de enviar equipes médicas.

PANAMÁ

No momento do terremoto, o Panamá ocupava o posto de presidente interino do Sistema de Integração Centro-Americano, o centro regional de resposta a desastres, e coordenou as contribuições humanitárias proveniente dos governos de todos os estados-membros da América Central para o Haiti. Um centro de operações de emergência foi criado para coordenar o esforço regional de assistência humanitária e avaliar as prioridades para a distribuição de ajuda. O Panamá também enviou equipes de resgate, médicos e doou alimentos e outros suprimentos.

Estados-Membros do Sistema de Integração Centro-Americano:
Belize, Costa Rica, República Dominicana, El Salvador, Guatemala, Honduras, Nicarágua, Panamá

Central American Integration System
Member States:
Belize, Costa Rica, Dominican Republic, El Salvador, Guatemala, Honduras, Nicaragua, Panama

www.sica.int

Ricardo Avilés, médico hondurenho e oficial de ligação da Força de Tarefa Conjunta-Bravo, atende pacientes na Base da Guarda Costeira de Killick no Haiti em 18 de janeiro de 2010. A unidade médica atendeu uma média de 39 pacientes por dia.

Ricardo Avilés, a Honduran doctor and Joint Task Force-Bravo liaison officer, tends to patients at Haiti's Killick Coast Guard Base on January 18, 2010. The medical unit saw an average of 39 patients per day.



CAPT. ISABEL RAMIREZ/U.S. ARMY

NICARÁGUA

A unidade de busca e resgate da Brigada de Defesa Civil trabalhou incessantemente cavando escombros. Eles resgataram um sobrevivente que ficou soterrado por 75 horas. Um segundo sobrevivente ficou preso sob os escombros de um edifício de quatro andares durante 83 horas. Após trabalhar ininterruptamente por 18 horas, a brigada finalmente livrou a vítima que recebeu tratamento médico adequado. Essa brigada, com seu esforço incansável, salvaria ainda duas outras vidas.

“Isso nos dá uma idéia da qualidade e da coragem dos nicaraguenses e da compaixão que eles têm a oferecer em condições difíceis”, declarou o General Mario Perezcassar, chefe da defesa civil da Nicarágua.

O país centro-americano também enviou uma numerosa equipe de médicos e cirurgiões militares que tratou mais de 12.000 vítimas do terremoto. As equipes médicas trabalharam ao lado de companheiros enviados por Cuba, Venezuela e Bolívia.

GUATEMALA

Os guatemaltecos compreendem bem a dor que os haitianos estão sentindo, pois sofreram com um terremoto que matou mais de 23.000 pessoas em 4 de fevereiro de 1976. Os guatemaltecos doaram alimentos, água, remédios e outros suprimentos de ajuda aos centros de distribuição responsáveis pela coleta de doações para enviar ao Haiti. O governo também abriu suas portas para permitir que 13 haitianos permanecessem na Guatemala com vistos humanitários.

A Guatemala é um dos dois países da América Central que possui tropas destacadas para a manutenção da paz junto à MINUSTAH, e o seu governo respondeu imediatamente à crise enviando tropas adicionais de apoio ao contingente que já se encontrava no Haiti. As equipes de busca e resgate guatemaltecos destacadas para o Haiti foram instrumentais na procura por sobreviventes entre os escombros.

As contribuições humanitárias feitas por indivíduos, empresas e

organizações religiosas diversas eram canalizadas através do Centro de Coordenação Nacional de Desastres Naturais, onde toneladas de alimentos, água, medicamentos e barracas para abrigos temporários foram coletados para distribuição. A ajuda enviada pela Guatemala ao Haiti foi distribuída localmente em conjunto com os integrantes da MINUSTAH. **D**

A polícia militar da Guatemala desempenha papel de assistência

Os militares guatemaltecos fazem parte das forças de paz atuando no Haiti desde 1998. Quando a MINUSTAH foi criada, em 2004, a Guatemala foi designada para formar um contingente especial da polícia militar de 115 homens responsáveis pela disciplina de todos os contingentes militares presentes no Haiti.

“Temos jurisdição em todo o país para incidentes, acidentes e para fazer cumprir a lei, como existe em qualquer exército; só que aqui, o nosso exército é a ONU”, explicou o Coronel Moisés Vinicio Lima Conde, Comandante do contingente da Guatemala.

O Coronel Conde adicionou ainda que o trabalho de seus comandados duplicou depois do terremoto, pois além da segurança que proporcionavam às forças da MINUSTAH foi acrescentada a função de ajuda humanitária. “Apesar do aumento da responsabilidade, fazemos esse trabalho com muito entusiasmo porque sabemos o povo precisa dele. Por exemplo, somos praticamente a escolta oficial do programa de alimentos quentes, organizado pela República Dominicana. Com esse projeto, entre 1.500 a 3.000 refeições quentes são servidas diariamente no almoço para os necessitados em Porto Príncipe”, informou o Coronel Conde.



Soldados nicaraguenses descarregam suprimentos médicos no Haiti em 21 de janeiro de 2010.

Nicaraguan Soldiers unload medical supplies in Haiti on January 21, 2010.

A relief effort with heart and courage

COSTA RICA

Immediately following the earthquake, Costa Rica sent search and rescue teams, engineers, doctors and emergency disaster relief experts to Haiti. The Costa Rican Red Cross launched a nationwide campaign to collect donations in cash, food and supplies. The donations, destined to aid more than 300,000 Haitians during the next three years, will assist with the construction of temporary shelters, repairs to water and sanitation facilities and in providing medical care for earthquake victims.

EL SALVADOR

Angeline Darthlemy lay trapped beneath concrete and metal without food and water for more than three days. The 3-year-old was staying at the Fontamara orphanage when the earthquake hit. After she was trapped for 84 hours, firefighters from El Salvador finally managed to pull her to safety. The next day, these same firefighters saved another life when they pulled 55-year-old Jean Deni Voltaire from The United Nations Stabilization Mission in Haiti, or MINUSTAH building. He had been trapped for 115 hours.

When they finally returned to their country, these firefighters received a hero's welcome. This ceremony "is a tribute to our heroes who have served their country honorably with their acts of courage," said Humberto Centeno, El Salvador's interior minister and head of the civil protection agency.

The government of El Salvador had a police contingent working with MINUSTAH, and it sent additional police officers to support their efforts in the country following the quake. The country also sent relief supplies including food, water and blankets.

HONDURAS

Food supplies, building materials and search and rescue teams were deployed by Honduras to Haiti.

The rescue teams used specialized electronic equipment to locate survivors, working alongside emergency relief personnel sent from El Salvador and Guatemala. Supplies were sent to the Dominican Republic, the initial staging ground for the relief operation, before being distributed to earthquake victims in the neighboring nation.

The Honduran government also made donations to Haiti through the Red Cross and sent medical personnel.

PANAMA

At the time of the quake, Panama held the interim presidency of the Central American Integration System, the regional disaster response center, and it coordinated government relief contributions to Haiti from all Central American member states. An emergency operations center was established to manage the regional humanitarian assistance effort and to assess the priorities for distributing aid.

Panama also sent rescue and medical teams and donated food and other relief supplies.

NICARAGUA

The search and rescue unit from the Civil Defense Brigade worked around the clock digging through the rubble in Haiti. The team rescued one survivor who had been trapped for 75 hours. The second survivor the unit found was trapped beneath the rubble

of a four-story building for 83 hours. After working nonstop for 18 hours, the brigade finally freed the victim, who was given the proper medical attention. That brigade would go on to save two more lives due to their tireless effort.

"This gives us an idea of the quality and courage of the Nicaraguans and the heart they have to give in these difficult conditions," said Gen. Mario Perezcassar, Nicaragua's Civil Defense chief.

The Central American country also sent a large team of army doctors and surgeons, who treated more than 12,000 earthquake victims. The medical teams worked alongside counterparts sent by Cuba, Venezuela and Bolivia.

GUATEMALA

Guatemalans understand the pain that Haitians are going through, having experienced an earthquake that killed more than 23,000 on Feb. 4, 1976. Guatemalans donated food, water, medicine and relief supplies to distribution centers collecting goods to send to Haiti. The government also opened its doors to allow 13 Haitians to stay in Guatemala on humanitarian visas.

As one of two nations in Central America with troops deployed as peacekeepers for MINUSTAH, the government immediately responded to the crisis by sending additional troops to support their contingent in the country. Guatemalan search and rescue teams deployed to Haiti were instrumental in finding survivors among the rubble.

Relief contributions made by private citizens, businesses and several church organizations were channeled through the National Coordination Center for Natural Disasters, where tons of food, water, medicine and tents for temporary shelters were amassed for distribution. Guatemalan aid to Haiti was distributed locally in conjunction with MINUSTAH personnel on the ground. [D](#)

Guatemalan Military Police Adopt Aid Role

Guatemalan military personnel have been with the peacekeeping forces in Haiti since 1998. When MINUSTAH was created in 2004, Guatemala was designated to form a special 115-man contingent of military police in charge of discipline for all the military contingents present in Haiti.

"We have jurisdiction throughout the country for incidents, accidents, and enforcing regulations, as in any army, only that here our army is the U.N.," said Col. Moisés Vinicio Lima Conde, the commander of the Guatemalan contingent.

Col. Conde said the tasks of his team were doubled after the earthquake because in addition to the security they provide to MINUSTAH's forces, assisting with humanitarian aid also became a part of their role. "Despite the increase in the burden, we do this work with a great deal of enthusiasm because we know that the people need it. For example, we are practically the official escort for the hot-food program organized by the Dominican Republic. Through this project, between 1,500 and 3,000 hot meals are served to the needy in Port-au-Prince every day," Col. Conde said.

Solidariedade

EM DESTAQUE

Comunidade militar e civil presta assistência ao país devastado pelo sismo DIÁLOGO

Bolívia



MARCO DOMINIO/ONU

Dias após o terremoto, o Vice-presidente Álvaro García viajou ao Haiti para entregar suprimentos doados pelo seu governo.

“A Bolívia trouxe parte do que temos para compartilhar; nós não compartilhamos o que nos sobra, e sim o que temos”, disse García. A Bolívia enviou mais de 50 toneladas de alimentos e também fez uma contribuição monetária. Os bolivianos fizeram fila em bancos de sangue em todo o país, eventualmente doando 500 litros. A

Integrantes bolivianos das Forças de Manutenção da Paz da ONU distribuem água e refeições quentes em Cité Soleil, no Haiti.

U.N. peacekeepers from Bolivia distribute water and hot meals in Cité Soleil, Haiti.

contribuição da Bolívia de mais de 200 integrantes das Forças de Manutenção da Paz para a Missão de Estabilização da ONU no Haiti (MINUSTAH) ajudou a garantir a segurança nos pontos de distribuição de alimentos.

SPOTLIGHT ON

Solidarity

Military and civil society assist quake-torn country

Bolivia

Days after the earthquake, Vice President Álvaro García traveled to Haiti to deliver supplies donated by his government. “Bolivia brought part of what we have to share; we don’t share what we have left over, just what we have,” García said. Bolivia sent more than 50 tons of food and also contributed money. Bolivians lined up at blood banks throughout the country, eventually donating 500 liters. Bolivia’s contribution of more than 200 peacekeepers to the United Nations Stabilization Mission in Haiti, or MINUSTAH, helped provide security at food distribution points.

Colombia

It seemed everyone in Colombia wanted to do their part to help the people of Haiti. Pop singers Shakira and Juanes both contributed through concerts and fundraising initiatives. Shakira announced through her Barefoot Foundation the construction of a new school. “We want to give these children affected by the disaster the opportunity to learn and prosper,” she said.

Colômbia



U.S. DEPARTMENT OF DEFENSE

Um pequeno paciente recebe atenção de um oficial médico do Exército colombiano trabalhando com a Força Tarefa Conjunta Bravo dos EUA em Killick, Haiti.

A tiny patient gets attention from a Colombian Army medical officer working with the U.S. Joint Task Force Bravo in Killick, Haiti.

Parecia que todos os colombianos queriam ajudar o povo haitiano. Os cantores de música pop, Shakira e Juanes, contribuíram através de espetáculos e iniciativas de arrecadação de fundos. Shakira anunciou através de sua Fundação Pés Descalços a construção de uma nova escola. “Queremos dar a essas crianças afetadas pelo desastre a oportunidade de aprender e prosperar”, disse ela.

Juanes realizou um show beneficente na República Dominicana junto aos cantores Alejandro Sanz, Miguel Bosé e Juan Luis Guerra, visando arrecadar fundos para a construção de um hospital pediátrico. Na partida que marcava sua despedida do futebol, o famoso goleiro René Higuita recolheu mais

de 20 toneladas de arroz dos fãs que vieram prestigiar o seu estimado ídolo em Medellín.

A Igreja Católica da Colômbia contribuiu com US\$1 milhão, doados por fiéis em todo o país. O Presidente Álvaro Uribe ordenou que o navio-hospital Cartagena partisse para o Haiti levando toneladas de suprimentos, enquanto sua Força Aérea transportou centenas de socorristas, profissionais da área médica, várias unidades caninas e equipamentos de busca e resgate. “Os cidadãos colombianos têm sido muito generosos”, afirmou Uribe. “A Colômbia está disposta a assumir uma responsabilidade específica para ajudar a acelerar o processo de assistência e reconstrução.”

Juanes performed a benefit concert from the Dominican Republic along with artists Alejandro Sanz, Miguel Bosé and Juan Luis Guerra to help raise money to build a children’s hospital. For his retirement match in Medellín, famed goalkeeper René Higuita collected more than 20 tons of rice from fans who came out to see their beloved superstar.

The Catholic Church of Colombia contributed \$1 million donated by parishioners throughout the country. President Álvaro Uribe ordered the naval hospital ship Cartagena to Haiti along with tons of relief supplies, while the Air Force flew in hundreds of rescue and medical workers, several canine units and search and rescue equipment. “[Colombian] citizens have been very generous,” Uribe said. “Colombia is ready to assume a specific responsibility to help accelerate the aiding and rebuilding.”

Ecuador

President Rafael Correa spent a few days in Haiti, including one night in the MINUSTAH camp with his forces. After assessing the damage, Correa, currently the interim president of the Union of South American Nations, said countries of the region are small but can provide aid for Haiti. “They are not alone in this tragedy... they have the support of all countries, particularly Latin American countries.” On his trip to Haiti, the president brought relief supplies including medicine, medical equipment, search and rescue teams, and several tons of food.

The MINUSTAH force, consisting of more than 60 troops, traveled in conjunction with the Chilean contingent to perform many search and rescue missions near the Haitian capital.

Peru

Crumpled houses and toppled churches, tents set up to house the thousands who have lost their homes, children attending school in makeshift classrooms: It’s been 2 1/2 years since a magnitude 8.0 earthquake rocked Pisco, killing almost 600 people, and the city is still trying to rebuild.



MINUSTAH

O Presidente Rafael Correa passou alguns dias no Haiti, incluindo uma noite no acampamento da MINUSTAH com as suas forças. Após avaliar os danos, Correa, atual presidente interino da União das Nações Sul-Americanas, disse que os países da região são pequenos, mas podem oferecer ajuda para o Haiti. “Eles não estão sozinhos nesta tragédia...eles contam com o apoio de todos os países, particularmente dos países da América Latina.”

Em sua viagem ao Haiti, o presidente levou suprimentos, incluindo remédios, equipamentos médicos, equipes de busca e resgate, bem como várias toneladas de alimentos.

As Forças da MINUSTAH, compostas por mais de 60 soldados, viajaram juntamente com o contingente chileno para realizar várias missões de busca e resgate perto da capital haitiana.

Peru

Casas desabadas e igrejas tombadas, barracas armadas para abrigar os milhares que perderam suas moradias, crianças frequentando a escola em salas de aula improvisadas: já faz dois anos e meio desde o terremoto de 8,0 graus que balou Pisco matando quase 600 pessoas, e a cidade ainda está tentando reconstruir.

O Presidente Alan García ressaltou a importância da assistência internacional quando um país sofre uma catástrofe natu-

Soldados equatorianos trabalhando com a ONU ajudam uma vítima do terremoto. A companhia equatoriana de engenheiros participou nas operações de busca e resgate.

ral, e declarou que seu país iria doar US\$10 milhões para a reconstrução de escolas e sistemas de água potável no Haiti. Outras medidas de assistência incluíam alimentos, dois hospitais de campanha, equipes médicas, remédios e 150 soldados adicionais para reforçar a tropa de 200 soldados já no Haiti, em apoio à MINUSTAH.

Venezuela

“O Haiti não tem nenhuma dívida com a Venezuela. É a Venezuela que tem uma dívida histórica com o Haiti”, afirmou o Presidente Hugo Chávez, referindo-se ao apoio do Haiti à Venezuela quando o país andino foi libertado da Espanha. Chávez perdoou cerca de US\$300 milhões da dívida haitiana, praticamente um terço da dívida externa do país empobrecido. A Venezuela também respondeu com mais de 600 toneladas de alimentos e 127 toneladas de equipamentos, incluindo sistemas de purificação de água, geradores elétricos e equipamentos pesados para a remoção de escombros, bem como equipes médicas e de busca e resgate. E considerando que o petróleo é uma mercadoria tão valiosa, a Venezuela também enviou 2,1 milhões de galões de petróleo bruto para o Haiti. ①

Ecuadorian Soldiers working with the U.N. and others assist an earthquake victim. The Ecuadorian company of engineers participated in search and rescue operations.

President Alan García, stressing the importance of international assistance when a country suffers from a natural disaster, said his country would donate \$10 million for the reconstruction of schools and potable water systems in Haiti. Other aid included food, two field hospitals, medical teams, medicine and an extra 150 personnel to bolster the 200 troops already in Haiti in support of MINUSTAH.

Venezuela

“Haiti has no debt with Venezuela. It is Venezuela that has a historic debt with Haiti,” President Hugo Chávez said, referring to Haiti’s support of Venezuela when the Andean country was liberated from Spain. Chávez wrote off almost \$300 million in debt owed to Venezuela by Haiti, nearly one-third of the impoverished country’s international debt. Venezuela also responded with more than 600 tons of food and 127 tons of equipment, including water purification systems, electrical generators and heavy equipment for moving rubble, along with medical and search and rescue teams. With oil being the valuable commodity that it is, Venezuela also sent 2.1 million gallons of crude oil to Haiti. ①

Trabalhadores das Nações Unidas se tornam socorristas

GENERAL-DE-BRIGADA JORGE PEÑA COBEÑA
SUBSECRETÁRIO DA DEFESA NACIONAL DO EQUADOR

A partir de 2003, o Equador e o Chile formaram a companhia de engenheiros Chiecuencyo como contingente para se colocarem à disposição da Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (MINUSTAH), executando trabalhos de construção e dando apoio às organizações civis.

A companhia dos bonés azuis equatorianos é formada por um contingente de 66 pessoas, entre os quais quatro oficiais engenheiros e 62 membros especializados em operação de maquinaria e equipamentos pesados. Até a presente data, 11 contingentes militares têm prestado serviços, constituindo-se em portadores de uma mensagem de paz e progresso para a população haitiana.

Imediatamente após o terremoto, a companhia equatoriana de engenheiros, como parte da MINUSTAH, participou ativamente de operações de busca e resgate de vítimas, de assistência médica, ajuda humanitária, remoção de escombros e distribuição de água, alcançando os seguintes resultados:

Atividades de resgate/recuperação: Companhia equatoriana de engenheiros			
Lugar	Pessoas		Total Resgatado /Recuperado*
	Vivas	Corpos sem vida	
Hotel Montana dia 1	7	1	8
Casas atrás da Base	5	2	7
Vizinhança do Hotel Montana	4	-	4
Casa Panamericana Delmas 60	1	-	1
Hotel Montana (depois do dia 1)	10	17	27
Total	27	20	47

*Até 29 de janeiro de 2010

As operações de resgate foram realizadas 24 horas por dia, organizadas em grupos e em turnos de trabalho de oito horas, com foco principalmente no setor do Hotel Montana, onde se encontravam cerca de 200 pessoas no momento da tragédia. O contingente equatoriano proporcionou os primeiros socorros às pessoas feridas, enquanto outras equipes vasculhavam entre os escombros na esperança de encontrar sobreviventes. Essas tarefas duraram aproximadamente 15 dias, para em seguida darem lugar à remoção de escombros com máquinas pesadas e ao recolhimento de corpos sem vida das pessoas que lamentavelmente faleceram no desastre.

Além disso, o país formou a “Força Tarefa Equador - Missão Humanitária no Haiti”, integrada por pessoal especializado da Cruz Vermelha, bombeiros, Forças Armadas e Polícia Nacional e contando com o equipamento necessário para executar trabalhos de busca e resgate. Essa Força Tarefa chegou a Porto Príncipe 48 horas após o terremoto e, em coordenação com as equipes de socorro de outros países, realizaram trabalhos de busca a vítimas presas nos escombros, apoiados por cães treinados os quais, apesar do esforço empreendido, somente puderam resgatar corpos sem vida. A Força Tarefa não apenas colocou o seu contingente à disposição do povo haitiano, como também entregou a organizações locais de ajuda humanitária víveres para distribuir aos atingidos.

Ecuador's U.N. Workers Become Rescuers

BRIGADIER GEN. JORGE PEÑA COBEÑA
ECUADOR'S UNDERSECRETARY OF DEFENSE

Beginning in 2003, Ecuador and Chile formed the Chiecuencyo engineering company as their contingent for the United Nations Stabilization Mission in Haiti, or MINUSTAH, performing construction work and providing support to civil organizations.

The company of Ecuadorean blue helmets is made up of a contingent of 66 individuals, including four engineering officers and 62 troops specialized in operating machinery and heavy equipment. Up to now, 11 military contingents have provided services, becoming carriers of a message of peace and progress for the Haitian population.

Immediately following the earthquake, the Ecuadorean company of engineers, as part of MINUSTAH, participated actively in search and rescue operations, medical care, humanitarian aid, debris removal and water distribution, obtaining the following results:

Rescue/Recovery Activities: Ecuadorean Company of Engineers			
Location	Persons		Total Rescued/ Recovered*
	Alive	Lifeless	
Hotel Montana (day 1)	7	1	8
Housing behind the base	5	2	7
Hotel Montana vicinity	4	-	4
Pan-American House Delmas 60	1	-	1
Hotel Montana (after day 1)	10	17	27
Total	27	20	47

*As of January 29, 2010

The rescue operations were carried out around the clock, with the personnel organized into groups and working eight-hour shifts, focused primarily in the vicinity of the Hotel Montana, where there were about 200 people at the time of the disaster. The Ecuadorean contingent administered first aid to the injured, while other teams searched among the ruins in the hope of finding people alive. These tasks extended for approximately two weeks, followed by debris removal using heavy machinery and the recovery of the remains of those who regrettably perished in the disaster.

Likewise, the country formed the Ecuador Task Force-Humanitarian Mission to Haiti, made up of specialized personnel from the Red Cross, firefighters, the Armed Forces and the national police, who had the necessary equipment for search and rescue operations; the task force arrived in Port-au-Prince 48 hours after the earthquake. In coordination with rescue teams from other countries, members conducted searches for trapped victims, supported by trained dogs, but despite the effort made, only corpses could be recovered. The task force not only put its contingent at the service of the Haitian people but also delivered provisions to local humanitarian aid organizations for distribution to the victims.

Peru improvisa usando experiência adquirida com contraterrorismo

O posto de comando do contingente peruano da MINUSTAH em Porto Príncipe foi totalmente destruído pelo terremoto de 12 de janeiro de 2010. Quando *Diálogo* visitou o acampamento em março, os peruanos continuavam vivendo e trabalhando em tendas. O contingente foi aumentado de 216 para 400 homens para auxiliar principalmente na fronteira com a República Dominicana.

“Temos três bases na linha de fronteira”, explicou o Tenente-coronel Darcy Gómez Fernández, Comandante do Contingente Peruano da MINUSTAH. “Depois do terremoto, nossa missão mudou e se concentrou na escolta de comboios e patrulhamento

ao longo de toda a linha de fronteira”, continuou ele.

Uma grande preocupação, segundo o comandante, foi a fuga em massa de presos dos presídios que desabaram em decorrência do terremoto. Os especialistas da MINUSTAH e das polícias da ONU e do Haiti concluíram que esses presos tentariam fugir para a República Dominicana. “O patrulhamento dessas áreas fronteiriças não se faz por estradas e sim por campo, a pé. Isso complica um pouco e desgasta muito as patrulhas. Antes não havia muitas patrulhas desse tipo, mas elas foram aumentadas para podermos vigiar toda a linha de fronteira. É necessário que as pessoas vejam e observem que a fronteira está vigiada pelos militares da MINUSTAH. Isso causa maior desgaste pessoal, maior emprego de veículos, comunicação e armamentos. Por isso foi fundamental aumentar o número

dos nossos homens na área”, explicou o comandante.

Para ele, essa experiência é muito enriquecedora porque “nós aprendemos com outros países, e em algumas ocasiões, imagino que os outros países poderão aprender alguma coisa sobre como atuamos. É preciso levar em conta que nós operamos em zonas subversivas no Peru. Lidamos com o problema do terrorismo e o exército está constantemente sendo usado em operações contraterroristas. Isso nos dá muita experiência em operações militares.

“Nos últimos anos, tivemos uma boa quantidade de baixas no exército peruano em consequência do terrorismo, o que obriga o nosso pessoal a ser constantemente treinado e nos dá certa experiência em operações de contraterrorismo. Então, de certa forma, aplicamos isso aqui”, concluiu o comandante. **1**

O Exército Colombiano ajuda um hospital francês a funcionar

Diversas organizações não-governamentais no Haiti estão trabalhando em conjunto com militares de vários países. Um bom exemplo é o hospital Aimer Haiti, organizado por uma ONG francesa com o mesmo nome, porém administrado, desde o terremoto, pelo exército colombiano.

Nos dias que se seguiram à tragédia, o hospital atendeu a vítimas com ossos fraturados e outras lesões. “Hoje estamos vendo muitos casos de saúde pública, como enfermidades causadas pela falta de higiene e doenças pulmonares. Tudo isso é causado pela contaminação ambiental e pela falta de água potável”, explicou o Sargento José Ernesto Cubillas, médico do exército colombiano que trabalha no hospital Aimer Haiti.

Depois do terremoto, os médicos militares colombianos passaram a atender centenas de pessoas diariamente – um aumento substancial em relação aos 50 pacientes diários antes da catástrofe. “Estamos trabalhando com o governo dos EUA e com o Comando Sul”, explica o sargento. “Tudo é muito emocionante. Nós, colombianos, estamos muito contentes em poder ajudar o povo haitiano”, finaliza. **1**

Peru Improvises, Puts Counterterrorism Experience to Use

The command post of the Peruvian contingent serving with MINUSTAH in Port-au-Prince was destroyed by the January 12, 2010, earthquake. When *Diálogo* visited the camp in March, the Peruvians were still living and working in tents. The contingent was increased from 216 to 400 men to help with humanitarian aid efforts and patrol duties, especially along the border with the Dominican Republic.

“We have three bases on the border,” Lt. Col. Darcy Gómez Fernández, the commander of MINUSTAH’s Peruvian contingent, explained. “After the earthquake, our mission changed and became focused on convoy escorts and

patrols along the entire border,” he said.

A major concern, according to the commander, was a massive prisoner escape from the prisons damaged by the earthquake. Experts from MINUSTAH and U.N. and Haitian police concluded that these prisoners would try to flee to the Dominican Republic.

“Patrols in these border zones are not along a road but in the countryside, on foot. This makes things a bit more complicated and takes a lot out of the personnel. Previously, there weren’t many patrols of this kind, but now there’s been an increase in order to have a presence all along the border. It’s necessary for people to see and observe that the border is being guarded by people from MINUSTAH. This results in more strain on the personnel, more use of vehicles, communications and military equipment. For this reason, the increase in the

number of our men here was fundamental,” the commander said.

For him, this experience is very enriching because “we learn from other countries, and on occasion, I imagine that other countries can learn something from how we operate. It’s necessary to keep in mind that we are coming from operating in areas of subversive activity in Peru. We have the problem of terrorism, and the Army is constantly being used in counterterrorism operations. This gives us a great deal of experience in military operations.

“We’ve had, in recent years, a good number of casualties in the Peruvian Army as a consequence of terrorism, and this also imposes the requirement that our personnel be constantly trained and gives us a certain amount of experience in counterterrorism operations. Then, in some way, we apply that here,” the commander concluded. **1**

Colombian Army Helps Keep French Hospital Running

A variety of nongovernmental organizations in Haiti are working together with military personnel from a number of countries. A good example is the Aimer Haiti hospital, organized by a French NGO of the same name but administered since the earthquake by the Colombian Army.

In the days following the tragedy, the hospital cared for victims with broken bones and wounds. “Now we’re seeing a lot of public-health cases, such as illnesses caused by lack of hygiene and pulmonary illnesses. It all involves environmental management, due to the contamination and the lack of potable water,” explained Sgt. José Ernesto Cubillas, a Colombian Army doctor working at Aimer Haiti.

After the earthquake, the Colombian military doctors provided care to hundreds of people every day — a substantial increase from the 50 patients seen daily before the disaster. “We’re working with the U.S. government and with the Southern Command,” the sergeant explained. “It’s all very moving. We Colombians are very glad to be able to help the Haitian people,” he concluded. **1**



MARCOS OMMATI/DIALOGO

O papel filantrópico das Forças Armadas

MAJOR SULDERY VARGAS VÁSQUEZ
REVISTA EJÉRCITO, COLÔMBIA

Um dia após o terremoto que abalou a Haiti, o mundo inteiro ofereceu ajuda e solidariedade ao povo caribenho, e a Colômbia não foi exceção. O governo nacional, representado pelas Forças Militares, juntamente com a Cruz Vermelha e a Defesa Civil entre outras entidades nacionais, mostrou presença ativa imediata para apoiar a população haitiana.

O Exército colombiano deslocou uma equipe de trabalho formada por pessoal médico e logístico em coordenação com a Força Aérea Colombiana, que esteve sempre disposta a dar o apoio necessário.

Desde 13 de janeiro de 2010, quando foi enviado o primeiro grupo de militares colombianos para o Haiti, as equipes realizaram um importante trabalho humanitário. Elas eram compostas de quatro ortopedistas, cinco médicos clínicos gerais, um anesthesiologista e uma enfermeira-chefe, 16 enfermeiros de combate, oito suboficiais e igual número de soldados profissionais com ampla experiência em traumas decorrentes de guerra.

O Exército enviou ainda três barracas adaptadas com centros cirúrgicos portáteis, equipamentos para anestesia, mesas cirúrgicas,


Soldados colombianos atendem uma vítima do terremoto no Haiti.

Colombian Soldiers treat an earthquake victim in Haiti.

mesas de instrumentação e 50 macas para reforçar a adaptação do hospital de campanha. Esse centro hospitalar tinha capacidade para atender 200 pessoas por dia, com pessoal militar médico especializado e disposto a atender as vítimas do terremoto 24h por dia.

“A primeira coisa que fizemos ao chegarmos ao Haiti foi ficar no aeroporto atendendo pacientes em trânsito que se destinavam a outros países. Posteriormente, nos mudamos para outro lugar, onde foi instalado um hospital de campanha e ali operamos mais 116 pacientes com fraturas”, explicou o Coronel do Exército Daniel Segura.

Em um campo de futebol, sob condições extremas de calor de mais de 40°C, foi instalado o hospital militar de campanha. Esse hospital permitiu que as vítimas tivessem acesso a cuidados médicos especializados.

Por outro lado, os médicos militares nacionais tornaram-se verdadeiras autoridades médicas, tanto para os haitianos quanto para os colegas estrangeiros. Com a experiência adquirida com o conflito interno colombiano, eles aplicaram seus conhecimentos em casos distintos de traumas, cirurgias, reabilitação e ortopedia. 

Armed Forces' Philanthropic Role

MAJ. SULDERY VARGAS VÁSQUEZ
REVISTA EJÉRCITO, COLOMBIA

A day after the earthquake that shook Haiti, an outpouring of aid and solidarity for the Caribbean nation took place around the world, and Colombia was no exception. Immediately, the national government, represented by the armed forces, along with the Red Cross and the Civil Defense agency, among other national entities, took an active role in supporting the Haitian population.


The Colombian Army deployed a sizable team of medical and logistical personnel, in coordination with the Colombian Air Force, which has always been ready to provide the necessary support.

Starting on January 13, 2010, when the first group of Colombian military personnel was sent to Haiti, the teams carried out vital humanitarian work. They had four orthopedists, five primary care physicians, an anesthesiologist, a head nurse, 16 combat nurses, eight noncommissioned officers and an equal number of career soldiers with vast experience in war-related trauma.

The Army sent three tents equipped with portable operating rooms, anesthesia equipment, operating tables, instrument tables and 50 cots to strengthen the field hospital's capabilities. The hospital had a capacity for 200 patients a day, with specialized military medical personnel ready to care for the earthquake victims around the clock.

“The first thing we did when we got to Haiti was to stay in the airport caring for patients in transit on their way to other countries. Later on, we moved to another location, where a field hospital was set up; we operated there on more than 116 patients with fractures,” Army Col. Daniel Segura explained.

It was on a soccer field, in extremely hot conditions, that the military field hospital was set up. This location provided victims access to specialized medical care.

The Colombian military doctors became true medical authorities, both for the Haitians and for their foreign colleagues. With the experience gained in Colombia's internal conflict, they applied their knowledge to a variety of situations in trauma management, surgery, rehabilitation and orthopedics. 



TRAGÉDIA NO NOSSO HEMISFÉRIO

Países do Cone Sul respondem rapidamente com suprimentos de emergência e assistência humanitária *DIÁLOGO*

Argentina



NECC DETACHMENT COMBAT CAMERA, NORFOLK

Um soldado argentino das Forças de Manutenção da Paz da ONU ajuda mulheres a carregarem um saco de 45 quilos de arroz.

A U.N. peacekeeper from Argentina helps women carry a 100-pound bag of rice.

Ajudar a alimentar uma população logo após um desastre da natureza é uma resposta normal de qualquer assistência humanitária; contudo, ensinar a população a se sustentar uma vez que os subsídios internacionais já tenham cessado, é muito mais importante. E foi por isso que o governo argentino decidiu oferecer ao povo do Haiti o seu plano Pro-Huerta, uma iniciativa que visa reforçar a capacidade produtiva em todos os setores e aumentar a segurança alimentar das populações carentes e vulneráveis. O plano propicia assistência e treinamento profissional às famílias haitianas, bem como ferramentas e sementes, possibilitando essas famílias cultivarem o seu próprio alimento.

Com mais de 700 integrantes, a Argentina conta com uma força de tamanho considerável apoiando a Missão de Estabilização da

ONU no Haiti (MINUSTAH). Para prestar assistência após o terremoto, essa força foi dividida em três componentes: um hospital militar em Porto Príncipe, uma unidade aérea da MINUSTAH e estações de tratamento de água. A Argentina também forneceu vários voos carregados de equipamentos médicos e suprimentos de emergência.

Chile



FORÇAS ARMADAS DO CHILE

Soldados chilenos das Forças de Manutenção da Paz da ONU avaliam os danos causados pelo terremoto no Haiti.

U.N. peacekeepers from Chile assess the damage caused by the earthquake in Haiti.

“Ela morreu porque queria estar comigo durante uma missão difícil”, disse o General Ricardo Toro, Vice-comandante das forças chilenas da MINUSTAH, incluindo 600 soldados chilenos já no país. Toro estava se referindo à sua esposa, María Teresa Dowling, que foi encontrada morta por bombeiros chilenos entre os escombros do Hotel Montana. Toro, que posteriormente renunciou ao posto, regressou ao Chile para sepultar os restos mortais de sua esposa.

TRAGEDY IN OUR HEMISPHERE

Southern Cone countries respond quickly with relief supplies and humanitarian assistance

Argentina

Helping feed a population in the wake of a natural disaster is an innate response with regard to humanitarian assistance, but teaching a population to sustain itself long after the international assistance has waned is far more valuable. And so it was that the Argentine government decided to extend to the people of Haiti its Pro-Huerta plan, an initiative that aims to enhance the productive capacities in all sectors and increase food security for poor and vulnerable populations. The plan provides Haitian families with assistance and training from professionals, as well as tools and seeds, making it possible for families to grow their own food.

Argentina has a sizable force in support of the U.N. Stabilization Mission in Haiti, or MINUSTAH, with more than 700 personnel in country. To provide assistance after the quake, the force was split into three components: a relocated

Quarenta e um bombeiros da unidade de busca e resgate receberam acompanhamento psicológico para poder lidar com as imagens chocantes que tiveram que presenciar durante os seus incansáveis esforços em retirar corpos dos escombros. “O trabalho que fizemos foi realmente árduo pois fomos a única força tarefa que trabalhou 24 horas”, relatou o Capitão Juan Carlos Subercaseaux. O governo chileno doou toneladas de alimentos e remédios e enviou equipes de busca e resgate, médicos e especialistas em desastres.

Paraguai

“O Haiti é um país que está geograficamente distante de nós, mas neste momento de tragédia, está muito próximo ao coração dos paraguaios”, disse o Presidente Fernando Lugo após o terremoto devastador. As contribuições do Paraguai para o Haiti incluíram alimentos, cobertores, equipes de busca e resgate e um contingente de médicos cirurgiões e especialistas. Sua força da MINUSTAH de mais de 30 paraguaios ajudou a manter a segurança nos pontos de distribuição de alimentos.

Uruguai



MARCOS OMMATI/DIÁLOGO

Um piloto da Força Aérea uruguaia trabalhando com a Missão de Estabilização da ONU no Haiti se prepara para realizar um voo de vigilância em Porto Príncipe.

A Uruguayan Air Force pilot working with the U.N. Stabilization Mission in Haiti prepares for a surveillance flight in Port-au-Prince.

Entre a morte e a destruição que permearam o Haiti, garantir a segurança foi essencial. Após o forte terremoto, muitos prédios desmoronaram, inclusive prisões. Em um desses casos, um contingente de forças uruguaias conseguiu evitar

pacificamente uma fuga em massa da prisão.

O Uruguai tem a segunda maior força de segurança no Haiti. A contribuição do Uruguai, além de suas forças de segurança, incluiu unidades de tratamento de água, geradores portáteis de energia, engenheiros, equipes médicas, suprimentos de emergência e uma unidade canina de busca e resgate. O Uruguai também sofreu perdas. Três compatriotas pereceram no terremoto: o Coronel Gonzalo Daniel Martirené, morto no edifício da MINUSTAH; o ex-jogador de futebol Julio Daniel Varese e seu filho de 3 anos de idade Mateo, encontrados mortos em uma casa ao lado do Hotel Montana.



FORÇAS ARMADAS DO URUGUAI

Um soldado uruguaio das Forças de Manutenção da Paz da ONU posa com crianças de um orfanato haitiano.

A U.N. peacekeeper from Uruguay poses with children from a Haitian orphanage.

military hospital in Port-au-Prince, a MINUSTAH air unit and water treatment plants. Argentina also provided several plane loads of medical equipment and relief supplies.

Chile

“She died because she wanted to be with me during a difficult mission,” said Gen. Ricardo Toro, deputy commander for MINUSTAH forces, including the 600 Chilean troops already in the country. Toro was referring to his wife, María Teresa Dowling, who was found dead by Chilean firefighters amid the rubble of the Hotel Montana. Toro, who later stepped down from his post, flew back to Chile with his wife’s remains.

Forty-one firefighters from the search and rescue unit received psychological counseling to learn how to deal with the gruesome images they saw during their tireless efforts to pull bodies from the wreckage. “The work done by us was really grueling because we were the only task force that worked 24 hours,” Capt. Juan Carlos Subercaseaux said. The Chilean government donated tons of food and medicine and sent search and rescue teams, doctors and disaster relief specialists.

Paraguay


“Haiti is a country that is geographically distant from us, but at this time of tragedy it is very close

to the heart of all Paraguayans,” President Fernando Lugo said after the devastating earthquake. Paraguay’s contribution to Haiti consisted of food, blankets, search and rescue teams and a medical contingent of surgeons and specialists. Their MINUSTAH force of more than 30 Paraguayans helped provide security at food distribution points.

Uruguay

Amid the death and destruction that permeated Haiti, maintaining security was essential. In the wake of the deadly earthquake, many buildings collapsed, including prisons. In one such instance, a contingent of Uruguayan forces managed to peacefully prevent a massive prison escape.

Uruguay has the second largest security force in Haiti. Uruguay’s contribution, in addition to its security forces, included water treatment units, portable power generators, engineers, medical teams, relief supplies and a canine search and rescue team. Uruguay also suffered losses. Three countrymen perished in the earthquake: Col. Gonzalo Daniel Martirené was killed in the MINUSTAH building, and former soccer player Julio Daniel Varese and his 3-year-old son Mateo were found dead in a house adjacent to the Hotel Montana.



Um integrante da unidade canina uruguaia busca sobreviventes entre os escombros.

A member of the Uruguayan K-9 unit searches for survivors in the rubble.

EXÉRCITO DO URUGUAI

UNIDADE CANINA do Uruguai apóia esforços de resgate no Haiti

É preciso ter um tipo especial de cão para farejar sinais de vida. Preferencialmente, você deve começar a treiná-los desde filhotes, visto que é um longo processo que requer paciência e dedicação. Esses cachorros precisam ter força, resistência, ser sociáveis e, acima de tudo, ter uma obsessão por brinquedos, pois esses brinquedos serão a recompensa quando encontrarem uma pessoa com vida.

“Sem dúvida, o momento mais gratificante foi quando eu vi um homem preso sob os escombros ser salvo”, disse a 1º tenente Andrea de los Santos da equipe canina de resgate do Exército uruguaio.

Dois dias após o terremoto, de los Santos, o seu pastor alemão Falko e o restante da equipe estavam em solo haitiano escavando os escombros em busca de sobreviventes. “Nesses momentos, coloquei meu treinamento militar profissional em ação e me concentrei na tarefa de salvar vidas. Tenho a convicção de que nosso trabalho era de primordial importância.”

A unidade canina uruguaia foi transferida pela MINUSTAH para trabalhar com as equipes de busca e resgate de El Salvador e da Guatemala. A coordenação foi crucial, na medida em que cada unidade tinha tarefas específicas. As unidades caninas do Uruguai procuravam sinais de vida, e as equipes de resgate de El Salvador e da Guatemala retiravam as vítimas.

Durante sua missão de duas semanas no Haiti, a equipe de unidade canina viu várias vidas sendo salvas e inspecionou muitas áreas reduzidas a escombros em busca de sinais de vida. Apesar da maioria das pessoas encontradas estarem mortas, a equipe tinha a certeza que seus cães não haviam deixado ninguém para trás.

URUGUAYAN K-9 UNIT supports rescue efforts

It takes a special kind of dog to sniff for signs of life. Ideally, you want to begin training them as puppies since it's a long process that requires patience and dedication. These dogs need to be sociable and have strength, endurance and an obsession for playing with toys. These toys will be their reward for finding a person alive.

“Without a doubt, the most gratifying moment was when I saw a man who was pinned beneath the rubble saved,” said 1st Lt. Andrea de los Santos of the Uruguayan Army K-9 rescue team.

Two days after the earthquake, de los Santos, her German shepherd, Falko, and the rest of the team were on Haitian soil, digging through the rubble for survivors. “In those moments, I put my professional military training to use and concentrated on the task of saving lives. I could see that our work was of paramount importance.”

The Uruguayan K-9 unit, working under MINUSTAH, was paired with search-and-rescue teams from El Salvador and Guatemala. Coordination between the teams was vital because they each had specific tasks. The K-9 units from Uruguay would search for signs of life, and the rescue teams from El Salvador and Guatemala would pull survivors out.

Throughout a two-week mission in Haiti, the K-9 team saw several lives saved and searched for signs of life in many areas reduced to rubble. Although most of the people they found had perished, the team was confident in knowing that their dogs left no one behind.

UNIDADE COMBINADA

Chilena-Equatoriana oferece ajuda humanitária para o Haiti

O Chile participa da Missão de Estabilização das Nações Unidas no Haiti proporcionando trabalhos de engenharia e obras de apoio a orfanatos e à comunidade. Nos dias que se seguiram ao terremoto, as unidades chilenas desempenharam um papel importante nos esforços de resgate, consertando estradas, oferecendo assistência médica, água e alimentos, e trabalhando na recuperação de corpos e na remoção de escombros.

“Os integrantes da minha Unidade Combinada Chileno-Equatoriana têm neste momento e continuarão a ter um papel fundamental na reconstrução desta cidade”, explica o Coronel Sepúlveda Díaz, Comandante da Companhia de Engenheiros de Construção do Estado Maior do Chile junto à MINUSTAH na capital de Haiti, Porto Príncipe. “O nosso pessoal conta com conhecimento, preparação profissional e a vontade necessária para proporcionar um apoio eficiente e eficaz diante desse tipo de catástrofes naturais”, acrescentou.

Sobre a coordenação com as forças do Equador, o Coronel Sepúlveda Díaz ressalta que “os trabalhos se materializam com grande espírito de companheirismo e camaradagem, destacando a vontade, esforço e colaboração demonstrados por todos os integrantes dessa Unidade

Combinada em apoio à MINUSTAH e ao povo haitiano”.

A especialização dos membros dessa unidade também contribuiu para salvar vidas. “Após o terremoto, essa unidade recebeu 43 trabalhadores do Equador (incluindo 38 da área de resgate), o que permitiu contar com pessoal civil especializado em trabalhos de busca e resgate”, indicou o Coronel Sepúlveda Díaz, orgulhoso do trabalho humanitário realizado pela sua unidade.

Algumas semanas depois do terremoto no Haiti, o Chile também foi sacudido por um tremor de terra de 8,8 graus de intensidade no dia 27 de fevereiro de 2010, causando graves danos à cidade de Concepción e a outras localidades nas regiões costeiras. Uma vez mais, as Forças Armadas chilenas lideraram os esforços de ajuda humanitária – dessa vez para auxiliar os seus compatriotas.



FORÇAS ARMADAS DO CHILE

CHILEAN-ECUADOREAN unit offers aid to Haiti

Chile participates in the U.N. Stabilization Mission in Haiti, providing engineering expertise and supporting orphanages in the community. In the days following the earthquake, the Chilean units played a significant role in rescue efforts, repairing roads, dispensing medical care, water and food, recovering bodies and removing rubble.

“The members of my Chilean-Ecuadorian combined unit have right now and will continue to have a fundamental role in rebuilding this city,” said Lt. Col. Luis Sepúlveda Díaz, commander of the Chilean General Staff Company of Construction Engineers with MINUSTAH. “Our personnel have the knowledge, professional training and dedication needed to offer efficient and effective support in the face of natural disasters of this kind,” he added.

Regarding coordination with the Ecuadorean forces, Lt. Col. Sepúlveda Díaz indicated that “work gets done with a great spirit of comradeship and camaraderie, bringing to the fore the will, effort and collaboration demonstrated by all the members of this combined unit in support of MINUSTAH and of the Haitian people.”

This unit’s specialty also contributed to saving lives. “Following the earthquake, this unit hosted 43 people from Ecuador [including 38 rescuers], which made it possible to have civilian personnel specialized in search and rescue activities,” Lt. Col. Sepúlveda Díaz indicated, proud of the humanitarian work carried out by his unit.

Just weeks after the Haitian earthquake, Chile was devastated by a magnitude 8.8 quake on Feb. 27, 2010, which severely damaged the city of Concepción and other areas along the Chilean coastline. Once again, the Chilean Armed Forces were at the forefront of humanitarian aid — this time to assist their own people.

Uma equipe médica chilena no Haiti presta socorro a uma vítima do terremoto.

A Chilean medical team in Haiti administers aid to an earthquake victim.

EL ROL DE LAS FUERZAS

de Mantenimiento de Paz evoluciona tras el terremoto

Entrevista con el General Felicio de los Santos, Comandante para las Operaciones de Paz del Ejército del Uruguay y Vice-Comandante de la misión de las Naciones Unidas en Haití desde marzo del 2010.

DIÁLOGO: Esta edición especial de Diálogo destaca los esfuerzos de países de este hemisferio para aportar ayuda al pueblo haitiano. Uruguay forma parte de la misión de las Naciones Unidas en Haití y participó en estos esfuerzos. ¿Nos podría indicar cuál fue el papel específico que desempeñó Uruguay?

General Felicio de los Santos: La marcada presencia de nuestro personal en territorio haitiano permitió desde el primer momento —y a pesar de estar desplegados con un batallón al norte y otro al sur— el rápido envío de tropas a Puerto Príncipe para colaborar en las distintas tareas de ayuda que se priorizaban en ese momento. Adicionalmente, el Gobierno de Uruguay dispuso el envío inmediato de un equipo especializado en rescates con perros para trabajar en la búsqueda de posibles sobrevivientes. Es para nosotros un motivo de orgullo la excelente tarea que han desempeñado.

DIÁLOGO: Cómo evolucionó el papel de las Fuerzas Armadas uruguayas después del terremoto?

General De los Santos: En lo sustancial se han reorientado los esfuerzos en los aspectos de seguridad para asegurar la estabilidad en esta situación de crisis. Pero es justo reconocer que nuestras tropas han redoblado también los esfuerzos para colaborar con todas las tareas de ayuda humanitaria.

DIÁLOGO: Uruguay participa ampliamente en misiones de paz alrededor del mundo. ¿Por qué hay tanto enfoque históricamente por parte de Uruguay en este tipo de misión?

General De los Santos: Uruguay es miembro de las Naciones Unidas desde el mismo año en que se creó la organización y la participación en misiones de paz ha sido el modo en que históricamente nuestro país ha contribuido a la paz y seguridad internacional. Esto constituye parte de la política exterior del Estado y ello está en línea con el deseo de nuestro pueblo de ayudar a pacificar las regiones en conflicto.

Un integrante uruguayo de las Fuerzas de Mantenimiento de Paz de la ONU proporciona seguridad en un punto de distribución de alimentos.

A U.N. peacekeeper from Uruguay provides security at a food distribution point.

FORÇAS ARMADAS DO URUGUAI



PEACEKEEPERS' role evolves after quake

Interview with Gen. Felicio de los Santos, commander for Peacekeeping Operations of the Uruguayan Army and vice commander of the United Nations Stabilization Mission in Haiti since March 2010.

DIÁLOGO: This special edition of Diálogo highlights the relief efforts by countries of this hemisphere for the Haitian people. Uruguay is part of the United Nations Stabilization Mission in Haiti and participated in these efforts. What was Uruguay's specific role?

Gen. Felicio de los Santos: The significant presence of our personnel in Haitian territory enabled us from the first moment — despite being deployed with one battalion to the north and another to the south — to send troops rapidly to Port-au-Prince in order to collaborate in the various aid operations that were priorities at that time. Additionally, the government of Uruguay decided to immediately send a specialized rescue team with dogs to search for survivors. We are proud of the excellent work they did.

DIÁLOGO: How did the role of the Uruguayan Armed Forces evolve after the earthquake?

Gen. De los Santos: Principally, our efforts with regard to security aspects have been reoriented to ensure stability in this crisis situation, but our troops have also redoubled their efforts to collaborate in all humanitarian aid operations.

DIÁLOGO: Uruguay participates extensively in peace missions around the world. Why has Uruguay historically focused on missions of this kind?

Gen. De los Santos: Uruguay has been a member of the United Nations since the year the organization was created, and participating in peace missions has been the way our country has historically contributed to international peace and security. This forms part of the country's foreign policy and is in line with our people's desire to help pacify regions in conflict.

HOSPITAL

militar argentino salva vidas

A Força Aérea Argentina conta com um hospital militar de deslocamento rápido no Haiti para levar cuidados médicos a todos os membros da MINUSTAH, a missão das Nações Unidas no Haiti. Nos dias que se seguiram ao terremoto, o hospital aumentou sua capacidade para 15 mil pacientes e foi reforçado com oito profissionais.

“Atendemos aos membros da MINUSTAH e à população haitiana, porque a grande maioria dos hospitais públicos bem como os hospitais da Cruz Vermelha, Médicos Sem Fronteiras, o hospital de Cuba e outros estavam superlotados, então as pessoas que viviam perto do hospital foram tratadas aqui”, explicou a *Diálogo* o Comandante da unidade, o Coronel médico Osvaldo De Simone. “Tivemos que atender à população na medida do possível... tudo havia desmoronado por causa do terremoto, por exemplo, os aparelhos de raios-X e o centro cirúrgico. Como não sabíamos se haveria outros tremores, decidimos atender a todos do lado de fora, no estacionamento”, contou De Simone.

Em uma só noite, o hospital Argentino atendeu a 482 pacientes, a maioria deles gravemente ferida, realizando várias cirurgias. “Em menos de duas horas consertamos os geradores, os tanques de combustíveis e a rede de água, e conseguimos montar o centro cirúrgico. Os casos mais graves foram evacuados para Santo Domingo em 20 voos, nos quais levamos 38 pacientes, todos com vida, e que eventualmente sobreviveram”, finalizou De Simone.

A DOR DE ESTAR DISTANTE EM UM MOMENTO CRUCIAL

O Chile conta com um contingente militar entre os 18 países que compõem a Força de Manutenção da Paz da ONU no Haiti e participou ativamente das operações de ajuda humanitária que se seguiram ao devastador terremoto do dia 12 de janeiro. Porém, enquanto as tropas chilenas ajudavam o povo haitiano, o seu próprio país foi atingido por um forte terremoto no dia 27 de fevereiro de 2010 e as Forças Armadas chilenas foram chamadas para auxiliar também os seus compatriotas.

“Foi um sentimento de impotência muito grande para nós, porque sempre queremos ajudar, mas essa necessidade é ainda maior quando se trata de sua própria pátria”, explicou o Tenente aviador Gonzalo Zalazar da Força Aérea do Chile, parte do contingente da MINUSTAH. “O mais importante, no final, é dar apoio moral para a família e para os demais, como amigos e conhecidos. Creio que pelo menos isso nós pudemos fazer, o que é fundamental.”

Os chilenos que fazem parte do contingente militar das Nações Unidas no Haiti trabalham em todo o país: em Gonaïves com o batalhão argentino; em Legales, no sudeste, com os uruguaios e também com os peruanos que patrulham a fronteira com a República Dominicana.

“Existe um sistema de integração muito importante e um profundo nível de unidade. Nós trabalhamos estreitamente com militares de vários países e desenvolvemos missões com quase todos os contingentes de uma maneira super integrada, sem qualquer problema e completamente sem barreiras. Todos se mostraram muito profissionais e amigos quando aconteceu o terremoto no Chile e isso foi muito importante para nós”, declarou o Tenente Gonzalo Zalazar.

ARGENTINE MILITARY hospital saves lives

The Argentine Air Force relies on a rapid-deployment military hospital in Haiti to provide health care to all the members of MINUSTAH, the U.N. mission in the country. In the days following the earthquake, the hospital increased its capacity to accommodate 15,000 patients and was reinforced with eight professionals.

“We provided care for members of MINUSTAH and the Haitian population because most of the public hospitals as well as the hospitals run by the Red Cross, Doctors Without Borders, the Cuban hospital and others had collapsed, so the people who lived near the hospital were treated here,” the unit’s commander, Col. Osvaldo De Simone, who is also a doctor, explained to *Diálogo*. “We had to care for the population as much as possible ... because everything had been knocked over as a result of the earthquake, like the X-ray machine and the operating room. Since we didn’t know whether there were going to be other earthquakes, we decided to care for everyone outside, in the parking lot,” De Simone explained.

In a single night, doctors at the Argentine hospital treated 482 patients, the majority of them seriously injured, and performed several surgeries. “In less than two hours, we repaired the generators, the fuel tanks and the water [purification] plant, and we managed to get the operating room set up. The most serious cases were evacuated to Santo Domingo [in the Dominican Republic] on 20 flights, where we took 38 patients; all of them made it alive and [eventually] recovered,” De Simone said.

THE PAIN OF BEING AWAY AT A CRUCIAL MOMENT

Chile contributes personnel to the 18-country U.N. peacekeeping force in Haiti and has played an important role in humanitarian aid operations following the January 12 earthquake. But while Chilean troops were assisting the Haitian people, their own country suffered a massive earthquake on February 27, 2010, and the Chilean Armed Forces were called upon to assist their own citizens as well.

“For us it was a great feeling of powerlessness, because you always want to help, but that need is even greater when it’s your own country,” said Lt. Aviator Gonzalo Zalazar of the Chilean Air Force, part of the MINUSTAH contingent. “What’s most important, in the end, is moral support, for your family and for people like your friends and acquaintances. I believe that at least we were able to provide that, which is fundamental.”

The Chileans who form part of the community of U.N. troops in Haiti work throughout the country, including in Gonaïves with the Argentine battalion, in Legales in the southeast with the Uruguayans, and also with the Peruvians who patrol the border with the Dominican Republic.

“There is quite a significant system of integration and a deep level of unity. We work very closely with military personnel from a number of countries and carry out missions with almost all the contingents, in a super-integrated way, without any problems and completely without barriers. They all showed themselves to be very professional and friendly when the earthquake happened in Chile, and that was very important for us,” Lt. Gonzalo Zalazar said.



Um integrante brasileiro das Forças de Manutenção da Paz da ONU interage com as crianças durante uma patrulha em Cité Soleil, Haiti.

A U.N. peacekeeper from Brazil interacts with children during a patrol in Cité Soleil, Haiti.

PETTY OFFICER 1ST CLASS DAVID FRECH/U.S. NAVY

BRASIL HOMENAGEIA *heróicos caídos*

MISSÃO HUMANITÁRIA CONTINUA DURANTE PERÍODO DE LUTO

DIÁLOGO

“A morte traz dor e lágrimas. Neste caso, nos motiva a nos prepararmos para reverenciar a memória destes nossos heróis”, disse dom Osmino José Borth, arcebispo do Exército brasileiro, em 21 de janeiro de 2010, durante uma cerimônia de homenagem póstuma aos 18 brasileiros militares mortos no terremoto que havia devastado o Haiti nove dias antes.

O Presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, juntamente com parentes e amigos das vítimas do terremoto, foram tomados pela emoção quando os 18 caixões cobertos pelas bandeiras do Brasil foram exibidos na Base Aérea de Brasília durante uma cerimônia homenageando os soldados mortos, enquanto a banda militar executava o hino nacional.

Ao falar sobre o Brasil e o papel da MINUSTAH no Haiti para uma coluna do jornal *Miami Herald*, publicada em 24 de fevereiro de 2010, Lula disse: “O Brasil e a MINUSTAH devem perseverar, pois sabemos que os próprios haitianos não perderão a esperança. Temos certeza disso depois de testemunhar tantas manifestações de heroísmo e solidariedade após o terremoto. O sacrifício dos nossos heróicos soldados que perderam suas vidas reforça

o nosso compromisso com o Haiti. Somos inspirados pela firme determinação de sobreviver daqueles que resistiram dias ou mesmo semanas sob os escombros. Eles nunca deixaram de acreditar no resgate, e os socorristas também não perderam a fé enquanto cavavam incansavelmente, até mesmo com as próprias mãos, em busca de sinais de vida”.

No final de 2003, o Haiti se encontrava em uma profunda crise política que culminou com a renúncia do Presidente Jean-Bertrand Aristide e sua saída do país em 29 de fevereiro de 2004. Naquele dia, o Conselho de Segurança das Nações Unidas criou a Força Interina Multinacional (MIF). Em 30 de abril do mesmo ano, a ONU fez a transição para a Missão de Estabilização das Nações Unidas no Haiti (MINUSTAH). O Brasil, que já desempenhava um papel importante junto a MIF, foi escolhido para liderar a iniciativa.

Antes mesmo do terremoto de 12 de janeiro de 2010, o Haiti já recebia ajuda alimentar e recursos financeiros do Brasil, país que fornece o maior contingente ao Haiti, com 1.226 soldados.

Nas semanas após o terremoto, o Brasil multiplicou sua presença, oferecen-

do aeronaves que transportaram ao país devastado toneladas de alimentos, vários especialistas em resposta a desastres, cães de resgate, toneladas de remédios, água, barracas e outros itens, incluindo hospitais de campanha de emergência e equipamento de telecomunicações.

A Força Aérea brasileira tratou milhares de pacientes e realizou centenas de cirurgias em seu hospital de campanha armado na capital haitiana, Porto Príncipe.

Além da ajuda do governo, centenas de entidades sociais brasileiras se mobilizaram para ajudar o povo haitiano, enviando profissionais das áreas de saúde e serviços sociais, alimentos, dinheiro, roupas e suprimentos.

A Fundação Oswaldo Cruz doou ao povo haitiano mais de 40 toneladas de remédios, enquanto empresas, celebridades, atletas e milhares de cidadãos brasileiros contribuíram com milhões de dólares.

O Brasil também propôs um pacote de reconstrução para o Haiti, incluindo a construção de moradias para as vítimas do terremoto e iniciando vários projetos agrícolas, de acordo com o ministro-chefe do Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República, General Jorge Felix.



Um integrante brasileiro das Forças de Manutenção da Paz junto à Missão de Estabilização da ONU no Haiti faz carinho em um bebê num ponto de distribuição de ajuda em Porto Príncipe, Haiti.

A Brazilian peacekeeper from the U.N. Stabilization Mission in Haiti caresses an infant at an aid distribution point in Port-au-Prince, Haiti.

MARCO DORMINO/ONU



Soldados brasileiros da Missão de Estabilização da ONU no Haiti distribuem água e alimentos em Porto Príncipe, Haiti.

Brazilian peacekeepers from the U.N. Stabilization Mission in Haiti distribute water and food in Port-au-Prince, Haiti.

MARCO DORMINO/ONU

BRAZIL HONORS *fallen heroes*

HUMANITARIAN MISSION CONTINUES DURING PERIOD OF MOURNING

DIÁLOGO

“Death brings pain and tears. In this case, it motivates us to prepare ourselves to honor the memory of our heroes,” said Don Osvino José Borth, the Brazilian Army’s archbishop, on January 21, 2010, during a ceremony honoring the 18 Brazilian military personnel killed in the earthquake that had devastated Haiti nine days earlier.

The president of Brazil, Luiz Inácio Lula da Silva, along with relatives and friends of the victims of the earthquake, were overtaken by emotion when the 18 coffins, draped in Brazilian flags, were displayed at Brasilia Air Base during a ceremony honoring the fallen Soldiers while the military band performed the national anthem.

Speaking about Brazil and MINUSTAH’s role in Haiti in a *Miami Herald* newspaper column published on February 24, 2010, Lula said: “Brazil and MINUSTAH must persevere because we know the Haitians themselves will not give up hope. We are certain of that after witnessing the countless demonstrations of heroism and solidarity in the wake of the earthquake. The sacrifice of our heroic Soldiers who lost their lives reinforces our

commitment to Haiti. We are inspired by the unyielding determination to survive by those who endured days, or even weeks, under the rubble. They never ceased to believe in being rescued, nor did the rescuers lose hope, as they relentlessly dug, even with their own hands, in search of signs of life.”

At the end of 2003, Haiti was submerged in a deep political crisis that culminated with President Jean-Bertrand Aristide’s resignation and departure from the country on February 29, 2004. On that day, the Multinational Interim Force, or MIF, was created by the United Nations Security Council. On April 30 of that same year, the U.N. transitioned to the United Nations Stabilization Mission in Haiti, or MINUSTAH. Brazil, which was already playing a major role with MIF, was selected to lead the initiative.

Before the January 12, 2010, earthquake, Haiti was receiving food aid and financial resources from Brazil, the country providing the largest contingent in Haiti, with 1,226 troops.


In the weeks following the earthquake, Brazil multiplied its actions, offering aircraft that transported tons of food

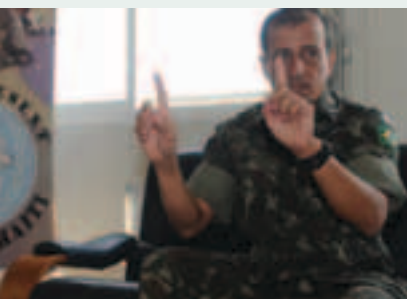
to the ravaged country, several disaster-response specialists, rescue dogs, tons of medicine, water, tents and other items, including emergency field hospitals and telecommunications equipment.

The Brazilian Air Force treated thousands of patients and performed hundreds of surgeries in its field hospital set up in the Haitian capital, Port-au-Prince.

In addition to aid from the government, hundreds of social entities were mobilized in Brazil to help the Haitian people, sending health and social services professionals, food, money, clothing and supplies.

The Oswaldo Cruz Foundation donated more than 40 tons of medicine to the Haitian people, while companies, celebrities, athletes and thousands of Brazilian citizens contributed millions of dollars.

Brazil also proposed a reconstruction package for the country, including building homes for earthquake victims and starting several agricultural projects, according to the chief minister of the Brazilian Cabinet of Institutional Security, Gen. Jorge Felix. 



PETTY OFFICER 1ST CLASS DAVID FRECH/US NAVY

Coronel Ajax Pinheiro, ex-Comandante do Batalhão Brasileiro da Missão de Estabilização da ONU no Haiti.

Col. Ajax Pinheiro, former commander of the Brazilian Battalion of the U.N. Stabilization Mission in Haiti.

Batalhão Brasileiro

impõe segurança durante crise

Entrevista com o Coronel Ajax Pinheiro, ex-Comandante do Batalhão brasileiro da MINUSTAH no Haiti

Antes do terremoto de 12 de janeiro, o contingente militar permanente da ONU no Haiti era de 7.000 homens. Depois da tragédia, o Conselho de Segurança do órgão autorizou o envio de mais 2.000 militares para auxiliar nos esforços de ajuda humanitária e resgate. O Batalhão Brasileiro (BRABATT) foi o maior no país desde a criação da MINUSTAH, em 2004, com cerca de 1.300 militares. Com o terremoto, um contingente adicional com 900 homens, que forma o BRABATT II, foi enviado para o Haiti. A revista *Diálogo* foi até a sede do BRABATT para conversar com o então comandante do batalhão, Coronel Ajax Pinheiro, sobre os novos desafios enfrentados pelas tropas após o desastre.

DIÁLOGO: O que mudou nas atividades do Batalhão Brasileiro depois do terremoto?

Coronel Ajax Pinheiro: Tudo. Há quatro fatores clássicos de decisão: missão, inimigo, terreno e meios. Aqui não tem inimigo, tem força adversa, que são o crime organizado, as gangues e as quadrilhas. Antes do terremoto, os criminosos mais perigosos estavam presos e os que estavam soltos eram um efetivo pequeno e desmantelado. Com a queda dos presídios durante o terremoto, cerca de 4.500 fugiram, ou seja, o quesito forças adversas mudou.

O terreno também mudou. O exemplo clássico é Bel Air, onde havia ruas onde fazíamos patrulha e hoje já não fazemos mais porque não podemos passar devido aos destroços ou não nos interessa mais passar porque não mora mais ninguém lá. Com os novos militares que chegaram de outros países, especialmente EUA e Canadá, tivemos que rever nossas estratégias e fazer novos planejamentos. Com isso tudo, mudou nossa missão também. Nós cuidávamos principalmente da segurança. Hoje em dia metade de tropa faz ajuda humanitária — que sempre existiu — e metade trabalha na segurança.

DIÁLOGO: A questão da segurança ficou, então, prejudicada?

Coronel Ajax: Nós tínhamos uma grande preocupação de que a questão da segurança se transformasse num problema grave. Quando tivemos nosso primeiro enfrentamento com gangues, que ocorreu cinco semanas depois do terremoto, tivemos de dar uma resposta forte para que os bandidos entendessem que não poderiam nos enfrentar. Por isso, quando eles apontaram pistolas e fuzis AK para nós, nós atiramos para atingir paredes próximas a eles e prendemos três deles. Isso aconteceu dentro de Cité

Soleil. Mandamos imediatamente 350 homens para lá, com oito blindados e fechamos a área. Vasculhamos a região e prendemos mais dois marginais. Foi uma forma que tivemos de dar uma resposta pesada para que eles não nos ameacem mais.

DIÁLOGO: E onde colocar esses presos, uma vez que a maioria das cadeias de Porto Príncipe desabaram?

Coronel Ajax: O plano é reconstruir cadeias num ritmo acelerado. Por exemplo, sei que o Canadá está investindo na construção de novos presídios. Nossa função é fazer o trabalho de inteligência, prender os criminosos e entregá-los à polícia haitiana e para a UNIPOL, a polícia da ONU. A partir daí, é problema da justiça do Haiti. Nós não nos envolvemos com isso. Em suma, o problema da segurança está controlado e posso garantir que o nível de segurança em Porto Príncipe é melhor do que em muitas capitais e cidades grandes do mundo.

DIÁLOGO: E não há uma reação negativa da população haitiana ao ver estrangeiros prendendo seus compatriotas?

Coronel Ajax: Pelo menos no Batalhão Brasileiro, nunca tivemos esse problema. Além deles saberem que estamos prendendo criminosos, sempre fizemos também parte da ajuda humanitária, o que faz com que sejamos bem-vistos pelos haitianos.

DIÁLOGO: Além do serviço de inteligência e patrulhas, como os militares ficam sabendo de ações dos criminosos?

Coronel Ajax: Temos um disque-denúncia que funciona muito bem e que já é muito popular entre os haitianos. Além disso, a própria população se aproxima de nossos Soldados para delatar possíveis atos criminosos, de forma dissimulada. Isso mostra uma grande confiança em nós.



MARCOS OMMATI/DIALOGO

Brazilian Battalion enforces security amid crisis

Interview with Col. Ajax Pinheiro, former commander of MINUSTAH's Brazilian Battalion in Haiti

Un integrante brasileño de las Fuerzas de Mantenimiento de Paz de la ONU interactúa con niños en Cité Soleil, Haití. "Los haitianos nos ven positivamente", comentó el Coronel Ajax Pinheiro con respecto a sus fuerzas.

A U.N. peacekeeper from Brazil interacts with children in Cité Soleil, Haiti. "We are seen favorably by the Haitians," Col. Ajax Pinheiro said of his forces.

DIÁLOGO: What changed in the activities of the Brazilian Battalion after the earthquake?

Col. Ajax Pinheiro: Everything. There are four classic decision-making factors: mission, enemy, terrain and means. Here there are no enemies; there are adverse forces, which are organized crime, gangs, and groups of criminals. Before the earthquake, the most dangerous criminals were behind bars, and those who were free were a small and disorganized contingent. With the collapse of the prisons during the earthquake, approximately 4,500 [prisoners] escaped. In other words, the category of adverse forces changed.

The terrain also changed. Bel Air is a classic example, where there are streets that we used to patrol and don't anymore, because we can't get through due to the debris or because it doesn't interest us since nobody lives there anymore. With the new military personnel arriving from other countries, especially the U.S. and Canada, we had to review our strategies and make new plans. Along with all that, our mission also changed. We used to focus principally on security. Nowadays, half of the troops are involved with humanitarian aid — which always existed — and the other half work on security.

DIÁLOGO: Was there a problem regarding security?

Col. Ajax: We were very concerned that security issues would turn into a serious problem. When we had our first gang confrontation, which happened five weeks after the earthquake, we had to send a strong response so that the bandits would understand that they could not confront us. So when they pointed pistols and AK rifles at us, we shot to hit the walls close to them and arrested three of them. This happened in Cité Soleil. We immediately sent 350 men

there, with eight armored vehicles, and we closed off the area. We searched the area and arrested two more thugs. It was a way to send a strong response so that they would not threaten us anymore.

DIÁLOGO: Is there somewhere to put these prisoners, since the majority of the jails in Port-au-Prince collapsed?

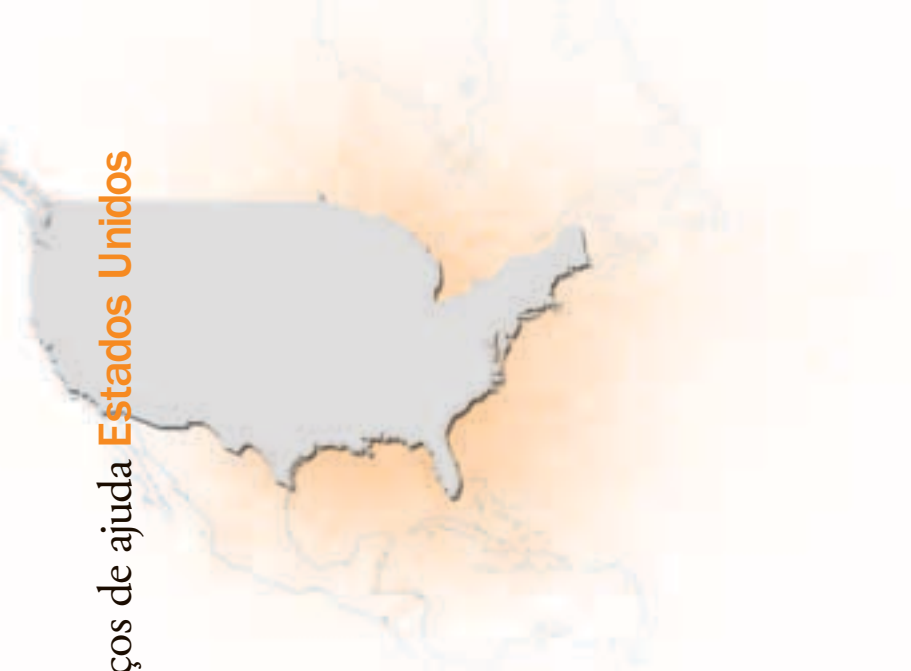
Col. Ajax: The plan is to rebuild the jails rapidly. For instance, I know that Canada is investing in the construction of new prisons. Our role is to do the intelligence work, to arrest the criminals and turn them over to the Haitian police and to the UNIPOL, the U.N. police. From that point on, it's a problem for the Haitian judicial system. We are not involved with it. In sum, the security problem is under control, and I can guarantee that the level of security in Port-au-Prince is better than in many capitals and large cities of the world.

DIÁLOGO: Isn't there a negative reaction from the Haitian population when they see foreigners arresting their compatriots?

Col. Ajax: At least in the Brazilian Battalion, we've never had that problem. Besides the fact that they know we're arresting criminals, we've always provided humanitarian aid, so we are seen favorably by the Haitians.

DIÁLOGO: Besides the intelligence service and patrols, how do the military personnel become aware of the criminals' activities?

Col. Ajax: We have a hot line that works very well and that is already very popular among the Haitians. Besides this, the people themselves approach our Soldiers to denounce possible criminal acts, confidentially. This shows great confidence in us.



MOMENTO DE MAIOR necessidade

OS EUA NÃO PERDERAM TEMPO EM PARTICIPAR DO
ESFORÇO DE AJUDA MULTINACIONAL NO HAITI

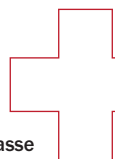
DIÁLOGO

Cerca de 35 segundos. Um período muito curto para tanta morte e destruição.

O General Ken Keen, Vice-comandante militar do Comando Sul dos EUA, estava na embaixada americana em Porto Príncipe se preparando para uma recepção em sua homenagem quando os tremores começaram no final da tarde. Ele percebeu logo a gravidade da situação; porém, foi só na manhã seguinte, com uma visão completa da destruição, que ficou claro o prejuízo causado pelo terremoto de 7,0 graus.

Petty Officer 2nd Class James Gerity escorts a Haitian boy to Terminal Varreux, a port facility in Port-au-Prince, Haiti, where he will be taken to a hospital.

O Suboficial de 2ª classe James Gerity escolta um menino haitiano ao Terminal Varreux, uma instalação portuária em Porto Príncipe, Haiti, de onde ele será levado para o hospital.





PETTY OFFICER 2ND CLASS JULIO RIVERA/U.S. NAVY



PETTY OFFICER 3RD CLASS CHELSEA KENNEDY/U.S. NAVY

Fuzileiros navais dos EUA transportam garrafas de água para um helicóptero CH-53E Super Stallion, a bordo do USS Bataan.

U.S. Marines carry water to load onto a CH-53E Super Stallion helicopter aboard the USS Bataan.

Nos poucos segundos a mais que levaria para ler o parágrafo anterior, edifícios estavam em ruínas, milhares de vidas perdidas e a cidade coberta pela poeira dos escombros. Em 35 segundos, o pior desastre natural na história do Hemisfério Ocidental tinha ocorrido.

O presidente dos EUA Barack Obama imediatamente entrou em ação e expressou seu apoio ao Haiti: “Vocês não serão abandonados. Vocês não serão esquecidos”, disse ele. “Nesse momento de grande necessidade, a América está do seu lado.”

O Comando Sul dos EUA foi o ponto central do esforço militar americano para prestar ajuda ao povo haitiano. O SOUTHCOM logo batizou sua missão de Operação Resposta Unificada. Uma Força Tarefa Conjunta foi criada no Haiti com o General Keen no comando, enquanto o General Douglas Fraser, Comandante do Comando Sul dos EUA, reiterava o seu compromisso de salvar vidas. “Nós estamos trabalhando arduamente e agressivamente para proporcionar meios de sustentar vidas no Haiti. Nossos sentimentos estão com o povo haitiano e estamos usando todos os recursos que temos no Departamento de Defesa para assegurar que a ajuda chegue a eles o mais rápido possível”, afirmou o General Fraser.

Dois dos grupos de resposta imediata destacados pelos EUA fizeram reparos nos aeroportos e portos que se encontravam seriamente danificados. A Força Aérea americana rapidamente removeu entulhos, montou uma torre móvel de controle de tráfego aéreo, e abriu as pistas do Aeroporto Internacional Toussaint L'Ouverture para permitir a chegada dos milhares de voos de assistência que vinham carregados de suprimentos e pessoal de todas as partes do mundo. Até 19 de fevereiro de 2010, um pouco mais de cinco semanas após o terremoto, o primeiro voo comercial pôde pousar em Porto Príncipe, indicando que o aeroporto estava mais uma vez operando.

Enquanto isso, equipes de mergulho submarino da Marinha dos EUA reparavam estruturas portuárias danificadas para que os navios pudessem eventualmente atracar e descarregar suprimentos. As forças do exército americano também prestaram ajuda, forneceram abrigo, estabeleceram campos de assistência e conduziram operações para remoção de entulhos.

As tropas militares dos EUA também realizaram operações vitais nos locais de distribuição de alimentos e abrigos, trabalhando em conjunto com as forças da MINUSTAH e mais de 800 agências não-governamentais engajadas no esforço de assistência.

Os EUA, através da Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional, não poupavam nenhuma despesa com os esforços de assistência. Comida, dinheiro, roupas e suprimentos chegavam constantemente ao Haiti. As forças militares americanas também distribuíram mais de 73.300 rádios portáteis, como parte do esforço global para alcançar o povo do

Haiti via transmissão FM/AM da programação da Voz da América e de anúncios de serviço público. Equipes em terra usavam alto falantes para passar informações críticas nos pontos de distribuição de alimentos, tais como avisos sobre os esforços humanitários e a localização de pontos de distribuição de alimentos e água.

Diariamente, as equipes médicas, juntamente com o navio-hospital dos EUA, USNS Comfort, propiciavam tratamento a centenas de haitianos feridos, como parte do esforço internacional coordenado para salvar vidas e aliviar o sofrimento e a dor.

As instalações do navio-hospital Comfort contam com centros cirúrgicos totalmente equipados, equipamentos médicos de última geração e cerca de 1.000 leitos. As forças dos EUA também ajudaram na distribuição de assistência médica a várias áreas e trabalharam com as autoridades locais para a reabilitação do sistema de saúde público haitiano. Mais de 1.400 profissionais médicos da Marinha dos EUA e pessoal de apoio se uniram a marinheiros civis e voluntários não-governamentais para oferecer apoio crucial ao esforço multinacional.

“Os americanos estão aqui respondendo ao nosso chamado e estão aqui para atender as nossas necessidades humanitárias e de segurança”, declarou o Primeiro-ministro haitiano, Jean-Max Bellerive, à rádio francesa RTL. O Presidente haitiano, René Préval, reiterou as declarações de Bellerive, ressaltando que todas as forças dos EUA atualmente no país estão lá com o seu consentimento.

Um mês após o terremoto, membros das Forças Armadas dos EUA pararam para lembrar um companheiro morto no desastre. O Coronel da Força Aérea, Ken Bourland, diretor do escritório do Caribe para o Comando Sul dos EUA, visitava o Haiti para participar de uma reunião oficial com membros da defesa haitiana. Ele se encontrava em seu quarto no Hotel Montana quando o terremoto aconteceu. Após mais de três semanas de esforços de busca e resgate, os seus restos mortais foram encontrados no hotel.

O General Keen, que presidiu o serviço memorial, pediu aos membros das Forças Armadas para concluir a missão que havia trazido Bourland ao Haiti e dedicar cada dia a ajudar o povo haitiano. “Olhamos as crianças aqui e vemos seus sorrisos, e apesar de não terem comida, água ou um teto sobre suas cabeças, elas encontram forças para sorrir e dizer, ‘Obrigado’. Olhamos as mulheres que esperam nas filas de distribuição, enquanto nossos paraquedistas, fuzileiros navais e aviadores colocam nas suas costas o que para muitos seria o peso do mundo — cerca de 45 quilos de arroz — mas elas sorriem e dizem, ‘Obrigada’ ”.

“Eu peço que todos vocês se dediquem às suas tarefas”, disse o General Keen, “e lembrem-se daqueles que serviram, sem se esquecer do preço que alguns tiveram que pagar”.

HOUR OF grea+es+ NEED

U.S. quickly dives into
multinational aid effort in Haiti

DIÁLOGO

About 35 seconds. A very short amount of time for so much death and destruction to take place.

Lt. Gen. Ken Keen, military deputy commander of U.S. Southern Command, was at the U.S. Embassy in Port-au-Prince preparing for a reception in his honor when the tremors began late in the afternoon. He quickly understood the gravity of the situation, but it was only the next morning, when he got a full view of the destruction, that it became clear just how much damage was caused by the magnitude 7.0 earthquake.

In slightly a few seconds longer than it takes to read the previous paragraph, buildings lay in ruins, thousands of lives were lost and the city was covered in dust from the rubble. In 35 seconds, the worst natural disaster in the Western Hemisphere's history had occurred.

U.S. President Barack Obama immediately took action and voiced support for Haiti: "You will not be forsaken. You will not be forgotten," he said. "In this, your hour of greatest need, America stands with you."

The U.S. Southern Command was the focal point of the U.S. military effort to deliver aid to the Haitian people. SOUTHCOM quickly dubbed its mission Operation Unified Response. A Joint Task Force in Haiti was set up with Lt. Gen. Keen as the commander, while Gen. Douglas Fraser, commander of U.S. Southern Command, reiterated the commitment to save lives. "We are working feverishly and aggressively to provide life-sustaining capabilities in Haiti. Our hearts go out to the Haitian people and we are making use of every asset we have at the Department of Defense to ensure that relief gets to them as soon as possible," Gen. Fraser said.

Two of the immediate responses provided by U.S. forces were repairing the airports and seaports, which were seriously damaged. The U.S. Air Force quickly cleared the debris, set up a mobile air traffic control tower and opened the runways at Toussaint L'Ouverture International Airport to make way for the thousands of relief flights loaded with supplies and personnel that rushed in from around the world. By February 19, 2010, a little more than five weeks after the quake, the first commercial flight was able to land in Port-au-Prince, signaling that the airport was open for business again.

Meanwhile, U.S. Navy underwater dive teams repaired damaged port structures so that ships could eventually dock to unload relief supplies. U.S. forces also delivered aid, provided shelter, established relief camps and conducted debris removal.

U.S. military personnel also conducted critical missions at food and shelter distribution sites, while working with MINUSTAH forces and more than 800 nongovernmental agencies involved in the relief effort.

The United States, through the U.S. Agency for International Development, spared no expense with relief efforts. Food, money,



PETTY OFFICER 2ND CLASS EDUARDO PROANO/U.S. NAVY

A Tenente Jerri Gram, uma médica a bordo do USNS Comfort, sorri para o seu pequeno paciente, que estava sendo tratado por desidratação.

Lt. Jerrri Gram, a doctor aboard the USNS Comfort, smiles at her young patient, who was being treated for dehydration.

clothing and supplies were flown in constantly. U.S. military forces also distributed more than 73,300 hand-held radios as part of an overall effort to reach the people of Haiti via FM/AM broadcasting of the Voice of America programming and public service announcements. Ground loudspeaker teams provided critical information at food distribution points. The broadcasts provided the Haitian population vital information on aid efforts and the location of food and water distribution points.

Medical teams, in conjunction with the hospital ship USNS Comfort, treated hundreds of injured Haitians daily as part of the concerted, international effort to save lives and alleviate pain and suffering.

The Comfort's hospital capabilities include fully equipped operating rooms, state-of-the-art medical equipment and close to 1,000 beds. U.S. forces also helped distribute medical aid to various points and worked with local officials to rehabilitate the Haitian public health system. More than 1,400 U.S. Navy medical professionals and support personnel came together with civil mariners and nongovernmental volunteers to provide critical support to the multinational effort in Haiti.

"The Americans are here at our request and are here to assist us in our humanitarian and security needs," Haitian Prime Minister Jean-Max Bellerive said to French radio station RTL. Haitian President René Préval echoed Bellerive's statements, indicating that all U.S. forces currently in the country were there with his consent.

One month after the earthquake struck, U.S. service members paused to remember one of their own who had perished in the disaster. Air Force Lt. Col. Ken Bourland, the Caribbean desk officer for U.S. Southern Command, was visiting Haiti for an official meeting with Haitian defense counterparts. Lt. Col. Bourland was in his room at the Hotel Montana when the earthquake struck. After more than three weeks of search and rescue efforts, his remains were found at the hotel.

Lt. Gen. Keen, who presided over the memorial service, told service members to complete the mission that brought Bourland there and to dedicate every day to helping the people of Haiti. "We look at the children here and we see their smiles, even though they have no food, no water and no roof over their heads, but somehow they find it within themselves to smile at us and say, 'Thank you.' We see it in the women who come through the distribution lines, as our paratroopers, Marines and Airmen lift what to some would be the weight of the world — 100 pounds of rice on their shoulders — they smile and say, 'Thank you.'"

"I ask every single one of us to dedicate ourselves as we go about our duties here," Lt. Gen. Keen said, "and remember those who have served and keep in mind the price that some have paid." **D**



SENIOR CHIEF PETTY OFFICER J. L. CHIRRIK/U.S. NAVY

EQUIPES MÉDICAS DO USNS COMFORT **prestam auxílio a centenas**

Os 1.000 leitos proporcionados pelo USNS Comfort se esgotaram rapidamente quando o navio-hospital chegou ao Haiti em 19 de janeiro de 2010 para tratar pacientes com infecções e lesões sérias decorrentes do terremoto da semana anterior. Desenhado como uma unidade de emergência flutuante para o tratamento de ferimentos em combate, o navio-hospital militar dos EUA, baseado em Baltimore, tratou mais de 850 pacientes nas oito semanas em que o USNS Comfort ficou estacionado na costa do Haiti.

“Como já tínhamos estado aqui antes, e porque temos um bom relacionamento com o ministério da Saúde e outras organizações humanitárias, fomos chamados pelo nosso governo para ajudar no dia seguinte ao terremoto. Nosso pessoal estava ansioso para chegar e prestar assistência ao povo haitiano”, relatou o Capitão da marinha James Ware, Comandante da unidade de tratamento médico a bordo do USNS Comfort.

Esse hospital flutuante dispõe de profissionais de todas as especialidades, com uma grande parte do serviço médico dedicada a cirurgias. O Capitão Ware reuniu-se com *Diálogo* durante uma visita ao USNS Comfort juntamente com médicos militares colombianos e pessoal da Cruz Vermelha dias antes do navio completar sua missão humanitária no Haiti, em 8 de março.

Mais de 1.400 profissionais médicos da marinha e pessoal de apoio se uniram a marinheiros civis e voluntários não-governamentais para prestar apoio crucial ao esforço multinacional no Haiti. “Nos primeiros dias, helicópteros aterrissavam a cada 10 minutos, trazendo dois pacientes de cada vez. As experiências vividas e as lições aprendidas afetarão a maneira como lidaremos com ferimentos relacionados com terremotos no futuro. Estou muito orgulhoso da minha equipe”, declarou o Capitão Ware.



USNS COMFORT'S **medical teams help hundreds**

The USNS Comfort's 1,000-bed capacity was maxed out quickly when it arrived January 19, 2010, in Haiti to treat patients who had suffered infections and serious injuries as a result of the earthquake a week earlier. Designed as a floating emergency room for treating combat injuries, the Baltimore-based U.S. military hospital ship treated more than 850 patients in the eight weeks the USNS Comfort was stationed off Haiti's coast.

“Because we had been here before, and because we had good relationships with the Ministry of Health and other humanitarian organizations, we were called to assist the next day after the earthquake by our government. Our staff was eager to come and help the Haitian people,” said Navy Capt. James Ware, commanding officer of the medical treatment facility aboard the USNS Comfort.

This floating hospital has every specialist available, with a large portion of medical aid devoted to surgeries. Capt. Ware met with *Diálogo* during a visit to the USNS Comfort along with Colombian military doctors and Red Cross personnel days before the ship completed its humanitarian mission in Haiti on March 8.

More than 1,400 Navy medical professionals and support personnel came together with civil mariners and nongovernmental volunteers to provide critical support to the multinational effort in Haiti. “On the first days, we had a helicopter landing every 10 minutes, bringing two more patients each time. People's experiences and the lessons they learned will affect the way we treat earthquake-related injuries in the future. I am very proud of the crew,” Capt. Ware said.

Haitianos ajudam seus compatriotas

Muitos emigrantes regressam ao Haiti para oferecer assistência e ajudar na reconstrução do país

DIÁLOGO

A Dra. Marie Cyprien se encontrava a mais de 1.200 quilômetros de distância de sua irmã, Marie Lourdes Borno, quando o terremoto atingiu o Haiti. Cyprien trabalhava como anestesiológica em Orlando, Flórida, enquanto sua irmã vivia no Haiti. Com o terremoto, Borno ficou presa nos escombros do prédio do Ministério da Educação do Haiti, onde trabalhava. Ela sobreviveu, mas suas duas mãos foram esmagadas.

Como tantos outros médicos e enfermeiras haitianos que vivem no exterior, Cyprien, de 43 anos que aos 16 deixou sua cidade natal, Delmas, não hesitou em regressar para prestar auxílio às vítimas do terremoto. Ela trabalhou com a equipe médica francesa ajudando a montar um hospital improvisado e realizando cirurgias sem recursos básicos como equipamento de oxigênio.

Cinco dias depois do terremoto, Cyprien encontrou sua irmã, de 56 anos. Devido à falta de tratamento imediato, as mãos de Borno infeccionaram com gangrena e tiveram que ser amputadas. Cyprien ajudou a irmã aplicando-lhe anestesia. “Se eu não a tivesse atendido naquela hora, ela teria morrido de gangrena”, explicou a médica que a seguir levou a irmã para Orlando para continuar o tratamento. Semanas mais tarde, Borno voltou ao Haiti esperançosa de retornar ao seu trabalho como diretora adjunta no Ministério da Educação.

Emigrantes haitianos mostram solidariedade

O Haiti tem uma população de mais de nove milhões de habitantes, com cerca de três milhões adicionais vivendo fora do país, principalmente nos EUA, França, República Dominicana e nas Antilhas, relatou a Agence France-Presse. Segundo Raymond Joseph, Embaixador do Haiti nos Estados Unidos, 83 por cento dos profissionais haitianos vivem fora do país. Após o terremoto, a comunidade haitiana residindo no exterior sentiu uma necessidade urgente de participar nos esforços de reconstrução. “O povo haitiano é muito forte; uma lição que eles aprenderam é a de lutar juntos”, explicou o embaixador.

Desde a catástrofe, o Ministério dos Haitianos Residindo no Exterior tem trabalhado para direcionar os fundos enviados pelas famílias no estrangeiro para os parentes vivendo no Haiti, muitos dos quais se sustentam com as remessas que recebem. Criado em 1995, o Ministério encoraja a participação dos cidadãos haitianos expatriados nos esforços de desenvolvimento do país. O ministro Edwin Paraison estimou que cerca de 1.400 profissionais haitianos viajaram para o Haiti durante as primeiras seis semanas após o terremoto para oferecer ajuda, declarou ele ao *The New York Times*. Entre eles estão médicos e engenheiros. A Associação Haitiana-Americana de Engenheiros e Cientistas passou vários dias inspecionando pontes e construindo sistemas de saneamento para os campos de refugiados.

Enquanto isso, a Liga Haitiana sem fins lucrativos proporcionou ajuda médica, alimentos, transporte e apoio psicológico nos seus escritórios no Haiti, relatou o presidente da organização, Bernier Lauredan. Ele acredita que o papel da comunidade haitiana

vivendo no exterior é vital para a recuperação imediata do Haiti.

“Eles conhecem a cultura. Eles conhecem o país. Esse ainda é o país deles e não pode haver reconstrução sem eles.”

Lauredan, que deixou o Haiti há quase 50 anos aos 16 anos de idade, viajou de Nova Jersey, onde vive, para a ilha caribenha duas vezes durante o primeiro mês após o terremoto. Em 2003, ele ajudou a formar a Liga Haitiana, que reúne membros descendentes de haitianos em 20 cidades nos Estados Unidos e Canadá.

A Liga Haitiana e outras 16 organizações participaram em

“Nós encorajamos todos os haitianos a continuarem trabalhando a longo prazo para o desenvolvimento do Haiti.”

~ Edwin Paraison, Chefe do Ministério dos Haitianos Residindo no Exterior

“We encourage all Haitians to continue working for the long-term development of Haiti.”

~ Edwin Paraison, Head of the Ministry of Haitians Living Abroad

março do Fórum da Diáspora Haitiana liderada pela Organização dos Estados Americanos em Washington, D.C. A conferência teve como objetivo envolver os emigrantes haitianos nos esforços governamentais de reconstrução. Uma das recomendações do fórum foi garantir que as firmas contratadas no Haiti empreguem trabalhadores haitianos para “reverter o processo de evasão de cérebros expandindo assim o capital humano, o que conseqüentemente acabará atraindo investimento estrangeiro”.

“Nós encorajamos todos os haitianos a continuarem trabalhando a longo prazo para o desenvolvimento do Haiti”, declarou Paraison durante a inauguração do fórum.

Responsabilidade patriótica

Cyprien acredita que os haitianos devem participar ativamente na reconstrução do país. “Acredito que é irresponsabilidade não fazer parte disso tudo [reconstrução]... não se trata mais de uma questão de escolha”, disse ela. A irmã concorda. Segundo Borno, é importante que os profissionais haitianos permaneçam no país.

Cyprien está pensando em se mudar para o Haiti com o resto da família quando se aposentar daqui a dez anos. Até lá, ela continuará usando o seu conhecimento médico como voluntária algumas vezes por ano. ①

Haitians Help Their Own

Many emigrants return to Haiti to provide relief and assist with reconstruction

DIÁLOGO

Dr. Marie Cyprien was more than 1,200 kilometers away from her sister, Marie Lourdes Borno, when the earthquake struck Haiti. While Cyprien worked as an anesthesiologist in Orlando, Fla., her sister was in Haiti. After the earthquake hit, Borno was trapped under rubble outside Haiti's Ministry of Education building, where she worked. She survived, but both her hands were crushed.

Like so many other Haitian doctors and nurses who live abroad, the 43-year-old Cyprien, who left her hometown of Delmas at age 16, showed no hesitation in going back to assist victims of the earthquake. She worked with French medical staff to help build a makeshift hospital and conduct surgeries without basic medical resources such as oxygen equipment.

Five days after the quake, Cyprien reunited with her sister, 56. Unable to get immediate treatment, Borno's hands became infected with gangrene and had to be amputated. Cyprien helped her sister by administering anesthesia. "If I did not attend her during that time, she would have died of gangrene," said the doctor, who took her sister to Orlando for further treatment. Weeks later, Borno returned to Haiti hoping to resume her job as assistant director of the education ministry.

Emigrant Haitians show solidarity

Haiti has a population of more than 9 million, with about 3 million more nationals living outside the country, mainly in the United States, France, the Dominican Republic and the Antilles islands, Agence France-Presse reported. Eighty-three percent of the country's professionals live abroad, according to Raymond Joseph, Haiti's ambassador to the United States. After the earthquake, the

Haitian community living outside the country saw an urgent need to become involved in reconstruction efforts. "The Haitian people are very resilient; one lesson they have learned is to stick together," Joseph said.

Since the catastrophe, the Ministry of Haitians Living Abroad has worked to funnel aid from families outside the country to relatives back home, many of whom survive on remittances. Created in 1995, the ministry encourages participation of Haitian nationals abroad in the country's development efforts. Edwin Paraison, head of the ministry, estimated about 1,400 Haitian professionals traveled to Haiti during the first six weeks after the quake to provide relief, according to *The New York Times*. This includes medical professionals and engineers. The Haitian-American Association of Engineers and Scientists spent days inspecting bridges and building sanitation systems for displacement camps.

Meanwhile, the nonprofit Haitian League offered medical assistance, food, transportation and counseling from its offices in Haiti, the organization's President Bernier Lauredan said. He thinks the role of the Haitian community abroad is crucial for the immediate recovery of Haiti. "They know the culture. They know the country. This is still their country and [there] could be no reconstruction done without [them]." Lauredan, who left Haiti almost 50 years ago at age 16, traveled from his home in New Jersey to the island twice during the first month after the quake.

In 2003, he helped establish the Haitian League, which gathers Haitian descendants throughout 20 cities in the United States and Canada. The Haitian League and 16 other organizations took part in the Haitian Diaspora Forum held by the Organization of American States in Washington, D.C., in March 2010. The conference was held to engage émigrés in Haiti's government efforts to rebuild. One of the recommendations from the forum was to ensure that firms contracted in Haiti hire Haitian workers to "reverse the brain drain by expanding human capital that will, in turn, attract foreign investment."

"We encourage all Haitians to continue working for the long-term development of Haiti," Paraison said during the inauguration of the forum.

Patriotic responsibility

Cyprien believes Haitians must become actively involved in rebuilding the country. "I think it is irresponsible to not see yourself as part of this whole thing [reconstruction] ... It is not a matter of choice anymore," she said. Her sister agrees. Borno said it is important for professionals in Haiti to stay in their country.

Cyprien is considering moving back to Haiti with the rest of her family after retiring in 10 years. For now, she will continue using her medical expertise toward volunteering a few times a year. **D**



A Dra. Marie Cyprien (direita) viajou da Flórida para o Haiti a tempo de ajudar a salvar sua irmã, Marie Lourdes Borno, cujas mãos esmagadas infeccionaram com gangrena e tiveram que ser amputadas.

Dr. Marie Cyprien, right, flew from Florida to Haiti in time to help save her sister, Marie Lourdes Borno, whose crushed hands became infected with gangrene and had to be amputated.



Socorristas correm em busca de
sobreviventes
do **terremoto**

EQUIPES DE RESGATE DO MÉXICO, CHINA, FRANÇA, ISRAEL, QATAR E ÁFRICA DO SUL SE APRESSAM PARA AJUDAR O HAITI

DIÁLOGO



ISRAEL DEFENSE FORCES

Um médico da Unidade de Resgate da Força de Defesa Nacional de Israel atende a uma jovem paciente em um hospital de campanha no Haiti.

A doctor with the Israel Defense Forces National Search and Rescue Unit tends to a young patient at its field hospital in Haiti.

Mais de 60 equipes internacionais de busca e salvamento urbano correram para o Haiti assim que o país foi golpeado pelo terremoto em 12 de janeiro de 2010. Segundo as Nações Unidas, socorristas internacionais especializados e profissionais das áreas médica e de segurança foram os primeiros a chegar à arrasada capital de Porto Príncipe para trabalhar em condições extremas na busca por sobreviventes.

As equipes veteranas de busca e salvamento urbano do México, China, França, Israel, Qatar e África do Sul atenderam prontamente ao apelo mundial urgente de ajudar o povo haitiano.

“As Toupeiras” do México desmonstram coragem

Quando um terremoto de 8,1 graus abalou a Cidade do México em 1985, uma das equipes de resgate mais respeitadas do mundo – a Brigada de Resgate Internacional de Tlatelolco-Azteca – surgiu das ruínas. “Los Topos” (as toupeiras) foi criado na ausência de uma equipe profissional de resposta rápida quando os residentes desesperados da comunidade de Tlatelolco se uniram em busca de familiares e vizinhos.

Quase 25 anos depois, Los Topos têm três delegações no México: em Tlatelolco, Cancún e Vera Cruz, além de uma delegação em Buenos Aires, Argentina, conforme informou à revista *Diálogo* Fernando Álvaro Bravo, um dos voluntários do Los Topos. Esses voluntários são treinados por peritos de Israel e França e já viajaram para zonas de desastres naturais em todo o mundo, incluindo Nova Iorque; San Salvador, em El Salvador; Taiwan; Bam, no Irã; e Abruzzi, Itália. Equipados com marretas e facas, suas ferramentas principais, eles participam de missões de resgate em zonas atingidas por terremotos usando recursos próprios ou doações privadas.

“Nós oferecemos o melhor em nome do povo mexicano”, Héctor Méndez, um dos fundadores do Los Topos, disse à agência de notícias Agence France-Presse.

Em janeiro, um contingente de 25 membros equipado com cães farejadores, socorristas e uma equipe de demolição chegou ao Haiti nas primeiras 48 horas após o terremoto. Carlos Morales, um veterano da equipe de resgate e líder do grupo, trabalhou ao lado de sua filha de 24 anos em uma demonstração de solidariedade em família diante do desespero alheio.

Nas duas semanas seguintes ao terremoto, Los Topos resgataram mais de uma dezena de vítimas, incluindo Ena Zizi, uma haitiana de 69 anos que por sete dias esteve presa sob os escombros de uma igreja.

Seis semanas e meia depois do terremoto no Haiti, Los Topos mais uma vez partiram para o auxílio quando um terremoto de 8,8 graus e subsequente tsunami assolaram o Chile.

China assume esforços de escavação

A Equipe de Busca e Resgate Internacional da China, a principal organização de resgate de terremoto do país, investirá quase US\$15 milhões este ano para duplicar a sua capacidade, reportou o jornal *The Guardian*. Esse investimento surge em consequência do terremoto de 7,9 graus em Sichuan em China, que em 2008 matou aproximadamente 70.000 pessoas.

“Poderemos enviar mais equipes para operações no exterior e por isso estamos expandindo”, explicou Huang Jiafa, diretor de divisão da Administração de Terremotos da China. Segundo o site de notícias humanitárias ReliefWeb, a China é atualmente o país com o maior número de equipes de Busca e Resgate urbano no mundo.



GETTY IMAGES

Um terremoto de 8,1 graus que abalou a cidade do México em setembro de 1985 levou à criação do “Los Topos”, uma brigada de resgate voluntário de fama mundial.

A magnitude 8.1 earthquake that pummeled Mexico City in September 1985 led to the creation of the world-renowned Los Topos volunteer rescue brigade.

A equipe de resgate chinesa com seus 50 integrantes chegou ao Haiti dentro do prazo considerado como as “72 horas de ouro” – período crucial para salvar vidas após catástrofes naturais. A equipe começou a trabalhar imediatamente após a sua chegada no bairro de Carrefour, em Porto Príncipe, umas das áreas mais devastadas, indicou a Administração de Terremotos da China (CEA). Ali, eles resgataram mais de 20 corpos.

Nas ruínas do quartel-general da Missão de Estabilização da ONU no Haiti, a equipe chinesa resgatou os corpos de sete funcionários, incluindo do chefe da missão, Hedi Annabi e seu chefe adjunto, Luiz da Costa. Eles também desenterraram os corpos de oito oficiais compatriotas de manutenção de paz que

havia sido designados para a missão antes do terremoto.

Apesar de contar com equipamentos sofisticados, os socorristas tiveram que realizar a maior parte das escavações no prédio da ONU usando as próprias mãos, pois a sua difícil localização na subida de uma ladeira limitava o uso de máquinas, relatou um funcionário da CEA à agência de notícias Xinhua.

Segundo Jiafa, a China contribuiu ainda com uma equipe de 40 médicos e um hospital ambulante improvisado onde cerca de 2.500 feridos receberam tratamento.

Equipe francesa realiza resgate milagroso

A França demonstrou sua solidariedade com o Haiti ao destacar imediatamente três aviões militares carregando 100 bombeiros e policiais, além de proporcionar ajuda humanitária.

As equipes de resgate e salvamento urbano da França continuaram a trabalhar incessantemente procurando sobreviventes, mesmo depois que o governo haitiano anunciou a suspensão das buscas afirmando que havia pouca esperança de encontrar alguém com vida 11 dias após a capital ter sido reduzida a entulhos. Os socorristas persistiram teimosamente na esperança de um último resgate milagroso.

Surpreendentemente, 15 dias após o terremoto o socorrista Claude Fuilla caminhava no telhado instável de uma casa desabada quando ouviu a voz fraca de Darlene Etienne, de 17 anos, e viu seus cabelos pretos cobertos de poeira sob os escombros. A adolescente, que estava praticamente à beira da morte, foi resgatada em 45 minutos, informou The Associated Press. “Não acho que ela teria sobrevivido mais algumas horas”, disse Fuilla.

O resgate de Etienne desafiou todas as probabilidades de encontrar alguém com vida depois de tanto tempo. Segundo as autoridades no ramo, é raro alguém sobreviver mais de 72 horas sem água, muito menos duas semanas; aparentemente, ela teve acesso à água de um banheiro.

Hospital de campanha israelense salva milhares

A experiência adquirida nos campos de batalha fez da Unidade Nacional de Resgate, parte das Forças de Defesa de Israel (FDI) uma equipe de elite internacional. Desde a sua criação em 1983, a unidade já trabalhou em zonas de desastre no México, Argentina, Armênia, Quênia, Turquia e outros países.

Uma equipe da FDI composta por 220 médicos e especialistas em resgate chegou ao Haiti 36 horas após o terremoto. Eles iniciaram suas operações perto das ruínas da sede da ONU em Porto Príncipe e trabalharam junto às autoridades locais para encontrar sobreviventes em outras áreas devastadas. Também construíram um hospital de campanha equipado com centros cirúrgicos, uma ala de maternidade e outra pediátrica

em um tempo recorde de 10 horas. De acordo com o Ministério Israelita das Relações Exteriores, a equipe médica tratou mais de 1.100 pacientes, realizou com êxito 319 cirurgias e realizou 16 partos, incluindo três cesarianas.



Dr. Mootaz Ali (direita) e a equipe médica da Força de Segurança Interna do Qatar realizam uma cirurgia na perna quebrada de um sobrevivente do terremoto do Haiti, em 20 de janeiro de 2010.

Dr. Mootaz Ali, right, and his medical team from Qatar's Internal Security Force perform surgery on a Haiti quake survivor's broken leg on January 20, 2010.

“Tudo o que vemos aqui é muito difícil e é preciso ter uma estrutura emocional muito forte”, disse Gali Wiest, enfermeira chefe da delegação, conforme relatou o jornal israelense *Haaretz*. “Nós já recebemos 87 crianças, a maioria em condições que variam de moderada a grave; fizemos algumas cirurgias e amputações, e eles continuam chegando.”

Wiest contou o caso de sobrevivência de um menino que ficou preso sob os escombros por cinco dias e continuava em estado de choque na ala das crianças. “Seus pais não estão aqui — talvez estejam mortos — mas as enfermeiras israelenses o acariciam e o consolam com uma mamadeira de leite morno.”

Em 27 de janeiro de 2010, a equipe da FDI concluiu a sua permanência de duas semanas. Os pacientes que necessitavam cuidados adicionais, bem como os órfãos e bebês prematuros, foram transferidos para outro hospital de campanha e para o navio da Marinha dos EUA, Comfort.

Assistência dos Emirados transpõe o mundo árabe

A Força de Segurança Interna do Qatar, que ofereceu

ajuda de emergência ao Paquistão após o terremoto de 2005 e durante as inundações na Mauritânia em 2007, também prestou auxílio ao Haiti. Foi a primeira vez que o emirado do Golfo enviou uma equipe de resgate urbano fora do mundo árabe, informou o jornal *The National*.

“Foi uma viagem longa além de ter sido a primeira vez que saímos da nossa região”, o Capitão Mubarak al-Kaabi, líder da equipe, contou ao *The National*.

“Mas prestar auxílio significa ajudar a todos, não só ao povo árabe.”

Uma equipe de resgate de 26 pessoas composta de soldados, policiais e profissionais médicos vasculharam a capital haitiana em busca de sobreviventes. A equipe também montou um hospital de campanha improvisado nos arredores da cidade, em Cité Soleil, onde médicos trataram mais de 500 vítimas. Eles realizaram cirurgias rudimentares, trataram fraturas de membros e limpavam feridas supuradas.

“Estamos colocando membros em talas e distribuindo antibióticos, mas algumas das infecções são muito sérias e precisam ser tratadas continuamente”, Mootaz Ali, um cirurgião ortopédico explicou ao *The National*. “Alguns pacientes não podem sequer tomar os antibióticos que administramos por não terem acesso à água.”

Esforço incançável dos sul-africanos

Uma equipe de 10 membros da Fundação Sul-Africana “Gift of the Givers”, a maior organização africana de apoio a desastres, chegou ao Haiti três dias após o terremoto.

Eles trabalharam em uma área onde nenhuma equipe ainda tinha chegado, segundo a Xinhua.

“A devastação era inacreditável. Não havia nenhum sinal de vida, apenas um monte de cadáveres espalhados e o cheiro nauseante dos corpos em decomposição ao longo do caminho”, descreveu Imtiaz Sooliman, presidente da fundação. “A primeira parada foi em uma missão católica que havia sido totalmente destruída; ali, cinco corpos foram resgatados. Em outro local, mais nove corpos foram recuperados”, continuou Sooliman.

Os socorristas, especializados no atendimento a desastres, em técnicas de busca e salvamento, e no suporte avançado de vida, viajaram por terra da República Dominicana e posteriormente foram escoltados por helicópteros da ONU quando as estradas de acesso foram bloqueadas.

Eles retiraram cinco sobreviventes de um hospital desmoronado em Porto Príncipe. “Após 2 horas e meia de intensa atividade, o líder da equipe Ahmed Bham, juntamente com nossos parceiros mexicanos, resgatou uma senhora de 60 anos, a primeira dos cinco sobreviventes”, conforme divulgado pela organização através de um comunicado. A equipe também retirou 600 corpos do hospital para que ele pudesse voltar a funcionar. ⓘ

Rescuers Rush for Quake Survivors

TEAMS FROM MEXICO, CHINA,
FRANCE, ISRAEL, QATAR AND SOUTH
AFRICA SCRAMBLE TO AID HAITI

DIÁLOGO



ISRAELI DEFENSE FORCES

Um membro da equipe de busca e salvamento chinesa vasculha os escombros de um edifício derrubado pelo terremoto de 7,9 graus que matou 70.000 na província de Sichuan em China em maio de 2008.

A Chinese rescuer searches the rubble of a building toppled by a magnitude 7.9 earthquake that killed 70,000 in China's Sichuan province in May 2008.

More than 60 international urban search-and-rescue teams rushed to Haiti after it was pummeled by the earthquake on January 12, 2010. Elite international rescuers, security and medical personnel arrived first in the demolished capital Port-au-Prince, working under extreme conditions to find survivors, according to the United Nations.

Veteran urban search-and-rescue teams from Mexico, China, France, Israel, Qatar and South Africa embodied the world's urgent call-to-action to assist the people of Haiti.

Mexico's 'Moles' prove courageous

After a magnitude 8.1 earthquake struck Mexico City in 1985, one of the world's most respected search-and-rescue teams - the International Rescue Brigade of Tlatelolco-Azteca - emerged from the ruins. Los Topos, or "The Moles," was formed in the absence of a professional rapid-response team

as frantic residents of the Tlatelolco community banded together to rescue their families and neighbors.

Almost 25 years later, Los Topos has three delegations in Mexico: in Tlatelolco, Cancun and Vera Cruz. It also has a delegation in Buenos Aires, Argentina, a volunteer Los Topos rescuer, Fernando Alvaro Bravo, told *Diálogo*. The volunteers are trained by experts from Israel and France and have deployed to natural disaster sites around the world, including New York City; San Salvador, El Salvador; Taiwan; Bam, Iran; and Abruzzi, Italy. Equipped with mallets and knives as their primary tools, they set out to join earthquake rescue missions using their own money or through private donations.

"We are going to offer our best on behalf of the Mexican people," Héctor Méndez, one of the founders of Los Topos, told the Agence France-Presse news agency.

In January, a 25-member contingent equipped with sniffer dogs, first-aid responders and a demolition crew arrived in Haiti within 48 hours. Another veteran rescuer and group leader, Carlos Morales, worked alongside his 24-year old daughter, as a show of family courage in the face of strangers' despair.

In the two weeks following the earthquake, Los Topos rescued more than a dozen victims, including Ena Zizi, a 69-year-old Haitian woman trapped beneath the ruins of a church for seven days.

Six and a half weeks after Haiti's quake, Los Topos rushed to the rescue again after a magnitude 8.8 earthquake and subsequent tsunami ravaged Chile.

China takes on excavation effort

The China International Search and Rescue Team, the country's main earthquake-rescue organization, will invest almost \$15 million this year to more than double its capabilities, *The Guardian* newspaper reported. This investment follows the magnitude 7.9 Sichuan earthquake that killed about 70,000 people in China in 2008.

"We will be able to send more teams to operations overseas and that's one of the reasons we are expanding," said Huang Jiafa, a division director at the Chinese Earthquake Administration. Currently, China is the country with the most urban search-and-rescue teams in the world, according to humanitarian news site ReliefWeb.

China's 50-member rescue team arrived in Haiti within the 72 "golden hours" — the most crucial time period for saving lives following natural disasters. The team immediately began working upon arrival in Port-au-Prince's Carrefour neighborhood, one of the hardest-hit areas, according to the China Earthquake Administration, or CEA. They retrieved more than 20 bodies.

At the ruins of the headquarters of the U.N. Stabilization Mission in Haiti, the Chinese team recovered the bodies of seven staff members, including mission chief Hedi Annabi and his chief deputy, Luiz Carlos da Costa. They also dug up eight of their own peacekeeping officers assigned to the mission before the earthquake.

Despite having sophisticated equipment, rescuers had to handle most of the excavation at the U.N. building by hand

because its position halfway up a hill limited the use of machines, an official at the CEA told the Xinhua news agency.

China's other contributions included a 40-member medical team and an improvised mobile hospital, where about 2,500 injured people were treated, Jiafa said.

French team makes a miracle rescue

France demonstrated its solidarity with Haiti by immediately deploying three military planes carrying 100 firefighters and gendarmes, in addition to humanitarian aid.

The urban search-and-rescue teams from France worked incessantly to find survivors even after the Haitian government called off the search, stating there was little hope of finding anyone alive 11 days after the capital was reduced to rubble. The rescuers stubbornly pressed on in favor of holding out for one last miracle rescue.

Amazingly, 15 days after the quake, rescuer Claude Fuilla walked along the unstable roof of a collapsed home, heard the faint voice of 17-year-old Darlene Etienne and spotted her dust-covered black hair in the rubble. The dying teenager was rescued within 45 minutes, The Associated Press reported. "I don't think she could have survived even a few more hours," Fuilla said.

Etienne's rescue defied the odds of finding anyone alive after so long. Authorities say it is rare for anyone to survive more than 72 hours without water, let alone more than two weeks, but she reportedly had access to water from a bathroom.

Israeli field hospital saves thousands

Battlefield experience has made the Israel Defense Forces, or IDF, National Search and Rescue Unit an international elite team. Since its inception in 1983, the unit has worked in disaster zones in Mexico, Argentina, Armenia, Kenya, Turkey and elsewhere.

A 220-member IDF medical and rescue team arrived in Haiti within 36 hours after the earthquake. It began its operations near the ruins of the U.N. headquarters in Port-au-Prince and worked with local authorities to find survivors in other disaster-stricken areas. The team also built a field hospital with operating rooms and a maternity and children's ward, within a record time of 10 hours. The medical team treated more than 1,100 patients, conducted 319 successful surgeries and delivered 16 babies, including three by Cesarean section according to the Israeli Ministry of Foreign Affairs.

"The sights here are very difficult and you need a lot of mental fortitude," said Gali Wiest, the delegation's head nurse, as reported in Israel's *Haaretz* newspaper. "We've already taken in 87 children, most in moderate to serious condition; there have been a few operations and amputations, and they keep coming."

Wiest spoke of the survival of an infant boy who was trapped under the rubble for five days and lay in a state of shock in the children's ward: "His parents aren't here — perhaps they are dead — but the Israeli nurses caress him and give him a warm bottle of milk."

The IDF team concluded its two-week stay on January 27, 2010, and patients needing further care, as well as orphans and premature babies, were transferred to other field hospitals and to the U.S. Navy Ship Comfort.

Emirate assistance beyond Arab world

Qatar's Internal Security Force, which provided emergency relief after the 2005 Pakistan earthquake and the Mauritania floods in 2007, also provided support to Haiti. It was the first time the Gulf emirate

deployed an urban search-and-rescue team outside the Arab world, *The National* newspaper reported.

"This is a long way for us to come and the first time we have left our region," Capt. Mubarak al-Kaabi, the team's leader, told *The National*. "But help means helping everybody, not just Arabic people."

A 26-person rescue team of soldiers, police and medical professionals scoured the Haitian capital for survivors. The team also set up a makeshift field hospital on the outskirts of the city, in Cité Soleil, where doctors treated more than 500 victims. They performed rudimentary operations, set broken limbs and cleaned festering wounds.


"We're putting limbs in splints and giving out antibiotics, but some of the infections are very bad and need to be treated many times," Mootaz Ali, an orthopedic surgeon, told *The National*. "Some patients are not even able to take the antibiotics we give them because they don't have access to water."

South African efforts undeterred

A 10-member team from the South African Gift of the Givers Foundation, the largest African disaster relief organization, arrived in Haiti three days after the earthquake.

They worked an area that no team had yet reached, Xinhua reported. "The devastation was mind boggling, with no sign of life, only a litter of corpses and the sick stench of decomposed bodies along the way," foundation chairman Imtiaz Sooliman said. "The first stop was a Catholic mission, totally destroyed; five bodies were recovered. At another site nine more bodies were recovered," Sooliman said.

The rescuers, skilled in disaster response, search and rescue, and advanced life support, traveled by land from the Dominican Republic, and were later escorted by U.N. helicopters when road access was blocked.

They extricated five survivors from a collapsed hospital in Port-au-Prince. "After 2.5 hours of intense activity, team leader Ahmed Bham, together with our Mexican partners, rescued a 60-year-old lady, she being the first of five survivors," the organization said in a statement. The team also cleared the hospital of 600 bodies so it could resume operations. 



Wismond Exantus, que sobreviveu 11 dias enterrado sob escombros quando o terremoto de 7,0 graus abalou o Haiti em janeiro de 2010, foi resgatado pela equipe de busca e salvamento francesa.

Wismond Exantus, a victim of the magnitude 7.0 Haiti earthquake in January 2010, who survived 11 days buried under rubble, was saved by a French search and rescue team.



AGENCE FRANCE-PRESSE

A fúria da natureza expõe

DEBILIDADES

DESASTRES ACABAM PROVOCANDO UMA MELHORIA NOS PLANOS REGIONAIS DE SOCORRO

DIÁLOGO

Sobreviventes se reúnem num trecho da estrada Pan-Americana perto de Posoltega, Nicarágua, destruída por uma enxurrada após as inundações de 1998 causadas pelo furacão Mitch.

Survivors gather at a washed-out portion of the Pan-American Highway near Posoltega, Nicaragua, after massive flooding in 1998 caused by Hurricane Mitch.

Um soldado colombiano e um socorrista carregam um sobrevivente após a erupção do vulcão Nevado del Ruiz, em 1985.

A Colombian Soldier and a rescue worker move a survivor after the eruption of the Nevado del Ruiz Volcano in 1985.

Joseph Desarmes se sente abençoado, mas ao mesmo tempo incrivelmente desafortunado. Ele foi resgatado de uma casa desmoronada após o terremoto de magnitude 7.0 ter devastado o Haiti em 12 de janeiro. “Eles me tiraram dos escombros de uma casa, e tive a sorte de ter sobrevivido”, disse ele à BBC.

Desarmes fugiu então com a família para Santiago, Chile. Seis semanas depois, um terremoto de magnitude 8.8 assolou o país. “Chegar ao Chile e passar pela mesma situação, você não pode imaginar... como me senti impotente.”

Os terremotos no Haiti e Chile expuseram as vulnerabilidades da América Latina e Caribe com relação às catástrofes naturais. Drásticas mudanças geográficas e climáticas têm ocasionado desastres naturais que mataram meio milhão de pessoas no século 20, indicou *ReVista*, uma publicação da Universidade de Harvard para a América Latina.

Essa região está exposta a uma intensa

atividade sísmica, particularmente a fronteira ocidental da América do Sul, que é considerada a mais ativa do mundo. Segundo o Centro Belga de Pesquisa sobre Epidemiologia de Desastres, o maior terremoto já registrado foi um tremor de magnitude 9.5 em Valdivia, Chile, em 1960.

Na América Latina também se encontram os vulcões mais ativos do mundo, relatou *ReVista*. Das cinco maiores erupções do século 20, uma ocorreu na Guatemala em 1902 e duas no Chile em 1932 e 1991.

As inundações e secas são os perigos meteorológicos mais comuns na região, reportou *ReVista*, com os furacões vindo a seguir.

Os governos da região estão tomando medidas importantes para enfrentar as catástrofes naturais. Medidas de prevenção e de mitigação estão sendo adicionadas às respostas tradicionais, indicou um estudo do Banco Mundial. A seguir estão os relatos de três catástrofes naturais e como os governos aprenderam com eles.

1 SOFRIMENTO AUMENTA CONSCIENTIZAÇÃO NA COLÔMBIA

Omayra Sánchez, uma jovem de 13 anos, presa até o pescoço na lama e detritos de um deslizamento, se transformou no símbolo da erupção do vulcão Nevado del Ruiz que destruiu Armero, na Colômbia, em novembro de 1985. Apesar das tentativas de resgate que duraram três dias, Sánchez tornou-se uma das 23.000 vítimas do vulcão ao morrer de gangrena e hipotermia.

Com Omaira Medina Morales, outra moradora de Armero, tudo foi diferente. Grávida de três meses, ela ficou soterrada em escombros até os joelhos por três dias antes de ser resgatada. “As lembranças do que aconteceu em Armero permanecem intactas no meu cora-

ção. É uma dor com a qual tive que aprender a conviver”, desabafou Medina Morales em um artigo na revista colombiana *Soho*. Ela perdeu o marido e as pernas, mas o bebê sobreviveu.

Mais de 5.000 funcionários do Exército Colombiano, da Polícia Nacional, Cruz Vermelha, Defesa Civil e outras organizações trabalharam incansavelmente tentando salvar vidas em Armero.

A Colômbia aprendeu valiosas lições dessa calamidade. “A necessidade de trabalhar em equipe e integrar os esforços de cada entidade de resposta a emergências foi uma grande lição”, afirmou Eugenio Alarcón, da Defesa Civil colombiana.

A tragédia trouxe à tona as limitações da gestão de desastres naturais do país. Os cientistas colombianos, por exemplo, não tinham os recursos necessários para monitorar efetivamente o vulcão.

O Nevado del Ruiz já havia entrado em erupção anteriormente, matando 636 pessoas em 1595 e 1.000 em 1845.

Até 1989, o governo havia criado o Sistema Nacional de Prevenção e Atenção a Desastres, que integra agências governamentais com organizações públicas e privadas.

Armero é hoje uma cidade fantasma. A maioria dos sobreviventes foi transferida para áreas vizinhas.

2 SEGUINDO ADIANTE APÓS MITCH

Cinco dias de chuva, enchentes e deslizamentos de terra não impediram o nicaraguense Santos Palma de ajudar os militares e a Cruz Vermelha a salvar centenas de vítimas após o furacão Mitch devastar a Nicarágua em outubro de 1998. Os socorristas se locomoviam em barcos pelas fazendas do entorno do rio Estero Real, ao norte de Chinandega.

“Foi muito difícil negociar quem iria primeiro... Quando estão em situações perigosas, as pessoas ficam aterrorizadas e fica muito difícil negociar com elas”, explicou Palma ao Catholic Relief Services, uma agência humanitária à qual se associou em 1999.

Antes de Mitch tornar-se um furacão de

categoria 5 em 26 de outubro, ele castigou a Jamaica e a península de Yucatán como tempestade tropical. Estimativas oficiais calculam o número final de mortos na Nicarágua em 3.800 pessoas.

Segundo Palma, “Mitch expôs a vulnerabilidade da Nicarágua”. Após o seu reinado de destruição, os EUA se engajaram em um esforço de ajuda extensivo, o maior realizado pelo Comando Sul na época, de acordo com o *globalsecurity.org*. O Exército americano trabalhou junto ao Catholic Relief Services e às autoridades nicaraguenses para reconstruir pontes.

Em 2000, a Nicarágua aprovou uma lei que criou um sistema nacional do qual parti-

cipam órgãos governamentais, organizações não-governamentais e associações comunitárias, todas trabalhando em conjunto para reduzir a vulnerabilidade da Nicarágua às catástrofes naturais.

Os projetos pós-Mitch tiveram resultados positivos, ressaltou Palma. “Desde o Mitch, a população está mais consciente da necessidade de se organizar e aceitar recomendações para a criação de uma infraestrutura adequada. Mas ainda há muito que fazer nessa área.”

Em agosto de 2007, a igreja de São Clemente em Pisco desabou sobre centenas de paróquianos, soterrando as vítimas.

3 TERREMOTO TESTA O PERU

“As pessoas saíam correndo pela porta da frente gritando”, disse uma testemunha à Associated Press. “Parecia o fim do mundo.”

A igreja desmoronou após um terremoto de magnitude 8.0, que achatou a cidade e outras áreas costeiras ao sul. O país registrou 569 mortos e mais de 15.000 desabrigados.


O Peru respondeu com um programa liderado pelo Instituto Nacional de Defesa Civil (INDECI) que trata da prevenção e recuperação de desastres. Em um primeiro

momento, o INDECI opera a nível local; entretanto, se a sua capacidade de resposta esgotar, as autoridades regionais e nacionais são acionadas.

Segundo o Grupo de Política Humanitária (GPH) da Grã-Bretanha, a resposta de emergência em Pisco não foi bem coordenada. O governo declarou estado de emergência sem acionar os mecanismos da INDECI, o que resultou em confusão e duplicação de esforços, concluiu o GPH. “Há um consenso geral de que a estrutura nacional da gestão de desastres é bem elaborada e

adequada e poderia operar de forma eficaz se fosse melhor coordenada e financiada, e mais participativa”, afirma o relatório.

Os militares peruanos enviaram mais de 4.000 soldados para ajudar no resgate. Eles apoiaram a polícia nacional proporcionando segurança e doando sangue, informou o site peruano de notícias *terra.com.pe*.

Agências internacionais também enviaram ajuda. Em março, a ONU anunciou que auxiliaria o Peru na concepção de uma estratégia nacional para minimizar os efeitos de um terremoto ou tsunami. 



AGENCE FRANCE-PRESSE

Nature's
wrath
exposes

FRAILTY

DISASTERS SPUR IMPROVED REGIONAL RESPONSE PLANS

DIÁLOGO

José Luis Najarro recupera seus pertences após o terremoto de 2007, em Pisco, no Peru.

José Luis Najarro recovers belongings in the aftermath of the 2007 earthquake in Pisco, Peru.

Evacuados de Malacatoya, Nicarágua, carregam seus pertences em uma estrada inundada após o furacão Mitch, em 1998. Desde então, a Nicarágua melhorou a sua resposta a catástrofes.

Evacuees from Malacatoya, Nicaragua, carry belongings on a flooded road after Hurricane Mitch hit in 1998. Nicaragua has since improved its disaster preparedness.

Joseph Desarmes feels blessed, yet incredibly unfortunate. He was rescued from a collapsed home after a magnitude 7.0 earthquake ravaged Haiti on January 12, 2010. "They got me out from under the ruins of a house, and I felt lucky to have survived," Desarmes told the BBC.

Desarmes fled with his family to Santiago, Chile. Six weeks later, a magnitude 8.8 earthquake struck the country. "To come to Chile and go through the same situation, you can't imagine ... how powerless I felt."

The earthquakes in Haiti and Chile show Latin America and the Caribbean's vulnerability to natural disasters. Geography and major climate changes have led to natural disasters that killed half a million people during the 20th century, according to the Harvard Review of Latin America magazine *ReVista*.

The region is exposed to intense seismic activity, particularly the western edge of South

America, which is considered the most active in the world. The largest earthquake ever recorded was a magnitude 9.5 temblor in Valdivia, Chile, in 1960, according to the Belgian Center for Research on the Epidemiology of Disasters.

Latin America is also home to the world's most active volcanoes, *ReVista* reported. Of the five largest eruptions of the 20th century, one occurred in Guatemala in 1902 and two hit Chile, in 1932 and 1991.

Floods and droughts are the most common meteorological hazards in the region, followed by hurricanes, according to *ReVista*.

Governments in the region are taking important steps to address natural disasters, adding prevention and mitigation to traditional response, according to a World Bank study. The following section recounts three natural disasters and how governments learned from them.

Uma mulher andina caminha pelos escombros de sua casa em Pisco, Peru, após um terremoto em 2007.

An Andean woman walks by the rubble of her house in Pisco, Peru, after an earthquake hit in 2007.



GETTY IMAGES

1 HEARTBREAK INCREASES ALERTNESS IN COLOMBIA

Omayra Sánchez, a 13-year-old trapped up to her neck in water and landslide debris, became symbolic of the Nevado del Ruiz volcanic eruption that destroyed Armero, Colombia, in November 1985. Despite a three-day rescue effort, Sánchez, one of the 23,000 casualties, died of gangrene and hypothermia.

Things turned out differently for Omaira Medina Morales, another Armero resident. Three months pregnant, she was up to her knees in rubble for three days before being rescued. “The memory of Armero remains

intact in my heart. It’s a pain I had to learn to live with,” Medina Morales said in an article in the Colombian magazine *Soba*. She lost her husband and her legs, but the baby survived.

More than 5,000 personnel from the Colombian military, National Police, Red Cross, Civil Defense and others worked tirelessly to save lives in Armero.

Colombia learned valuable lessons from this calamity. “The need to work as a team and to integrate the efforts of each emergency-response entity was the big lesson here,” said Eugenio Alarcón, of the Colombian Civil Defense.

The tragedy shed light on the country’s natural-disaster management limitations. Colombian scientists lacked the resources to effectively monitor the volcano.

Nevado del Ruiz had erupted before, killing 636 people in 1595 and 1,000 in 1845. By 1989, the government had created the National System for the Prevention and Attention of Disasters, which integrates government agencies and private and community organizations.

Armero is now a ghost town; most of its survivors were relocated to neighboring areas.

2 MOVING FORWARD AFTER MITCH

Five days of rain, flooding and mudslides did not deter Santos Palma from helping Nicaragua’s military and the Red Cross save hundreds of victims after Hurricane Mitch struck in October 1998. Rescuers navigated by boat above farms surrounding the Estero Real River, north of Chinandega.

“It was very hard to negotiate who would go first. ... People at risk are terrified and it is very difficult to negotiate with them,” Palma told Catholic Relief Services, a humanitarian agency he joined in 1999.

Before Mitch became a Category 5 hurricane on October 26, it hit Jamaica and the Yucatán Peninsula as a tropical storm. Official estimates report a final death toll of 3,800 in Nicaragua.

“Mitch exposed Nicaragua’s vulnerability,” Palma said. After Mitch’s reign of destruction, the U.S. engaged in an extensive relief effort — the biggest undertaken by Southern Command at that time — according to globalsecurity.org. The U.S. Army worked with Catholic Relief Services and Nicaraguan authorities to reconstruct bridges.

In 2000, Nicaragua passed a law creating a national system involving government agencies, nongovernmental organizations and community associations working together to reduce Nicaragua’s vulnerability to natural catastrophes.

Post-Mitch projects have had positive results, Palma said. “Since Mitch, the population is clearly more aware of becoming organized and accepting recommendations for building an infrastructure. But there is still much to do on this matter.”

3 QUAKE TESTS PERU’S PREPAREDNESS

The San Clemente church in Pisco collapsed onto hundreds of parishioners in August 2007, burying the victims.

“People were running out the front door screaming,” a witness told *The Associated Press*. “It felt like the end of the world.”

The church crumpled after a magnitude 8.0 earthquake leveled the city and other areas on the southern coast. The country reported 569 people dead and more than 15,000 homeless.


Peru responded with a program led by the National Institute for Civil Defense, or INDECI, which deals with disaster preven-

tion and recovery. It operates at the local level first, but if response capabilities are surpassed, regional and national-level authorities become involved.

The emergency response in Pisco was uncoordinated, according to the U.K.-based Humanitarian Policy Group, or HPG. The government declared a state of emergency without enacting INDECI mechanisms, resulting in confusion and duplication of efforts, HPG reported. “There is general agreement that the national disaster management structure is well designed and appropri-

ate and could operate effectively if it were better coordinated and funded, and more participatory,” the report stated.

The Peruvian military deployed more than 4,000 troops to the rescue. They supported the national police by providing security and donating blood, according to the Peruvian news website terra.com.pe.

International agencies also dispatched aid. In March, the U.N. announced it would support Peru in designing a national strategy to minimize the effects of a major earthquake or tsunami. 



Gerenciando e reduzindo **RISCOS DE DESASTRES**

DIÁLOGO

A América Latina e o Caribe estão entre as regiões mais propensas a desastres em todo o mundo, sendo atingidos incessantemente por furacões, vulcões, terremotos, secas e inundações. Segundo um estudo realizado pelo Grupo britânico de Política Humanitária (HPG), as tempestades tropicais se intensificaram durante as últimas décadas devido ao aquecimento global e ao fenômeno meteorológico conhecido como El Niño.

Os governos da região reconhecem que o gerenciamento de riscos de desastres faz parte da sua responsabilidade em proteger os cerca de 375 milhões de habitantes que vivem em áreas propensas a desastres, conforme relato da HPG. Essas nações têm usado tradicionalmente suas respectivas Forças Armadas como contingente de resposta imediata nos casos de catástrofes naturais. Comitês de defesa civil também foram criados para organizar e coordenar as operações de socorro e resgate, relatou o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). Contudo, foi o estabelecimento de planos nacionais de preparação e a criação de novas instituições para gerenciar os riscos de desastres que têm melhorado os programas de resposta pró-ativa a desastres.

Esses programas devem entrar em ação antes e após os desastres e devem focar nos riscos, vulnerabilidades econômicas ou físicas, ou no controle de danos pós-catástrofe. Também devem incluir um planejamento territorial e ajustes nos códigos de construção, sistemas de alerta e planos governamentais de resposta de emergência para a conscientização do público e financiamento.

Rocinha, a maior favela do Brasil, fica localizada em um morro, o que a torna vulnerável a desastres naturais como deslizamentos de terra.

Rocinha, the largest favela or slum in Brazil, sits on a hillside, making it vulnerable to natural disasters such as mudslides.

Managing and Reducing **DISASTER RISK**

Latin America and the Caribbean are among the most disaster-prone regions in the world, suffering relentless hurricanes, volcanoes, earthquakes, droughts and floods. Tropical storms have intensified during the past few decades because of global warming and the weather phenomenon known as El Niño, according to a study by the U.K.-based Humanitarian Policy Group, or HPG.

Governments in the region acknowledge disaster risk management is part of their responsibility to protect the approximately 375 million residents who live in disaster-prone areas, as reported by HPG. These nations have traditionally used their respective armed forces as first responders in natural disasters. Civil defense committees are also established to organize and coordinate relief and rescue operations, per the Inter-American Development Bank, or IDB. However, proactive disaster response programs have improved with the formulation of national preparedness plans and new institutions for disaster risk management.

These programs must take place before and after disasters and focus on hazards, economic or physical vulnerabilities, or post-disaster damage control. They also include planned zoning and building code adjustments, early warning systems and government emergency response plans for public awareness and funding.

Infraestrutura

A expansão urbana em áreas sujeitas a terremotos, aliada a um planejamento territorial inadequado e a construções de má qualidade, criam condições extremamente vulneráveis a atividades sísmicas. A vulnerabilidade de uma cidade é significativamente reduzida com a implementação de um planejamento territorial para determinar os níveis de risco, com o estabelecimento de códigos de construção para áreas de risco e outros instrumentos reguladores.

INFRASTRUCTURE

Urban sprawl in earthquake-prone areas, combined with inadequate zoning and poor quality housing, creates extremely vulnerable conditions to seismic activity. A city's vulnerability is significantly reduced through the implementation of zone planning to determine risk levels, the establishment of hazard building codes and other regulatory instruments.

PLANEJAMENTO TERRITORIAL

O modo mais óbvio de se reduzir riscos seria a desocupação das áreas de perigo. Realisticamente, os especialistas acreditam que a abordagem mais eficaz é o micro-zoneamento. Essa técnica consiste em fazer um levantamento dos riscos sísmicos e das condições do solo de cada área de perigo para determinar o tipo de construção mais adequado.

ZONE PLANNING

The most obvious way to reduce risk is moving out of hazard-prone areas. Beyond that, specialists think the most effective approach is microzoning. This technique consists of surveying seismic hazard and the type of soil for each risk area to determine adequate building construction.

CÓDIGOS DE CONSTRUÇÃO EM ÁREAS DE PERIGO

Os códigos para construção em áreas de perigo requerem o uso de materiais como a borracha e contrapesos nos projetos de novas construções para permitir que os edifícios se tornem mais flexíveis e possam balançar durante um terremoto. Alguns edifícios, no entanto, são arquitetados propositalmente para quebrarem em pontos estratégicos. O Chile usa essa tática de construção, denominada construção “Viga Fraca/Coluna Forte” nas quais os edifícios são sustentados por pilares de concreto armado e estruturas metálicas. As vigas de concreto não-reforçado são conectadas às colunas de concreto armado para suportar os pisos e o telhado. Durante um terremoto, as vigas de concreto não-reforçado se partem, já as colunas de concreto armado e as armações de metal não se abalam. Isso libera a energia destrutiva do terremoto mantendo intacta a estrutura geral.

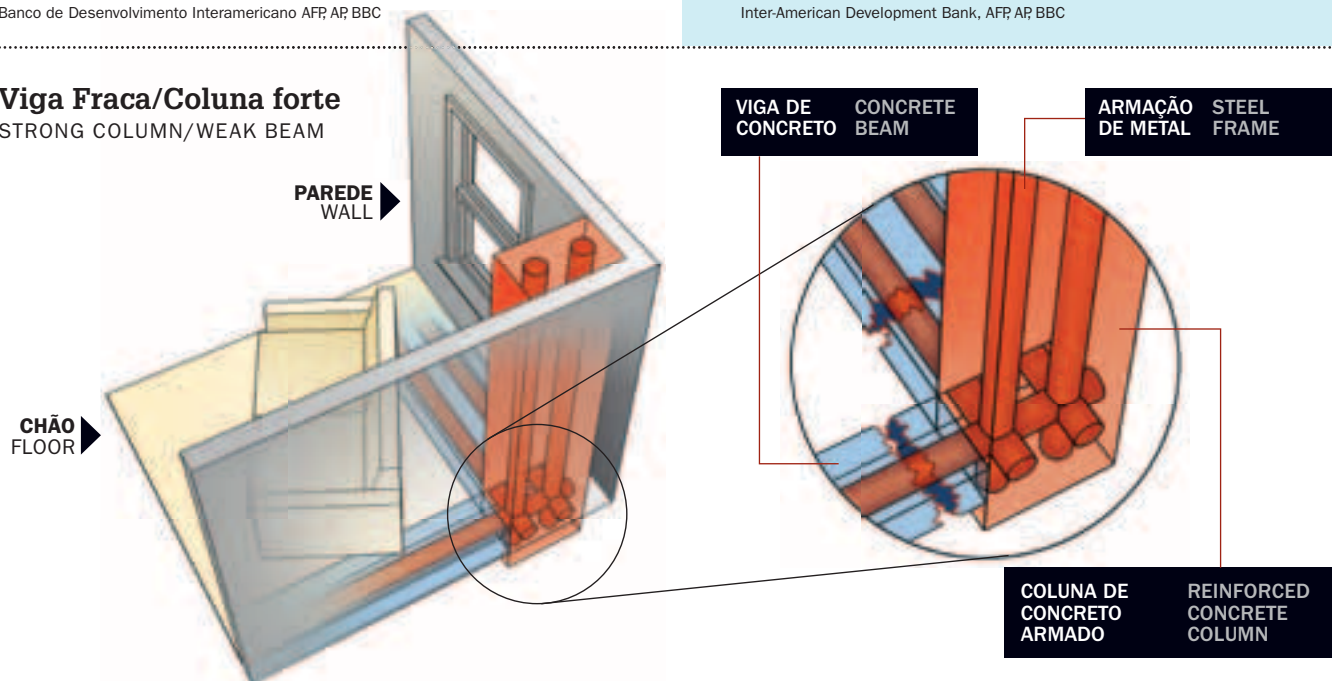
HAZARD BUILDING CODES

Hazard building codes require materials such as rubber and counterweights in the design of new construction to allow buildings to bend and sway during an earthquake. Some buildings, however, are purposefully designed to break at strategic points. Chile uses this building strategy, called strong column/weak beam construction, in which buildings are held up by reinforced concrete columns and steel frames. Nonreinforced concrete beams are joined to the reinforced concrete columns to support the floors and roof. During an earthquake, the nonreinforced concrete beams break and the reinforced columns and steel frame do not. This safely releases the earthquake's destructive energy while keeping the overall structure intact.

Banco de Desenvolvimento Interamericano AFP, AP, BBC

Inter-American Development Bank, AFP, AP, BBC

Viga Fraca/Coluna forte STRONG COLUMN/WEAK BEAM



Sistemas de alerta precoce

As informações recolhidas regularmente a partir de vários sistemas de alerta precoce melhoram as capacidades de previsão e alerta em tempo real, afetando positivamente a estabilidade econômica e o desenvolvimento de uma população.

EARLY WARNING SYSTEMS

Information gathered regularly from multiple early warning systems improves forecasting and real-time warning capabilities, positively affecting the stability of a population's economic health and development.

SATÉLITES

O Satélite Ambiental Operacional Geostacionário (Sistema GOES), supervisionado pela Administração Nacional Oceânica e Atmosférica dos EUA (NOAA), exerce um papel crítico na previsão meteorológica. Dois satélites GOES planam continuamente sobre as Américas, na linha do equador, observando constante a atmosfera. A informação recolhida é usada para localizar os “agentes” causadores de desastres, como tornados, inundações, tempestades de granizo e furacões.

Através de um convênio interinstitucional com a Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional, a NOAA propicia acesso aos dados meteorológicos e climáticos fornecidos pelo GOES aos membros da Organização Meteorológica Mundial. Na América Central, os dados do GOES são recolhidos pelo Instituto Meteorológico Nacional da Costa Rica e transmitidos através da Internet para os países vizinhos.

SATELLITES

The Geostationary Operational Environmental Satellite, or GOES system, overseen by the U.S. National Oceanic and Atmospheric Administration, or NOAA, plays a critical role in weather forecasting. Two GOES satellites hover continuously above the Americas at the equator, providing constant observation of the atmosphere. The information they gather is used to locate “triggers” that create severe weather such as tornadoes, flash floods, hailstorms and hurricanes.

Through an interagency agreement with the U.S. Agency for International Development, NOAA provides access to GOES weather and climate data to members of the World Meteorological Organization. In Central America, GOES data is collected by the Costa Rica National Meteorological Institute and transmitted via the Internet to surrounding countries.

Nave espacial GOES

GOES SPACECRAFT

IMAGEADOR

Fornecer imagens da superfície terrestre, oceanos e nuvens.

IMAGER

Produces images of Earth's land, oceans and clouds

ÓRBITA GEOESTACIONÁRIA

A órbita dos satélites GOES tem o mesmo sentido de rotação que o da Terra, permitindo que a nave pare sobre uma posição fixa da superfície.

GEOSYNCHRONOUS ORBIT

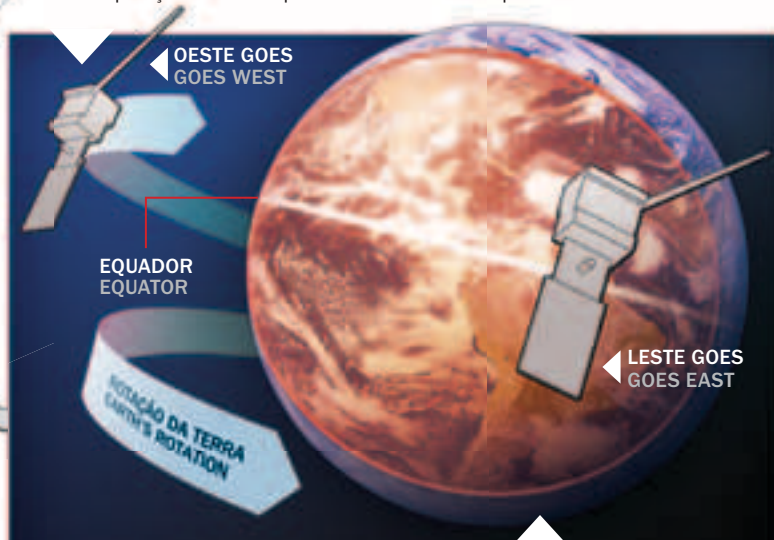
The GOES satellites' orbit matches the speed of the Earth's rotation, allowing the spacecraft to hover over a fixed position on the surface.

SONDADOR

- Estima a temperatura atmosférica e perfis de umidade
- Mede as temperaturas da superfície e acima das nuvens

SOUNDER

- Deduces atmosphere temperature and moisture profiles
- Measures surface and cloud-top temperatures



Dois satélites GOES trabalham juntos para observar 60 por cento da Terra.

Two GOES satellites work together to observe 60 percent of the Earth.

A plataforma web do Sistema de Alerta Precoce para a América Central (SATCA) é um componente importante na preparação e resposta a desastres na América Central e no Caribe. Criada pela Equipe de Emergência e Resposta do Programa Mundial de Alimentos da ONU de El Salvador, a SATCA monitora as tendências a desastres naturais em desenvolvimento, integrando os dados disponíveis de mais de uma dúzia das principais organizações científicas, governos nacionais, doadores e outras organizações internacionais. Os desastres naturais podem ser monitorados a partir do site, melhorando assim a preparação e resposta das agências humanitárias e autoridades nacionais.

WEB PLATFORM

The Early Warning System for Central America, or SATCA, web platform is an important component to disaster preparedness and response in Central America and the Caribbean. Created by the U.N. World Food Program's Emergency Preparedness and Response team from El Salvador, SATCA tracks developing trends in natural disasters by integrating available data from more than a dozen leading scientific organizations, national governments, donors and other international organizations. Natural disasters can be monitored from the website, improving preparedness and response among humanitarian agencies and national authorities.

DETECÇÃO DE TSUNAMIS

Os serviços de monitoramento de tsunamis são proporcionados pelos centros de alerta a tsunamis da Administração Nacional Oceânica e Atmosférica dos EUA no Havai e no Alasca. Utilizando o sistema de avaliação e cobertura de tsunamis no fundo do oceano (DART) para detectar terremotos e monitorar o nível do mar, os centros de alerta da NOAA processam os dados em tempo real, o que é crucial para gerar previsões precisas das ondas de tsunami.

O Centro de Alerta a Tsunami do Caribe (CTWC) é uma nova unidade que será adicionada ao DART. O centro é financiado pelas Nações Unidas e planeja construir sua

sede em Porto Rico. O CTWC monitorará o Caribe, Atlântico Norte, Golfo do México, América do Norte e América Central. O centro também ajudará a padronizar os protocolos e os procedimentos nacionais na região para reduzir os tempos de resposta.

O Centro de Informação de Tsunami do Caribe planeja abrir uma representação em Barbados para educar as comunidades locais sobre alertas a tsunamis.

Administração Nacional Oceânica e Atmosférica dos EUA, Sistema de Alerta Precoce para a América Central (SATCA), Comissão Oceanográfica Intergovernamental da UNESCO, AFP, AP, BBCC

TSUNAMI DETECTION

Tsunami-watch services are offered by the U.S. National Oceanic and Atmospheric Administration's tsunami warning centers in Hawaii and Alaska. Utilizing the Deep-Ocean Assessment and Reporting of Tsunamis system, or DART, to detect earthquakes and monitor sea level, NOAA's warning centers process the real-time data crucial to creating accurate forecasts of tsunami waves.

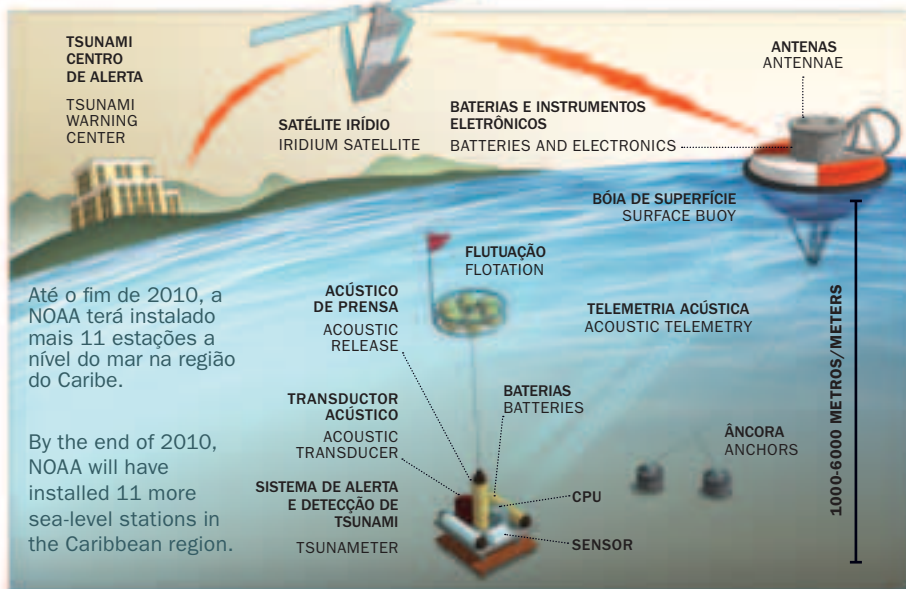
The Caribbean Tsunami Warning Centre, or CTWC, is a new facility that will be added to DART. The center has funding from the United Nations and a plan to build its headquarters in Puerto Rico. CTWC will monitor the Caribbean, the North Atlantic, the Gulf of Mexico, North America and Central America. The facility will also help to standardize national protocols and procedures in the region to reduce response times.

The Caribbean Tsunami Information Center is planning to open in Barbados to educate local communities on tsunami warnings.

U.S. National Oceanic and Atmospheric Administration, Early Warning System for Central America, UNESCO Intergovernmental Oceanographic Commission, AFP, AP, BBC

Sistema DART II

DART II SYSTEM



Conscientização pública

As agências governamentais e grupos não-governamentais estão promovendo campanhas de conscientização pública para informar os cidadãos sobre os riscos de terremotos e tsunamis, e como se prepararem para tais desastres. Como parte desse esforço, informações de emergência serão divulgadas através dos meios de comunicação, programas escolares e anúncios públicos. As forças militares de toda a região estão treinando para lidarem com catástrofes.

PUBLIC AWARENESS

Government agencies and nongovernmental groups are conducting public awareness campaigns to inform citizens about the risks of earthquakes and tsunamis, as well as how to prepare for them. As part of the effort, emergency information is disseminated through media broadcasts, school programs and public advertisements. Military forces across the region are training to prepare for catastrophes.

TREINO DE EMERGÊNCIA NA COLÔMBIA

Em 2009, a cidade de Tumaco, que fica situada em uma área de risco no litoral do Pacífico colombiano, realizou o seu segundo exercício de simulação para avaliar a sua resposta planejada para terremotos ou tsunamis.

As estações locais de rádio e televisão transmitiram os passos a serem seguidos durante o teste de emergência, assim como as rotas de evacuação da cidade e os locais de segurança para os desabrigados: a zona portuária local, o Aeroporto La Florida, Parque Nariño e a Rua Comércio, bem como campos de futebol locais.

Durante o treino de emergência, mais de 8.000 pessoas de 22 centros educativos foram evacuadas para zonas de segurança.

A simulação foi coordenada por grupos locais e nacionais, incluindo a Comissão Local de Prevenção e Resposta a Desastres, empresas locais, autoridades aeroportuárias e forças militares. O exercício foi apoiado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura.

Banco Interamericano, Sistema Nacional de Atenção e Prevenção de Desastres da Colômbia, Plano Local de Emergência e Contingência, Tumaco

COLOMBIA EMERGENCY DRILL

In 2009, the at-risk Pacific coast town of Tumaco, Colombia, held its second simulation drill to evaluate its planned response to an earthquake or tsunami.

Local radio and television stations broadcast the steps to follow during the emergency drill, along with the city's evacuation routes and safety zones for evacuees: the local port authority, La Florida Airport, Nariño Park and Comercio Street, and local soccer fields.

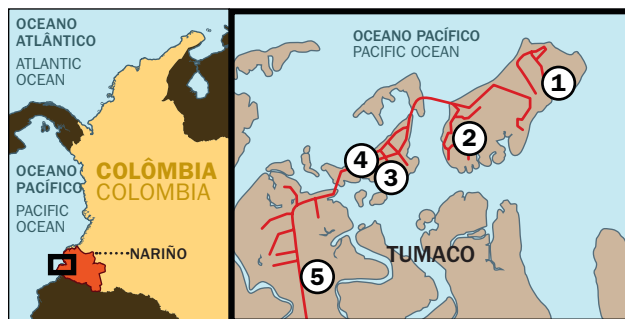
More than 8,000 people from 22 educational centers were evacuated to safety zones during the emergency drill.

The simulation was coordinated by local and national groups, including the Local Committee for Disaster Prevention and Response, local businesses, the airport authority and military forces. Support was provided by the United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization.

Inter-American Bank, Colombian National System for the Prevention and Attention of Disasters, Local Emergency Plan and Contingency, Tumaco

Sites de evacuação

EVACUATION SITES



1. Capitanía do Porto
Port Authority
2. Aeroporto la Florida
Florida Airport
3. Parque Nariño
Nariño Park
4. Rua do Comércio
Comercio Street
5. Campo de Futebol da Escola
Cudadela Tumaco
Cudadela Tumaco Soccer Field

As entidades regionais e internacionais ajudam os países a definir suas necessidades e a compartilhar informações, oportunidades de treinamento e projetos relacionados com programas de gestão de risco.

- Comissão Andina para a Prevenção e Assistência de Desastres caprade.org/caprade/index.php
- Centro de Coordenação para a Prevenção dos Desastres Naturais na América Central www.sica.int/cepredenac/
- Agência Caribenha de Gestão de Emergências de Desastres cdema.org/
- Centro Regional de Informação de Desastres para a América Latina e o Caribe www.crid.or.cr/crid/ing/index_ing.html
- Escritório das Nações Unidas para a Coordenação de Assuntos Humanitários ochaonline.un.org/
- Organização Pan-Americana de Saúde new.paho.org/
- Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional www.usaid.gov/

Regional and international entities assist countries to define needs and to share information, training opportunities and projects related to risk management programs.

- The Andean Committee for Disaster Prevention and Care caprade.org/caprade/index.php
- Central American Coordination Center for the Prevention of Natural Disasters www.sica.int/cepredenac/
- The Caribbean Disaster Emergency Management Agency cdema.org/
- The Regional Disaster Information Center for Latin America and the Caribbean www.crid.or.cr/crid/ing/index_ing.html
- United Nations Office for the Coordination of Humanitarian Affairs ochaonline.un.org/
- The Pan American Health Organization new.paho.org/
- U.S. Agency for International Development www.usaid.gov/

O despreparo financeiro da região para enfrentar catástrofes aumenta as dívidas e amplia o impacto sobre o crescimento a longo prazo. Os programas de resposta a desastres e os esforços de reconstrução exigem a criação de fundos de reserva nacional e a viabilização de seguros e empréstimos a baixo custo.

▶ BÔNUS DE CATÁSTROFE

Criados para reduzir/anular o montante principal da dívida em caso de perdas catastróficas de dimensões.

Programa MultiCat

- Série de bônus flexíveis vinculados a catástrofes
- Desenvolvido pelo Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento
- México foi o primeiro país a utilizar o programa
- US\$290 milhões em títulos emitidos em outubro de 2009
- Oferece três anos de cobertura para terremotos e furacões

▶ LINHAS DE CRÉDITO CONTINGENTE:

Assistência bilateral/internacional sob a forma de subsídios e empréstimos regulares ou preferenciais.

Financiamento contingente

- A principal fonte de recurso financeiro utilizada na região
- Opção diferida de saque para catástrofes
- Oferecido pelo Banco Mundial para a Costa Rica, Colômbia e Guatemala para recuperação de desastres
- Após o terremoto de 6,1 graus na Costa Rica, em janeiro de 2009, o Banco Mundial disponibilizou recursos no prazo de 24 horas da solicitação do governo

▶ SEGURO CONTRA RISCOS DE CATÁSTROFE

Garante o acesso imediato a fundos em caso de desastres naturais.

Fundo de Seguro de Risco de Catástrofes do Caribe

- Doadores internacionais contribuíram para a reserva inicial
- O financiamento depende de suas próprias reservas e de resseguros
- Um pool de risco de nações caribenhas faz com que os países economizem cerca de 40 por cento no pagamento dos prêmios individuais
- Provê a comunidade caribenha com acesso a dinheiro em caso de furação ou terremoto

▶ FUNDOS NACIONAIS

Trata-se de fundos de reserva para desastres naturais que os governos locais, estaduais e federais da Colômbia são legalmente obrigados a destinar do seu orçamento.

Banco Interamericano de Desenvolvimento, Organização dos Estados Americanos, o Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento

FINANCIAL PREPAREDNESS

The region's inadequate financial preparedness for disasters increases debt and magnifies the impact on long-term growth. Disaster response programs and reconstruction efforts require the establishment of national reserve funds and the availability of insurance and low-cost loans.

▶ CATASTROPHE BONDS

Developed to reduce/cancel principal debt amounts in the event of catastrophe losses.

MultiCat Program

- Flexible catastrophe bond series
- Developed by the International Bank for Reconstruction and Development
- Mexico was the first country to use the program
- \$290 million in bonds issued in October 2009
- Provides three years of coverage for earthquakes and hurricanes

▶ CONTINGENT CREDIT LINES

Bilateral/international assistance in the form of grants and loans under standard or preferential conditions.

Contingent financing

- The main financial resource used in the region
- Catastrophe Deferred Drawdown Option
- Offered by the World Bank to Costa Rica, Colombia and Guatemala for disaster recovery
- Following the magnitude 6.1 earthquake in Costa Rica in January 2009, the World Bank provided funds within 24 hours of the government's request

▶ CATASTROPHE RISK INSURANCE

Guarantees immediate access to funds when natural disasters strike.

Caribbean Catastrophe Risk Insurance Facility

- International donors contributed to initial reserves
- Relies on its own reserves and reinsurance to finance itself
- Risk-pool of Caribbean nations saves the countries approximately 40 percent in individual premium payments
- Provides the Caribbean Community access to cash if hit by a hurricane or earthquake

▶ NATIONAL FUNDS

Natural disaster reserve funds that the local, state and federal governments of Colombia are legally obligated to earmark from their budgets

Inter-American Development Bank, Organization of American States, the International Bank for Reconstruction and Development



GUARDA NACIONAL DO NOVO MÉXICO



JOSÉ SAEZ

Forças aliadas treinam para enfrentar **DESASTRES**

Exercício prepara os EUA e seus parceiros da América Central e Caribe para responderem de forma rápida e eficiente a catástrofes naturais

DIÁLOGO

Por mais de uma década, o Comando Sul dos EUA tem patrocinado o exercício multinacional Forças Aliadas Humanitárias (Humanitarian Allied Forces), conhecido por FAHUM, visando melhorar o modo como as agências civis, governamentais e militares dos EUA, Caribe e América Central respondem aos desastres naturais na região.

No passado, o FAHUM — que geralmente acontece antes do início da temporada de furacão no Atlântico — era um exercício simulado no qual os participantes aperfeiçoavam suas habilidades e trocavam informação. Em 2009, FAHUM passou a ser um conjunto de exercícios táticos através dos quais se adquire experiência diretamente de cenários simulados de ajuda a desastres.

Suas sessões de prática incluíram simulações de um terremoto em Antígua e Barbados, um tsunami em Granada, inundações e missões de busca e salvamento no litoral da Costa Rica, e deslizamentos massivos causados por inundações torrenciais em Honduras. Durante esses exercícios de simulação, que poderão ser aplicados em situações reais no Caribe e América Central, os participantes e residentes locais trabalharam juntamente com especialistas de países vizinhos aprendendo como agir em casos de desastres naturais.

Nos últimos anos, o Caribe e a América Central têm sido castigados por desastres naturais como furacões, deslizamentos de terras e terremotos. Em 1998, a América Central foi devastada pelo furacão Mitch, que assolou Honduras e despejou pesadas chuvas nos países vizinhos provocando várias inundações.

Nas semanas que antecederam o Mitch, os países participantes do FAHUM praticaram e discutiram medidas organizacionais de assistência humanitária e cenários de ajuda a desastres. Eles trocaram informações com agências governamentais, organizações não-governamentais locais e organizações privadas, procurando assim aumentar suas capacidades de responder efetivamente às consequências de um furacão.

Apesar do exercício se concentrar no Caribe e América Central, o FAHUM contou com a participação de observadores da Conferência dos Exércitos Americanos. Entre eles, estiveram presentes representantes da Argentina, Bolívia, Chile e Canadá.

O Coronel Rodrigo Grunert, observador do exército chileno, agradeceu a oportunidade de participar do FAHUM 2009 e ressaltou que os desafios de cada país são extraordinariamente semelhantes. “Ao compartilhar experiências e desenvolver exercícios de simulação, estaremos bem mais preparados para enfrentar situações futuras de emergência e desastres”, declarou o Coronel Grunert. **D**

Soldados da Guarda Nacional do Novo México descarregam um helicóptero Black Hawk de um avião C-17 da Força Aérea americana após sua chegada na Costa Rica para ser usado em um treinamento de busca e salvamento durante o FAHUM 2009.

Soldiers from the New Mexico National Guard offload a Black Hawk helicopter from a U.S. Air Force C-17 after its arrival in Costa Rica for use in search and rescue training during FAHUM 2009.

Americano e de nações parceiras da América Central e Caribe conduzem uma evacuação médica durante um treinamento do FAHUM 2009.

Personnel from the U.S. Army and partner nations in Central America and the Caribbean conduct medical evacuation training during FAHUM 2009.



TECH. SGT. WILLIAM FARROW/U.S. AIR FORCE

Allied forces train for

DISASTER

Exercise prepares U.S. and partners from Central America and the Caribbean to respond swiftly and efficiently to natural catastrophes

DIÁLOGO

For more than a decade, U.S. Southern Command has sponsored the multinational exercise Fuerzas Aliadas Humanitarias (Humanitarian Allied Forces), known as FAHUM, which concentrates on improving how civilian, government and military agencies from the United States, the Caribbean and Central America respond to natural disasters in the region.

In the past, FAHUM — typically held before the start of the Atlantic hurricane season — was a tabletop exercise in which participants sharpened their skills and exchanged information. In 2009, FAHUM switched to tactical exercises providing direct experience with disaster relief scenarios.

Practice sessions included simulations of an earthquake in Antigua and Barbuda, a tsunami in Grenada, flooding and search and rescue missions in coastal areas in Costa Rica and massive mudslides caused by flash floods in Honduras. Working together with disaster assistance experts from neighboring countries, participants and locals learned how to respond to natural disasters during these simulation exercises that have real-life applications throughout the Caribbean and Central America.

In recent years, the Caribbean and Central America have been hit by natural disasters such as hurricanes, mudslides and earthquakes. In 1998, Central America was ravaged by

Hurricane Mitch, with Honduras bearing the brunt of the impact while neighboring countries received large amounts of rainfall that led to extensive flooding.

In the weeks leading up to Hurricane Mitch, countries participating in FAHUM practiced and discussed organizational capabilities in humanitarian assistance and disaster relief scenarios, sharing information among government agencies, local nongovernmental organizations and private organizations to increase the ability to respond effectively after the hurricane.

Although the exercise concentrates on Central America and the Caribbean, observers from the Conference of American Armies have taken part in FAHUM, including representatives from Argentina, Bolivia, Chile and Canada.

Col. Rodrigo Grunert, a conference observer from the Chilean Army, said he was grateful for the opportunity to participate in FAHUM 2009, and described the challenges in each country as being remarkably similar. “By sharing experiences and developing simulation exercises, we are better able to confront future emergencies and disasters,” Col. Grunert said. **Ⓛ**

A capitã do exército americano Sarah Williams e o Sargento Técnico da Força Aérea americana Mike Vaughn montam uma unidade de campo de vídeo-teleconferência durante um exercício do FAHUM 2008 na Base aérea de Comalapa, El Salvador.

U.S. Army Capt. Sarah Williams and U.S. Air Force Tech. Sgt. Mike Vaughn set up a field video teleconferencing unit during a FAHUM 2008 exercise at Comalapa Air Base, El Salvador.

Ayuda após terremoto no CHILE

Militares ajudam compatriotas

DIÁLOGO

Poucos dias depois de um terremoto de grande impacto atingir o Haiti, outro de intensidade 8,8 sacudiu o Chile. A então Presidente do país, Michelle Bachelet pediu à população para manter a calma e conservar mantimentos, água e eletricidade, enquanto o governo tentava restabelecer a ordem. O governo chileno chamou as Forças Armadas para proporcionar ajuda vital, e essa operação ficou a cargo do General Cristián Le Dantec, Comandante-em-chefe do Comando Conjunto das Forças Armadas do Chile. Nesta entrevista exclusiva concedida à revista *Diálogo* semanas após o desastre natural ter matado centenas de seus compatriotas, o General Le Dantec fala sobre o papel crucial exercido pelas Forças Armadas do Chile e dos esforços de ajuda que se seguiram à catástrofe.



ASSOCIATED PRESS



Um prédio em Concepción, Chile, foi destruído pelo terremoto de magnitude 8,8 que atingiu o país em 27 de fevereiro de 2010.

A building in Concepción, Chile, was destroyed by the magnitude 8.8 earthquake that struck the country on February 27, 2010.



Integrantes das Forças Armadas chilenas carregam caixas com suprimentos de ajuda em um avião de transporte.

Members of the Chilean armed forces load pallets of relief supplies onto a transport jet.

ESTADO MAIOR CONJUNTO DO CHILE

DIÁLOGO: Quais foram as medidas específicas tomadas pelas Forças Armadas para enfrentar a situação e levar ajuda à população após o terremoto?

General Cristián Le Dantec: As Forças Armadas chilenas fazem parte do Plano Nacional de Proteção Civil, desenvolvido pelo Ministério do Interior como parte da capacidade nacional para enfrentar situações de catástrofe. As primeiras medidas adotadas pelas Forças Armadas foram apoiar as regiões afetadas com as capacidades disponíveis, avaliar os danos e fazer um levantamento rápido da situação para o governo.

As capacidades de transporte terrestre, aéreo e naval das Forças Armadas foram postas à disposição do governo, juntamente com a Oficina Nacional de Emergências, para transportar até as zonas afetadas o que fosse necessário para satisfazer as necessidades básicas da população e atender às situações de emergências nos hospitais e entre os feridos.

Devido à situação de ordem pública em algumas cidades, as autoridades políticas decidiram que as Forças Armadas assumiriam o controle militar de três zonas declaradas desastre, para promover um ambiente seguro e estável além de garantir a segurança pública para a população atingida.

Os escritórios das zonas do estado de emergência assumiram o controle de três das 16 regiões do país que representam quase 50 por cento da população nacional, delegando e conduzindo as tarefas de

resgate, restabelecendo os serviços básicos (luz, água e comunicações), e distribuindo ajuda humanitária, tanto nacional como internacional, com a finalidade de garantir alimentos e abrigo às vítimas.

Após atingir a estabilidade necessária, as Forças Armadas ficaram encarregadas da tarefa de manter um fluxo constante na distribuição de alimentos para toda a população afetada nas três regiões, bem como cuidar para que todos fossem abrigados. Depois de um mês, em 31 de março deste ano, as Forças Armadas restituíram às autoridades civis e de ordem e segurança as funções que vinham executando em virtude da declaração de estado de emergência, tais como: segurança pública, serviços básicos, distribuição e confecção de cestas de alimentos para as famílias, restabelecimento dos serviços públicos e o reinício do ano escolar.

DIÁLOGO: Quais foram as prioridades estabelecidas pelo governo e pelas Forças Armadas nos primeiros dias depois do terremoto, e quais são as prioridades para a reconstrução do país depois da catástrofe?

General Le Dantec: Primeiramente, e em virtude do decreto do estado de emergência, as Forças Armadas se dedicaram ao resgate e ajuda humanitária, além de realizarem uma avaliação da situação que permitisse tomar as decisões adequadas para enfrentar a situação de emergência.

Logo depois, veio o restabelecimento e a garantia da ordem pública. Com isso, foi possível realizar uma distribuição adequada e proceder com a ajuda humanitária. Em seguida foram restabelecidos os serviços públicos. Outra medida foram os hospitais de campanha montados nas duas regiões mais atingidas, que continuam funcionando devido ao desmoronamento dos hospitais locais. Simultaneamente, foram distribuídos para a população elementos básicos como barracas, cobertores e alimentos.

Na etapa da reconstrução, as Forças Armadas darão apoio, em termos de transporte, capacidade técnica e força de trabalho, às tarefas que as autoridades considerem necessárias: limpeza dos escombros, reconstrução das casas, estradas, pontes, hospitais, escolas, etc.

DIÁLOGO: Como as Forças Armadas chilenas foram recebidas pela população?

General Le Dantec: Segundo pesquisas públicas, as Forças Armadas do Chile, já há algum tempo, são consideradas muito valiosas. Sua atual função de apoiar a reconstrução nacional conforme foi estabelecida pelo governo é altamente valorizada pelas comunidades e pela população em geral. Declarar um estado de exceção constitucional ou estado de emergência foi uma decisão política baseada na análise da situação, e também a pedido dos chilenos.

A população pedia a presença das Forças Armadas, inicialmente para a segurança pública, e sua chegada foi muito bem recebida em toda parte. Assim, foi possível levar alimentos, assistência médica e ajuda a lugares que ficaram muito isolados, inclusive territórios insulares muito atingidos. Uma vez mais ficou confirmado que as Forças Armadas pertencem a todos os chilenos.

DIÁLOGO: Como se estabeleceu a cooperação entre as Forças chilenas e os contingentes de ajuda enviados por outros países, além das outras Forças Armadas?

General Le Dantec: A cooperação foi feita principalmente através

do Estado Maior Conjunto e dos contingentes de saúde pública, de resgate e outros, que se integraram harmoniosamente aos postos militares regionais que coordenaram as contribuições designando oficiais de ligação, organizando apoio logístico sempre que necessário, e proporcionando segurança para as instalações.

DIÁLOGO: Quais foram as lições aprendidas com essa crise que poderão servir para outros países que tenham que enfrentar danos causados por desastres naturais em seus territórios?

General Le Dantec: O colapso do sistema de energia, como consequência do terremoto, alterou a vida das pessoas ao deixar sem condições de funcionamento os sistemas que permitem atividades básicas, como o comércio, bancos, postos de gasolina, telecomunicações; as baterias das antenas foram se esgotando deixando os telefones celulares sem serviço, etc. Isso tudo deve ser bem analisado a fim de fortalecer o sistema de transmissão elétrica, já que os sistemas de produção estavam em boas condições.

Além disso, o restabelecimento dos serviços básicos, dada a magnitude do desastre, foi lento e difícil, já que foi preciso revisar todo o sistema de transmissão em uma área de 700 por 150 quilômetros. Outra experiência significativa relativa ao planejamento foi comprovar que quanto mais descentralizado for o nível de tomada de decisões em casos como esse, mais oportunas e eficazes elas serão.

DIÁLOGO: Como evoluíram as Forças Armadas chilenas nas últimas décadas, e quais são os novos papéis desempenhados pelas Forças Armadas em seu atual contexto?

General Le Dantec: Os papéis das Forças Armadas foram estabelecidos pela Constituição de 1980. A Lei do Estado de Exceção de 1985 estabelece claramente as funções em caso de estado de emergência declarado pelo governo, quando as Forças Armadas assumem o controle da ordem pública e a autoridade militar designada assume

o controle de todas as atividades subordinadas ao Estado.

Nesse caso, a situação de emergência durou 30 dias, ao término dos quais foi restabelecida a autoridade civil e as Forças Armadas retornaram às suas atividades, oferecendo apoio humanitário e de reconstrução para a população.

Sem dúvida, a participação ativa dos contingentes nacionais nas operações de paz das Nações Unidas facilitou o desempenho das forças militares no controle da ordem pública, demonstrando-se com isso que o contato com forças de outros países cooperou para a evolução das nossas forças, tornando-as mais interoperáveis, polivalentes e multidisciplinares, podendo enfrentar as obrigações a elas delegadas pela ordem legal do Estado. ①



ESTADO MAIOR CONJUNTO DO CHILE

Um soldado chileno entrega suprimentos de ajuda para uma vítima do terremoto.

A Chilean Soldier hands relief supplies to an earthquake victim.

Post-Quake Relief in CHILE

Military comes to aid of fellow citizens

DIÁLOGO

More than a month after a major earthquake struck Haiti, a magnitude 8.8 quake struck Chile. Then-President Michelle Bachelet urged the people of her country to remain calm and conserve food, water and electricity as the government worked to restore order. The Chilean government called on the Armed Forces to provide vital relief support, with the entire operation placed under the responsibility of Gen. Cristián Le Dantec, chairman of the Joint Chiefs of Staff of the Chilean armed forces. In this exclusive interview with *Diálogo*, conducted a few weeks after the natural disaster killed hundreds of his countrymen, Gen. Le Dantec talked about the crucial role played by the Chilean Armed Forces and the extent of relief efforts undertaken.

DIÁLOGO: What were the specific measures developed by the armed forces to confront the situation and provide help to the population after the earthquake?

Gen. Cristián Le Dantec: The Chilean armed forces are part of the National Civil Protection Plan developed by the Interior Ministry, forming part of the national capacity to confront catastrophic situations. The first actions taken by the armed forces were to provide support with the capacities available in the affected regions in order to assess the situation and set up a rapid evaluation for the government.

The armed forces' land, air, and naval transport capabilities were put at the disposal of the government, together with the National Emergency Office, in order to transport to the affected regions what was needed to meet the basic needs of the people and respond to the emergency situations in the hospitals and among the injured.

Following the decision of the political authorities and in light of the public-order situation that existed in some cities, the armed forces assumed military control of the three declared disaster zones in order to provide a secure and stable environment and guarantee public safety for the affected population.

The state-of-emergency zone headquarters proceeded to take control of three of the country's 16 regions, which includes almost 50 percent of the national population, turning their efforts to the tasks of rescue, re-establishment of basic services [electricity, water, and communications], and distribution of both domestic and international humanitarian aid, to ensure that the individuals affected had food and shelter.

After achieving priority stabilization, the armed forces were assigned the task of maintaining a constant flow of food distribution for the entire affected population in the three regions, as well as that of finding shelter for all. After a month, on March 31 of this year, the armed forces returned to the civil authorities and to the law-

enforcement and security forces the functions they were exercising in virtue of the state-of-emergency decree: public safety, basic services, distribution and preparation of food boxes for families, re-establishment of public services, and resumption of the school year.

DIÁLOGO: What were the priorities established by the government and the armed forces in the first few days after the earthquake, and what are the priorities for rebuilding the country after the disaster?

Gen. Le Dantec: The first thing, and in virtue of the state-of-emergency decree, was that the armed forces turned their efforts to rescue and humanitarian aid, together with an assessment of the situation that would make it possible to make the appropriate decisions in order to confront the emergency.

After that came re-establishing and guaranteeing public order. This additionally made it possible to achieve the adequate distribution and needed coverage of humanitarian aid. Following that, public services were restored. Another step was the field hospitals deployed in the two most affected regions, which continue to function in light of the collapse of the base hospitals. At the same time, basic items like tents, blankets and food were distributed to the population.

In the rebuilding stage, the armed forces will provide support in terms of transport, technical capability and labor force in the tasks that the authorities deem necessary: clearing away rubble, rebuilding houses, roads, bridges, hospitals, schools, etc.

DIÁLOGO: How were the Chilean armed forces received by the population?

Gen. Le Dantec: The Chilean armed forces have for some time been rated very highly in public opinion polls. At the moment, their function, established by the government, of supporting national reconstruction is highly valued by the communities and the population in general. Declaring a state of constitutional exception or a state of emergency was a political decision based on analysis of the situation and also based on the request of the Chilean people.

The population requested the presence of the armed forces initially out of concerns over public safety, for which their arrival was very well received everywhere. Likewise, they succeeded in bringing food, medical assistance and resources to places that had been left very isolated, even island territories that were severely affected. Once again, it has been possible to confirm that the armed forces belong to all Chileans.

DIÁLOGO: How was cooperation established between the Chilean armed forces and the aid contingents sent by other countries and other armed forces?

Gen. Le Dantec: Cooperation was smoothly established through the Joint General Staff, and the health, rescue, and other contingents were harmoniously integrated into the regional military headquarters, which coordinated their contributions, designating liaison officers and arranging logistical support when needed and security for their installations.

DIÁLOGO: What lessons were learned from this crisis that might be useful for other countries that have to confront the damage caused by natural disasters on their territories?

Gen. Le Dantec: The collapse of the energy system, a result of the



ESTADO MAIOR CONJUNTO DO CHILE

Soldados chilenos ajudam a construir abrigos temporários para as vítimas do terremoto.

Chilean Soldiers help build temporary shelters for earthquake victims.


earthquake, altered people's way of living, since the systems that enable basic activities were left unable to function; basic activities like commerce, banks, service stations, telecommunications that drained the batteries of antennas, leaving cell phones without service, etc. This should be properly studied in order to appropriately strengthen the system for transmitting electricity, since the production systems were in good condition.

In addition, the re-establishment of basic services, given the magnitude of the disaster, was slow and difficult, since the entire transmission system had to be inspected in an area 700 kilometers long and 150 kilometers wide. Another significant lesson with regard to planning was the confirmation that the more decentralized decision-making is made in these cases, the more timely and effective those decisions are.

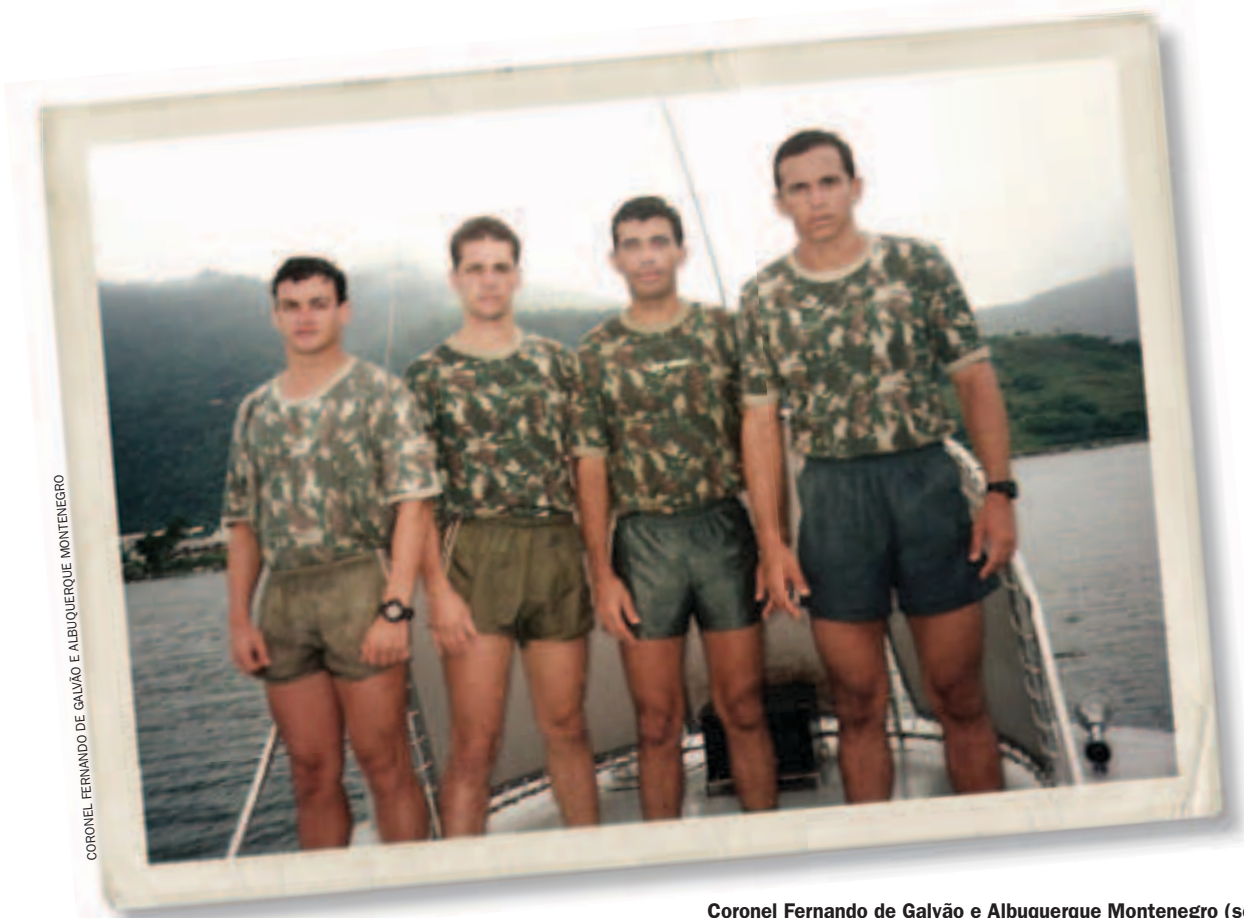
DIÁLOGO: How have the Chilean armed forces evolved in recent decades, and what are the new roles performed by the armed forces in the current context?

Gen. Le Dantec: The roles of the armed forces are established in the 1980 Constitution. The 1985 State of Emergency Act clearly establishes what their functions are in the event that the government declares a state of emergency in which the armed forces assume control of public order and the designated military authority assumes control of all subordinate government activities.

In this case, the situation lasted 30 days, at the end of which civil authority was re-established and the armed forces returned to their activities of providing humanitarian and reconstruction aid to the population.

Undoubtedly, the active participation of national contingents in United Nations peacekeeping operations facilitated the use of the military to maintain public order, demonstrating that contact with forces from other countries has contributed to our forces' evolution, making them more interoperable, polyvalent and multidisciplinary, able to take on the obligations assigned to them under the national law. 

Perdendo um companheiro e um amigo



CORONEL FERNANDO DE GALVÃO E ALBUQUERQUE MONTENEGRO

Coronel Fernando de Galvão e Albuquerque Montenegro (segundo a esquerda) praticando mergulho com cilindro com Emílio Carlos Torres dos Santos (terceiro a esquerda), em 1996 na Academia Naval Brasileira.

Um militar brasileiro recorda o Coronel Emílio Carlos Torres dos Santos, que morreu no Haiti no terremoto

DIÁLOGO

Nota do Editor: O Coronel Emílio Carlos Torres dos Santos foi promovido a General após sua morte.

Ser escolhido para participar de missões de paz no exterior é considerado uma distinção para os militares de países latino-americanos. Os casos de morte são raros nestas situações. Com o terremoto que devastou o Haiti no dia 12 de janeiro, isso mudou. O Brasil, que há quase seis anos lidera a missão de paz no Haiti, contava com mais de 1.200 militares no país no momento da tragédia. Dezoito deles não sobreviveram.

Para falar do drama que é para um militar perder um amigo, a revista *Diálogo* conversou com o Coronel Fernando de Galvão e Albuquerque Montenegro, Chefe da Divisão de Ensino do Centro de Instrução de Guerra na Selva em Manaus. Um de seus melhores amigos, o Coronel Emílio Carlos Torres dos Santos, casado, 2 filhas, dedicou sua vida a salvar a de outros e acabou morrendo durante o terremoto.

Lt. Col. Fernando de Galvão e Albuquerque Montenegro, second from left, trained in scuba diving with Emilio Carlos Torres dos Santos, third from left, in 1996 at the Brazilian Naval Academy.

Losing a Comrade and a Friend

A Brazilian Soldier remembers Col. Emilio Carlos Torres dos Santos, who died in Haiti's quake

Editor's note: Col. Emilio Carlos Torres dos Santos was promoted to major general after his death.

To be selected to participate in peace missions abroad is considered a distinction among Latin American military personnel. Deaths are rare in these situations. The earthquake that devastated Haiti on January 12 changed that. Brazil, which has led the peace mission in Haiti for almost six years, had more than 1,200 military personnel in the country at the time of the tragedy. Eighteen Brazilian Soldiers did not survive.

To discuss what it means for a member of the military to lose a friend, *Diálogo* spoke with Lt. Col. Fernando de Galvão e

DIÁLOGO: Há quantos anos o senhor e o Coronel Emilio eram amigos e como se conheceram?

Coronel Fernando de Galvão e Albuquerque

Montenegro: Ele foi meu contemporâneo no Colégio Militar do Rio de Janeiro, em 1977, mas a nossa amizade se fortaleceu quando frequentamos juntos a Academia Militar das Agulhas Negras. O Coronel Emílio era da infantaria e também atleta (equipe de pólo aquático) como eu, ou seja, foi uma amizade de mais de 30 anos e era uma pessoa pela qual eu nutria uma enorme admiração.

DIÁLOGO: Como soube da morte dele?

Coronel Montenegro: Eu estava no Rio de Janeiro e me encontrei com outros companheiros na Escola de Educação Física do Exército, alguns dos quais se preparavam para ir para o Haiti. Foram eles que me deram a notícia em primeira mão. Foi um choque para mim.

DIÁLOGO: Obviamente, a perda de um amigo próximo é muito dolorosa. Há algum alívio saber que ele morreu desempenhando uma função tão nobre?

Coronel Montenegro: É, sem dúvida um alento. Nós participamos juntos do Batalhão de Forças Especiais por muito tempo e fazíamos várias atividades de alto risco, desde a parte de atuação na faixa da fronteira contra as FARC [Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia], até mesmo a parte de paraquedismo, salto livre de grandes altitudes, onde tem-se de realizar o salto usando equipamento de oxigênio, e também mergulho em áreas onde a visibilidade é zero. No entanto, nunca esperamos perder uma pessoa assim tão próxima e que está tão acostumada a lidar com o perigo.

DIÁLOGO: Do que mais o senhor vai sentir falta do convívio com o Coronel Emílio?

Coronel Montenegro: A sensação de perda é muito intensa, porque eu o conhecia muito bem. Era um profissional altamente sério e qualificado. Era um idealista. Acreditava muito no que fazia. Tinha uma dedicação até era acima do normal. Ele tinha tanta experiência que foi designado comandante (2007-2008) do 26º Batalhão de Infantaria Paraquedista, uma das unidades de pronto-emprego mais importantes da nossa Força Terrestre. Ele já estava participando da missão brasileira no Haiti, sendo que agora ele era uma espécie de braço direito do Comandante da MINUSTAH.

DIÁLOGO: O senhor tem informação do momento da morte dele?

Coronel Montenegro: Ele estava conduzindo uma reunião importante da MINUSTAH dentro do prédio da ONU. Quando sentiu os primeiros tremores, saiu correndo como os demais, procurando um caminho para a rua. Ele foi encontrado próximo à saída do edifício, ou seja, não se salvou por questão de segundos. Um outro companheiro, o Tenente Coronel Alexandre Santos, estava perto dele, sob os escombros, com as pernas presas, mas conseguiu sair com vida depois de um resgate que durou mais de 4 horas. ①

Albuquerque Montenegro, the head of the Education Department of the Center for Jungle Warfare Instruction (Centro de Instrução de Guerra na Selva) in Manaus, Brazil. His close friend, Col. Emilio Carlos Torres dos Santos — married, with two daughters — dedicated his life to saving the lives of others, and perished in the quake.

DIÁLOGO: How many years had you and Col. Emilio been friends, and how did you meet each other?

Lt. Col. Fernando de Galvão e Albuquerque

Montenegro: He was in my class in the military academy in Rio de Janeiro in 1977, but our friendship strengthened when we both went to the Military Academy of Agulhas Negras. Col. Emilio belonged to the infantry like me and also like me, was an athlete with the water polo team. It was a friendship of over 30 years, and he was a person whom I admired enormously.

DIÁLOGO: How did you learn of his death?

Lt. Col. Montenegro: I was in Rio de Janeiro and met other comrades at the Army School of Physical Education, some of whom were getting ready to go to Haiti. They were the ones to break the news to me. It was a shock.

DIÁLOGO: The loss of a close friend is very painful. Is there any comfort in knowing he died while performing such a noble function?

Lt. Col. Montenegro: It is undoubtedly comforting. We participated together in the Special Forces Battalion for a long time and performed various high-risk activities, from actions along the border against the Colombian FARC [Revolutionary Armed Forces of Colombia], to parachuting, free fall from high altitudes, where the use of oxygen tanks is required during the jump, and also diving in zero-visibility areas. However, we never expected to lose someone so close and so used to dealing with danger.

DIÁLOGO: What are you going to miss the most about your companionship with Col. Emilio?

Lt. Col. Montenegro: The feeling of loss is very intense, because I knew him very well. He was a very serious and qualified professional. He was an idealist. He believed strongly in what he did. He had an above-average dedication to his military career. He was so experienced that he was designated commander [2007-2008] of the 26th Battalion of Parachute Infantry, one of the most important ready-response units in our Army. It was his second time participating in the Brazilian mission in Haiti, this time as the MINUSTAH commander's right-hand man.

DIÁLOGO: Do you have any information about the moment of his death?

Col. Montenegro: He was conducting an important MINUSTAH meeting inside the United Nations compound. When he felt the first tremors, he ran with the others, looking for a way out. He was found near the building's exit, so it was a matter of seconds that he didn't make it. Another comrade, Lt. Col. Alexandre Santos, was near him, under the debris, with his legs caught, but he survived after a rescue that took over four hours. ①

IN MEMORIAM

ONU de luto por funcionários mortos no Haiti

Abaixo está uma lista com os nomes dos homens e mulheres do mundo inteiro que estavam a serviço da paz junto à Missão de Estabilização das Nações Unidas no Haiti e acabaram morrendo no terremoto de 12 de janeiro de 2010. O Coronel Kenneth Bourland do Comando Sul dos Estados Unidos, que estava no Haiti no momento da tragédia participando de reuniões oficiais com seus homólogos haitianos da área de defesa, também morreu no terremoto. A contribuição desses homens e mulheres jamais será esquecida.

Margareth Alexandre (Haiti)
Assistente Administrativa,
Banco Mundial
*Administrative Assistant,
World Bank*

Cabo Raed Faraj Alkhaldeh
(Jordânia)

Major Ata Issa Almanasir
(Jordânia)

Lionel Amar (França)
Policial da ONU
U.N. Police

Terceiro-sargento Antônio José Anacleto (Brasil)

Hédi Annabi (Tunísia)
Representante Especial do
Secretário-Geral e Chefe
da Missão
*Special Representative of
the Secretary-General and
Head of Mission*

Pierrena Annilus (Haiti)
Assistente Administrativa
Administrative Assistant

Mesonne Antoine (Haiti)
Agente de Segurança
Security Guard

Sargento Janice Dorado Arcocena (Filipinas)

Mamadou Bah (França)
Oficial de Informação Pública
Public Information Officer

Nicole Lola Bahaya
(República Democrática
do Congo)
Voluntária da ONU
U.N. Volunteer

Ann Barnes (Reino Unido)
Assistente Pessoal para o
Comissário de Polícia
*Personal Assistant to the
Police Commissioner*

Subtenente Raniel Batista de Camargos (Brasil)

Jerry Bazile (Haiti)
Intérprete
Interpreter

Mario Bazile (Haiti)
Assistente de Informação
Pública
Public Information Assistant

Parnel Beauvoir (Haiti)
Oficial de Informação Pública
Public Information Officer

Boucif Belhachemi
(Argélia e Canadá)
Banco Mundial
World Bank

Sargento Eustacio Cajucom Bermudez Jr. (Filipinas)

Farah Boereau (Haiti)
Intérprete
Interpreter

Kai Buchholz (Alemanha)
Assistente Especial do
Representante Especial
Adjunto do Secretário-Geral
*Special Assistant to the
Principal Deputy Special
Representative of the
Secretary-General*

Cheick Boundou Camara
(Guiné)
Policial da ONU
U.N. Police

Chrystel Cancel (França)
Banco Mundial
World Bank

U.N. mourns staff members killed in Haiti

Below is a list of the men and women from around the world who were on a mission of peace, stationed with the United Nations Stabilization Mission in Haiti, and died in the January 12, 2010, earthquake. Lt. Col. Kenneth Bourland from the United States Southern Command, who was in Haiti for official meetings with Haitian defense counterparts at the time of the tragedy, also died in the quake. Their service will not be forgotten.

Renée Carrier (Canadá)
Assistente Pessoal do
Representante Especial
*Personal Assistant to the
Special Representative*

Primeiro-sargento Leonardo de Castro Carvalho (Brasil)

María Antonieta Castillo Santa María (México)
Assistente Administrativa
Administrative Assistant

Ericka Chambers Norman
(EUA)
Oficial da Comissão
de Inquérito
Board of Inquiry Officer

Douglas Coates (Canadá)
Comissário de Polícia Interino
Acting Police Commissioner

James Coates (Canadá)
Assistente Administrativa
Administrative Assistant

Mamadi Conde (Guiné)
Voluntária da ONU
U.N. Volunteer

Cecilia Corneo (Itália)
Oficial de Projetos
Program Officer

Luiz Carlos da Costa (Brasil)
Representante Especial
Adjunto da ONU no Haiti
*Deputy Special
Representative to Haiti*

Rosa Crespo-Biel (Espanha)
Policial da ONU
U.N. Police

Junior Délinois (Haiti)
Professor de Idiomas
Language Teacher

Terceiro-sargento Tiago Anaya Detimermani (Brasil)

Philippe Dewez (Bélgica)
Assessor Especial
Special Advisor

Varnel Dimanche (Haiti)
Assistente Linguístico
Language Assistant

Alexandra Duguay (Canadá)
Assistente de Informação
Pública
Public Information Assistant

Dede Yebovi Fadairo (Nigéria)
Oficial Encarregado de
Relatórios
*Associate Report
Writing Officer*

Cabo Ari Dirceu Fernandes Júnior (Brasil)

Mark Gallagher (Canadá)
Policial da ONU
U.N. Police

Guido Galli (Itália)
Oficial Sênior de
Assuntos Políticos
Senior Political Affairs Officer

Gerthy Germain (Haiti)
Zelador
Janitor

Gustavo Ariel Gómez
(Argentina)
Policial da ONU
U.N. Police

Terceiro-sargento Felipe Gonçalves Júlio (Brasil)

Andrew Grene (EUA)
Assistente Especial do
Representante Especial
*Special Assistant to the
Special Representative*

Tenente-coronel Márcio Guimarães Martins (Brasil)

Jan Olaf Hausotter
(Alemanha)
Oficial de Assuntos Políticos
Political Affairs Officer

He Zhihong (China)
Policia da ONU
U.N. Police

Karimou Ide (Níger)
Agente de Segurança
Security Officer

Salifou Imorou (Benin)
Policia da ONU
U.N. Police

Major Ashraf Ali Mohammad Jayousi (Jordânia)

Stevenson Jean-Louis (Haiti)
Motorista
Driver

Marie Renée Joseph (Haiti)
Agente de Segurança
Security Guard

Frantoumani Kourouma
(Guiné) Policia da ONU
U.N. Police

Batipa Agnes Koura (Benin)
Policia da ONU
U.N. Police

Jean-Philippe Laberge
(Canadá)
Oficial de Coordenação
Civil-Militar
*Civil-Military Coordination
Officer*

Rachelle Laime (Haiti)
Agente de Segurança
Security Guard

Yves Mery Bertline Laroque
(Haiti) Programa Mundial
de Alimentos
World Food Programme

Laurent Le Briero (França)
Policia da ONU
U.N. Police

Gerard Le Chevallier
(El Salvador)
Chefe de Assuntos Políticos
e Planejamento
*Chief, Political Affairs and
Planning Section*

Li Qin (China)
Policia da ONU
U.N. Police

Bhojraj Luchmun
(Ilhas Maurício)
Programa de Desenvolvimento
da ONU
U.N. Development Programme

Watanga “Didier” Lwango
(República Democrática
do Congo)
Assistente de Auditoria
Audit Assistant

Coronel Marcus Vinicius Macedo Cysneiros (Brasil)

Isa Mairigia (Níger)
Policia da ONU
U.N. Police

Tenente-Coronel Gonzalo Daniel Martirene Ruibal
(Uruguai)

Lisa Mbele-Mbong (EUA)
Oficial de Direitos Humanos
Human Rights Officer

Riquet Michel (Haiti)
Produtor de Rádio
Radio Producer

Hebert Moise (Haiti)
Motorista
Driver

Josseline Nguekeu
(Camarões)
Assistente Administrativa
Administrative Assistant

Cleiton Neiva (Brasil)
Oficial de Segurança
Associate Security Officer

Nivah Odwori (Quênia)
Voluntário da ONU,
Coordenador do Distrito
Eleitoral
*U.N. Volunteer, Electoral
District Coordinator*

Affis Okoro (Benin)
Policia da ONU
U.N. Police

Tadia Roger Onadja
(Burkina Faso)
Policia da ONU
U.N. Police

Sargento Pearlle Taub Panangui (Filipinas)

Terceiro-sargento Douglas Pedrotti Neckel (Brasil)

Frednel Pierre (Haiti)
Pedreiro
Mason

Ronald Pierre (Haiti)
Motorista da Seção de
Assuntos Políticos
*Driver for Political Affairs
Section*

Marc Plum (França)
Chefe da Seção de
Assistência Eleitoral
*Chief, Electoral Assistance
Section*

Primeiro-Sargento Davi Ramos de Lima (Brasil)

Capitão Bruno Ribeiro Mário (Brasil)

Mirna Patrícia Rodas Arreola
(Guatemala)
Assistente Administrativa
Administrative Assistant

Philippe Charles Claude Rouzier (Haiti)
Oficial de Assuntos Cívicos
Civil Affairs Officer

Stanley Sainte Rose (Haiti)
Motorista da Seção de
Assuntos Políticos
*Driver for Political Affairs
Section*

Guillaume Siemienski
(Canadá)
Oficial de Assuntos Políticos
Political Affairs Officer

Terceiro-sargento Rodrigo Augusto da Silva (Brasil)

Terceiro-sargento Kleber da Silva Santos (Brasil)

Satnam Singh (Índia)
Técnico de TI, Contratante
Internacional (Trigyn
Technologies, Inc)
*IT Technician, International
Contractor
(Trigyn Technologies Inc.)*

Segundo-sargento Rodrigo de Souza Lima (Brasil)

Terceiro-sargento Washington Luis de Souza Seraphim (Brasil)

Adamou Biga Souley (Níger)
Policia da ONU
U.N. Police

Major-general Emílio Carlos Torres dos Santos (Brasil)

Simone Rita Trudo (França)
Assistente Pessoal do
Representante Especial
Adjunto do Secretário-Geral
*Personal Assistant to the
Principal Deputy Special
Representative of the
Secretary-General*

Nicole Valenta (Alemanha)
Oficial de Melhores Práticas
Best Practices Officer

Andrea Loi Valenzuela (Chile)
Oficial de Direitos Humanos
Human Rights Officer

Coronel Francisco Adolfo Vianna Martins Filho (Brasil)

Frederick Woolridge
(Reino Unido)
Oficial de Assuntos Políticos
Political Affairs Officer

Jerome Yap (Filipinas)
Assistente Pessoal do
Representante Especial
Adjunto do Secretário-Geral
*Personal Assistant to the
Principal Deputy Special
Representative of the
Secretary-General*

Major-general João Eliseu Souza Zanin (Brasil)

Zhao Huayu (China)
Policia da ONU
U.N. Police

Zhao Jianqin (China)
Policia da ONU
U.N. Police

Nações Unidas

Obrigado às Forças Armadas de todos os países que assistiram o Comando Sul na elaboração desta edição especial. Suas contribuições para salvar vidas e aportar ajuda humanitária ao povo do Haiti são reconhecidas neste número da revista *Diálogo*.



Thanks to the armed forces from all nations that assisted the U.S. Southern Command in making this special edition possible. Their contributions to saving lives and to providing humanitarian assistance to the people of Haiti are recognized in this issue of *Diálogo* magazine.



DIÁLOGO

Para mais informação, visite: www.dialogo-americas.com
ou escreva para: dialogo@dialogo-americas.com